Diário de Lisboa

Fundador: **JOAQUIM MANSO** — Director: **A. RUELLA RAMOS**

Quarta-feira, 24 de Julho de 1974 N.º 18519 — Ano 54.º — Preço 2$50

O presidente grego, general Phaedon Ghizikis, felicita Constantine Karamanlis, após a cerimónia de investidura no cargo de primeiro-ministro (Telefoto UPI-Telimprensa)

COLÓNIAS PORTUGUESAS

RECONHECIDO O DIREITO À INDEPENDÊNCIA

O direito à independência dos territórios ultramarinos é reconhecido na lei constitucional n º 6/74, publicada no Diário do Governo, I Série, de 19 de Julho e hoje distribuído Lembramos que o «Jornal do Brasil», em notícia anteontem publicada, anunciava já estar pronta esta lei que, por força de quem decreta e promulga, vale como preceito constitucional

No preâmbulo ao breve diploma do Conselho de Estado recorda-se que o Movimento das Forças Armadas, através da Junta de Salvação Nacional e dos seus representantes no Conselho de Estado, considerou conveniente esclarecer o alcance do n º 8 do capítulo B do Programento do M F A , cujo texto faz parte integrante da Lei Constitucional n º 3/74, de 14 de Maio Em consequência, o Conselho de Estado decretou e o presidente da República promulgou o seguinte, para valer como lei constitucional:

ART.º 1.º *O principio de que a solução das guerras no Ultramar é política e não militar, consagrado no n.º 8, alínea a), do capitulo B do Programa do Movimento das Forças Armadas, implica, de acordo com a Carta das Nações Unidas, o reconhecimento por Portugal do direito à autodeterminação dos povos.*

ART.º 2.º O reconhecimento do principio da autodeterminação, com todas as suas consequências, inclui a aceitação da independência dos territórios ultramarinos e a correspondente derrogação do artigo 1.º da Constituição Política de 1933.

O caso da Guiné será resolvido até Setembro

Diz Veiga Simão

NAÇÕES UNIDAS, (New York), 24 (EFE-ANI) «E muito importante a próxima visita a efectuar a Lisboa pelo secretário-geral Kurt Waldheim, tanto para a aceitação da sinceridade da nova política portuguesa, quanto aos territórios africanos, como para os movimentos de libertação dos mesmos» afirmou a EFE ao novo embaixador português da ONU, prof. Veiga Simão.

Waldheim comunicara a missão permanente de Portugal que no dia 29 seguiria para Lisboa, a conferenciar com o presidente António de Spínola e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Mário Soares, mas a crise de Chipre fez com que a data da deslocação fosse adiada.

«Portugal deseja que a passagem à independência dos territórios que administra na Africa se efectue no âmbito das Nações Unidas» declarou também Veiga Simão.

«O CASO DA GUINÉ» É DIFERENTE

«O Caso da Guiné» é diferente do dos outros territórios» prosseguiu o embaixador, segundo o qual Portugal «tem o desejo de, na próxima assembleia-geral, patrocinar a entrada da Guiné-Bissau nas Nações Unidas».

Depois de observar que antes do dia 9 de Setembro data do início da assembleia, o problema ficaria resolvido, o prof. Veiga Simão sublinhou: «Na primeira quinzena de Agosto será dado um grande passo».

No dizer do entrevistado, diferente há-de ser o tratamento do problema de Cabo Verde, para o qual o seu Governo preconiza um referendo quanto à autodeterminação.

O antigo ministro também afirmou que Portugal está disposto a conceder a independência a Angola e a Moçambi-

Continua na pág. 24

Governo civil na Grécia

Fim de sete anos de regime militar

ATENAS, 24 (R e F P) O político conservador Constantine Karamanlis regressou hoje à Grécia, após um exílio de 10 anos, e tomou posse do cargo de primeiro-ministro de um Governo de Unidade Nacional, pondo assim fim a um regime militar que durava há sete anos

O antigo primeiro-ministro, de 67 anos, foi chamado do exílio de Paris a noite passada, pelo presidente Haedon Ghizikis, tendo recebido uma apoteótica recepção quando chegou ao aeroporto de Atenas, com a multidão a gritar «democracia, democracia».

Numa declaração feita à chegada ao aeroporto, Karamanlis declarou: «Estou aqui para contribuir com todas as minhas forças para o regresso do país à normalidade.»

Aconselhou os seus compatriotas a serem prudentes, pacientes e optimistas.

Karamanlis deverá fazer um discurso à nação através da Rádio e Televisão.

Espera-se que o novo primeiro-ministro apresente a lista dos ministros do seu novo gabinete ao presidente Ghizikis ao fim do dia de hoje.

Entretanto, a Comissão Central do Partido Comunista Grego (tendência do interior) declara que «a solução política de que a Grécia necessita é da construção de um verdadeiro Governo de União Nacional com a participação de todos os partidos de movimentos antiditatoriais que anunciem desde já ao povo, um programa para o restabelecimento da democracia.»

O DERRUBE DE MAKÁRIOS DESENCADEOU A QUEDA DA JUNTA DE ATENAS

LONDRES, 24 (UPI/ANI) O derrube do arcebispo Makarios da presidência de Chipre desencadeou a queda da poderosa Junta Militar em Atenas escreve K.C. Thaler em crónica distribuida pela UPI.

Um Governo civil poderá agora contribuir para uma solução menos árdua do caso cipriota, oferecendo maiores perspectivas a uma reconciliação das forças implicadas no recente conflito.

Por um acaso da história, o golpe de Estado contra o arcebispo levou ao fim do regime militar na Grécia numa semana apenas, quando todas as pressões, quer internas, quer externas, não foram capazes de o fazer em seis anos.

Quais as causas do abandono da Junta Militar?

Círculos políticos em estreita ligação com a cena política grega são da opinião de que a Junta Militar, para lá das pressões no plano internacional, consideraram mais seguro deixar os velhos chefes políticos «varrer a casa» e suportar as responsabilidades últimas das consequencias que o futuro ditará para o caso de Chipre.

Manifestações populares em Atenas

VINTE SECRETÁRIOS DE ESTADO EMPOSSADOS

Com a nomeação dos secretários de Estado das Obras Públicas, Marinha Mercante, Emigração e Emprego, respectivamente, tenente-coronel Amadeu Garcia dos Santos e os eng. José Carlos Viana, Pedro Amadeu dos Santos Coelho e José Balseiro Fragata, ficou completo o elenco dos responsáveis de todas as vinte secretarias de Estado os quais tomaram posse dos cargos em cerimónia no Palácio de Belém, perante o Presidente da República. Também tomaram posse os subsecretários dr. Armando Bacelar (Administração Judiciária) e arq. Gonçalo Ribeiro Teles (Ambiente), faltando nomear os titulares dos Subsecretariados da Administração Interna e da Comuni-

Continua na pág. 24

24 PÁGINAS

NACIONAL

TRÊS MESES DEPOIS

Três meses se passaram sobre o 25 de Abril.

Se pouco se andou para diante, no sentido de uma autêntica democratização do País, já se viu alguma coisa. O bastante para que os bispos portugueses nos viessem dizer que houve o derrubamento do fascismo em 25 de Abril.

Nós já sabíamos (há três meses), mas as verdades são para serem ditas e repetidas. E comentadas. E explicadas.

Três meses se passaram sobre o 25 de Abril. Já ultrapassamos uma crise e o Segundo Governo Provisório da Segunda República está a começar as suas tarefas. As tais «tarefas ciclópicas» que o «outro» anunciou mas não soube resolver.

Tarefas que têm de ser resolvidas com o Povo e a favor do Povo. A três meses do 25 de Abril, a segunda etapa do Governo Provisório pode ser decisiva nesta batalha. Oue começou há três meses.

MANUEL DE AZEVEDO

FÁBRICA DE CERAS DESTRUÍDAS PELO FOGO

Um violento incêndio destruiu completamente o barracão onde funcionava uma fábrica de ceras e lexívias, na pequena povoação de Cacilhas de Oeiras, próximo de Porto Salvo, tendo ainda posto em perigo a existência de várias casas contiguas, onde habitam catorze famílias.

O proprietário Artur Rodrigues Gomes, que já foi vítima de dois incêndios em fábricas dos mesmos produtos, que tem montadas em Algés, fugiu do local assustado com a rapidez da propagação das chamas, tendo voltado mais tarde.

Compareceram os Bombeiros Voluntários de Oeiras, Paço de Arcos, Algés, Barcarena, Parede, Carcavelos, Estoril e Dafundo, que lutaram até às 21 e 30 para dominar as chamas, tendo os seus esforços sido dificultados pela falta de água.

Os prejuizos são totais e não estão cobertos pelo seguro.

PRIMEIRO-MINISTRO E DIRIGENTES DE PARTIDOS

O Primeiro-Ministro, coronel Vasco Gonçalves, recebeu em audiência os membros do Directório da Democracia Cristã e membros destacados do Partido do Centro Democrático Social, com quem apreciou o actual momento político português.

O coronel Vasco Gonçalves esteve, à noite, no Teatro Nacional de São Carlos, onde assistiu à apresentação integral da obra balética «A Bela Adormecida», de Tchaikowsky, tendo no intervalo felicitado os artistas estrangeiros participantes no espectáculo.

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CAMPISMO E CARAVANISMO

CONVITE

Por considerarmos da máxima importância o apelo feito a todas as colectividades para se encontrarem presentes na manifestação que se realiza, no dia 25 (Quinta-feira) pelas 21 horas, em Lisboa, no Estádio 1.º de Maio, por iniciativa de todos os partidos políticos da coligação governamental, em apoio ao Governo Provisório e à firme decisão do Movimento das Forças Armadas, em assegurar a democratização do País em curso, esta Federação convida todos os campistas a integrarem-se em tão significativa e justa homenagem.

A nossa posição fundamenta-se não em qualquer tomada de posição política em particular, mas na defesa intransigente do processo democrático, porque só este poderá garantir o desenvolvimento e a manutenção de um turismo popular, que desde há muito vimos defendendo. Convém reafirmar que a adesão colectiva a este acontecimento será uma tomada de posição na defesa dos nossos mais legítimos anseios.

MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

O ministro da Administação Interna, tenente-coronel Costa Braz, recebeu em audiência, no seu gabinete de trabalho, o presidente da Imprensa Nacional, eng. Higino de Menezes.

A ACTIVIDADE DO PARTIDO SOCIALISTA EM AVEIRO

AVEIRO, 24 — A Comissão Instaladora do Partido Socialista nesta cidade, constituído pelos srs. drs. Costa e Melo (advogado), Sousa Santos (médico), Carlos Candal (advogado) e Briosa e Gala (médico) reuniram-se com os representantes dos órgãos da Informação para lhes transmitirem alguns elementos relativos à actividade daquele partido na cidade de Aveiro.

Foi noticiado que a sede do partido estará pronta a funcionar dentro de duas semanas e ficará instalada no Largo da Praça do Peixe, para o que se procede neste momento às necessárias adaptações.

Como actividade futura estão programadas sessões de esclarecimento e de informação de política elementar; reuniões de classes profissionais; serão também realizados colóquios assim como reuniões dos inscritos no partido, tanto a nível concelhio como distrital. Outro projecto diz respeito à organização de uma biblioteca pública com obras de índole político (geral e partidária).

Entretanto, a secretaria continuará a funcionar na Travessa do Governo Civil com o seguinte horário: 18 e 30 às 20 horas e 21 e 30 às 23.

MÁRIO SOARES EM AVEIRO

No próximo domingo às 21 e 30, no Pavilhão Ginno desportivo efectua-se o primeiro comício do Partido Socialista que será presidido por José Magalhães Godinho. Serão oradores Mário Soares, Salgado Zenha, Raul Rego, Lopes Cardoso, Carlos Lage, Vítor Gil, José Luís Nunes, Costa e Melo e Carlos Candal.

COIMBRA

1500 PESSOAS NO COMÍCIO DO MRPP

COIMBRA «A semana das 40 horas é a reivindicação fundamental dos trabalhadores, já que o aumento de salários é facilmente recuperável pela burguesia através do aumento do preço dos produtos» defendeu o delegado do Comité Lenine ao abordar a questão do Pão, no comício que um grupo de simpatizantes do MRPP promoveu ontem, à noite, no Centro de Recreio Popular do Bairro Marechal Carmona, em Coimbra.

Encontravam-se presentes cerca de mil e quinhentas pessoas. Nas paredes da sala viam-se diversas palavras de ordem pintadas em grandes cartazes vermelhos, bem como numerosas bandeiras da organização maoista.

O representante do Comité Lenine, referiu-se ao golpe militar de 25 de Abril e à sua natureza de classe, para enunciar as grandes causas que teriam determinado a queda da camarilha marcelista e a sua substituição pela Junta e pelo Governo Provisório. Citou as heoicas lutas dos povos das colónias, a luta do nosso próprio povo, as contradições crescentes do imperialismo mundial e a sua crise, cujas consequências se reflectem no nosso País com grande nitidez, assim como o progresso e o crescimento do marxismo-leninismo-maoismo e a sua ligação íntima com a luta de classes no nosso País.

Depois de afirmar que actualmente «uma grande crise abala até ao mais fundo dos seus alicerces, a sociedade portuguesa», o orador disse que o MRPP constitui, desde a data da sua fundação (18 de Setembro de 1970) «a única força de esquerda verdadeiramente revolucionária».

Abordando a questão da guerra colonial, o delegado do Comité Central do MRPP declarou que a «paz só é possível» mediante a «separação e completa independência para os povos das colónias», para concluír: «Nós pensamos que a Junta e o Governo Provisório não podem resolver nenhum dos problemas do povo português» disse.

Um dos simpatizantes do MRPP que convocaram o comício descreveu as «manobras dos revisionistas» que tudo tentaram para sabotar o comício, desde «telefonemas anónimos a chantagens». E revelou ainda que «os pides já andavam à solta nas ruas de Coimbra».

Um redactor de «YENAN», jornal de cultúra nova do Circulo de Democracia Popular 12 de Outubro, tomou a palavra para evidenciar a necessidade de criar uma «cultura nova» na senda da «Revolução Democrática e Popular». Um estudante, em nome da organização regional da Federação dos Estudantes Markistas-Leninistas, disse a determinada altura: \$Quem diz Coimbra diz estudantes, costuma dizer o povo. Mas os estudantes não são já aqueles doutores aristocráticos. Os estudantes hoje lutam ao lado do povo e sob a direcção da classe operária». Uma funcionária pública e um trabalhador da Marinha Grande tomaram também a palavra no comício para focarem alguns aspectos da luta popular.

Foi prestada homenagem aos movimentos de libertação nacional, MPLA, FRELIMO, PAIGC e MLSTP.

O comício encerrou com os presentes gritando «Abaixo o revisionismo», «O povo vencerá», «Nem fascistas, nem liberais, nem revisionistas. República Democrática e Popular»

A lista "A" do Sindicato dos Profissionais de Hotelaria

Foi tornada pública a lista A dos candidatos aos corpos directivos do Sindicato dos Profissionais da Indústria Hoteleira do Distrito de Lisboa. Entre outras afirmações, declara-se nesse documento:

«Estamos conscientes de que devido ao estado precário em que o regime fascista das «cem famílias» exploradoras do povo português, deixou a estrutura económica do País, não é possível satisfazer de imediato, algumas das mais justas reivindicações dos trabalhadores. Todavia, não deixaremos que a utilização abusiva desta justificação correcta, impeça a satisfação imediata dos mais elementares direitos. Por isso, exigiremos que os acordos já conseguidos pela comissão directiva, para cerca de 90 por cento dos trabalhadores da Indústria Hoteleira e Similares, concedendo 30 dias de férias, subsídio correspondente, 13.º mês e ainda as outras conquistas de tipo sindical e social, sejam cumpridos rigorosamente e imediatamente extensivos a todos os trabalhadores sem distinção.»

Os principais pontos reivindicativos por que lutarão os componentes daquela lista, são:

«1 — Semana de 44 horas para todos os trabalhadores indiferenciadamente; 2 — salário mínimo de acordo com as necessidades dos trabalhadores e aumento automático, equivalente à subida do custo de vida, de acordo com a informação divulgada pelo Banco de Portugal; 3 — aumento da taxa de serviço para 15 por cento nos estabelecimentos onde ainda se pratica percentagem inferior; a) encarar a hipótese da abolição da taxa de serviço, substitui-la por um salário justo, depois de um estudo económico adequado e posterior esclarecimento dos trabalhadores; b) plebiscitar a abolição da taxa ou o sistema a adoptar, pelos trabalhadores que por ela são remunerados, caso tal venha a ser proposto; 4 — revisão dos contratos colectivos de trabalho e fusão dos mesmos, num único contrato, que abranja todos os trabalhadores da indústria.

Sindicato dos Engenheiros Técnicos

CONVOCA TRABALHADORES

GRANDE MANIFESTAÇÃO DE APOIO AO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS, no Estádio 1.º de Maio, dia 25, às 21.00 h.

Concentração: Alameda D. Afonso Henriques, às 20.30 horas.

A Sessão de propaganda eleitoral marcada para esse dia, na sede do Sindicato, será feita no dia 26.

A COMISSÃO EXECUTIVA
Luís Amorim

USO DA FORÇA COMO RAZÃO

Para manterem em respeito dois jovens, um dos quais menor de quinze anos, uma patrulha da P.S.P. «teve de fazer uso da força», lê-se num auto de notícia presente no Governo Civil. O auto refere depois que os dois jovens, ambos desempregados, andavam a rondar, de forma suspeita, alguns carros estacionados na Rua D. Francisco Manuel de Melo. E ao serem abordados pela polícia teriam tentado fugir. O mais velho, Jaime Rainha, ao sentir-se agarrado teria pontapeado e socado um dos agentes e daí o uso da força por parte dos elementos da autoridade. O menor foi entregue aos pais e Jaime Rainha recolheu aos calabouços.

COMÍCIOS DIVERSOS

Realizam-se hoje os seguintes comícios:

Partido Socialista Comício de esclarecimento em Sacavém, às 21 e 30 no cinema S. José.

Partido Popular Democrático

Hoje, às 21 e 30, na Escola Preparatória Fernando Pessoa, nos Olivais; e na sala dos Bombeiros Voluntários da Lourinhã. Amanhã, à mesma hora, na sede do Partido em Setúbal, Rua Rodrigues de Freitas, 23, sob o tema Previdência Social; e comício na vila de Serpa. No dia 26, comício na vila de Moura, na Escola Preparatória Francisco Arruda, em Lisboa, no cine-teatro do Bombarral. No mesmo dia, mas às 17 e 30, sessão de esclarecimento na Sociedade Recreativa da Fábrica Tudor, na Cruz Quebrada. No dia 27, às 21 e 30, sessão de esclarecimento na Casa do Povo de Runa e no Liceu Nacional de Portalegre.

Partido Popular Monárquico

Hoje, na sala de espectáculos da Fundação de Assistência Nun'Alvares Pereira, na Fonte Santa, Caparica, sessão de esclarecimento com início às 21 horas.

Partido da Democracia Cristã

Hoje, reunião política no teatro Monumental, às 21 e 30.

Comícios do P.C.P.

Prosseguindo nos comícios que tem vindo a realizar por todo o País, o Partido Comunista Português anuncia para os próximos dias as seguintes sessões: dia 25, Alcanena, às 21 e 30, no Cineteatro; dia 26, em Guimarães e em Algés, às 21 e 30 e na Charneca, às 21 horas, no campo de futebol do Clube Desportivo da Charneca; dia 27, Silves, às 21 e 30, Campo Maior, às 22 horas, Évora, no Rossio de S. Brás, Espinho, no Teatro S. Pedro e Romeira na Sociedade de Recreio da Romeira, todas estas sessões às 21 e 30, e ainda na Amoreira (Estoril), às 21 horas; dia 28, Fafe, homenagem a Joaquim Lemos de Oliveira e Gervásio Costa, às 10 e 30 e comício às 21 e 30, no Cineteatro, Elvas, às 22 horas, Figueira da Foz, às 16 horas, na Mata, Tramagal, na Sociedade Artística Tramagalense, às 18 e 30, Lagos, às 21 e 30 e Alenquer, também à mesma hora, no Pavilhão Gimno desportivo do Alenquer e Benfica; dia 29, Cartaxo, no Pavilhão da FNAT, às 21 e 30.

Morreu um militante do P.C.P.

Faleceu no Hospital de Beja, onde estava internado o sr. Joaquim Ferrão Rafael, cujo pseudónimo como militante do P.C. era Albano.

Natural de Estremoz, camponês, e mais tarde bombeiro municipal de Lisboa, Joaquim Ferrão Rafael, era activo e antigo militante do Partido Comunista Português, vivendo na clandestinidade desde 1943.

Conseguiu sempre iludir a perseguição das várias polícias políticas do regime salazarista. O P. C. P., num comunicado, presta homenagem à sua coragem, actividade e exemplar conduta durante os 30 anos em que militou clandestinamente nas suas fileiras.

O funeral realiza-se hoje, às 17 e 30, do Hospital de Beja para o cemitério de Vale de Vargo.

LUÍS DE CARVALHO E OLIVEIRA

O JULGAMENTO DOS COLABORACIONISTAS EM FRANÇA

De 1940 a 1944 a França esteve parcialmente sob o jugo alemão tendo-se libertado mercê da acção de numerosos patriotas, na generalidade populares.

Mas nem todos os franceses tinham procedido patrioticamente contra os invasores, os nazis, havendo mesmo colaboracionistas.

Impunha-se um julgamento.

Diversas questões de ordem jurídica surgiam perante um direito penal que a tradição tinha trazido de longe, no qual se avolumava a regra «nulum crimine sine lege», o que conduziria à inexistência de actos delituosos desde que anteriormente à sua prática nenhuma lei os classificasse como tais.

Mas a justiça tinha que ser feita e aqueles que tinham dado ajuda ao nazismo, qualquer que fosse o tipo de colaboração, haviam de ser condenados e espiar as suas penas.

Rompeu-se o princípio tradicional e surgiu o crime «post factuna».

A regra passou a ser a de que os crimes praticados em tais circunstâncias não precisavam de nenhuma lei anterior que os qualificasse. Impunham-se à consciência de todos, sendo a pátria, e mais largamente, a humanidade, que estavam em causa. A regra era de direito natural e o crime impunha-se à consciência de cada um. Cada francês deveria ter um critério seguro pelo qual pudesse aferir o que deveria fazer e não fazer relativamente aos nazis. Quem não teve critério e consciência sujeitou-se à condenação nas mesmas condições em que se teria sujeitado se a infracção tivesse sido cometida relativamente a qualquer lei publicada num jornal oficial. Outro grande princípio de direito penal foi também afastado: o de que não pratica crime quem obedece a lei expressa. A França tinha sido dividida pelo marechal Pétain em duas grandes zonas, uma oferecida ao domínio alemão e outra que continuava pseudo-livre sob as ordens de Pétain e seus ministros.

Todavia a legislação, de Pétain era em muitos casos colaboracionista chegando ao ponto de reprimir aqueles que naturalmente se insurgiam contra a dominação estrangeira, e não apenas estrangeira, mas dos autores dos maiores delitos até então praticados contra a humanidade — os nazis.

Pois veio a entender-se que, ainda em obediência a lei expressa, seriam tidos como delinquentes aqueles que praticaram actos colaboracionistas, contrários à independência da pátria e favoráveis ao nazismo. O afastamento destas duas regras da prática judiciária causou discussão acalorada e juristas de todo o mundo depuseram. A maioria, no entanto, foi de opinião de que na verdade, não poderiam ficar impunes os colaboracionistas do nazismo pois que tal repugnaria à humanidade e, a despeito da cobertura legal ou de os factos não terem contrariado nenhuma lei anterior, entendeu-se que a justiça popular seria a única.

Criminalistas notáveis tinham lutado por princípios de direito penal que pusessem o homem a salvo das contingências do julgamento por arbítrio pessoal. Mas um outro princípio penal se tornou necessário. Passou a entender-se, nessa ocasião, que efectivamente o direito não pode ser um instrumento rígido, mas sim flexível, de maior relatividade em relação ao tempo e aos factos. Tão legítimo tinha sido o princípio anterior «nula pena sine lege» e da não punabilidade quando o facto tivesse sido praticado em obediência à lei, como depois veio a ser o de que são puníveis todos os factos que deviam ter sido repelidos pelos seus autores em função das condições em que se verificaram. E por que os julgamentos se impunham em curto prazo, à maneira que o território ia sendo libertado, logo em cada localidade liberta se estabelecia um tribunal com um juiz e quatro jurados, simples homens do povo de reconhecida probidade.

Até os tribunais de recurso tinham constituição semelhante. A França, um tanto adversa na sua democracia aos tribunais extraordinários,

Continua na pág. 18

MARIA JUDITE DE CARVALHO

EM FAMÍLIA

Era um homem a falar em família. Não ouvi, contaram-me, enfim, ouvi dizer. Mas acredito. Até porque homens assim (e mulheres, está bem de ver), floresceram de um dia para o outro de um modo, por assim dizer, tropical. Pergunto a mim própria se não terão esquecido por completo o dia de ontem, se não terão lançado um véu sobre o passado, lançado esse passado, com ou sem véu, para trás das costas.

Mas o homem. Respeitável. Respeitado. Falando em família. Esquecido de que a família é composta por seres humanos com memória e espírito crítico. Por mais mulher, filhos e netos que essa família seja. E ele, o homem, dizia, perorava, que sim senhor, pois claro, sempre fora contra aquilo, sempre fora por isto. Ah, tinha sido o dia mais feliz da sua vida. Ele sempre dissera que... Porque a liberdade... Sim, não havia nada — nada — como a de - mo - cra - cia.

A palavra saíra com uma certa dificuldade, aos tropeções, mas saíra. Pela primeira vez na vida dos filhos e dos netos e até da mulher, que o olhavam mais ou menos estupefactos conforme as idades e a possibilidade de estupefacção — ainda. E a dita estupefacção tornou-se maior quando ele comunicou com grande à-vontade que nunca fôra, todos sabiam, não é verdade? fas - cis - ta. Outra palavra também árdua, recem-nascida nos seus lábios.

Um anjo passou.

E a sopa foi servida, sorvida. Em silêncio.

J. SILVA FALCÃO

É INADIÁVEL O SEGURO OBRIGATÓRIO DE AUTOMÓVEIS

O risco coberto pelas companhias de seguros através do ramo automóvel, expresso em danos corporais e materiais resultantes de acidentes de viação é, como se sabe, um risco que se tem caracterizado por uma variação muito rápida, de nível ascendente. O aumento de velocidade dos carros, por melhorias nesse sentido, o ritmo trepidante da vida moderna e, sobretudo, o acréscimo incessante de viaturas em circulação, além de outros factores marginais, vêm acarretando a vertiginosa maior quantificação do risco referido, concretizada esta na frequência cada vez maior de acidentes de viação que, além de danos materiais, provocam danos corporais e morte. Compreende-se assim que, na maioria dos países, se tenham adoptado medidas no sentido de aliviar os sérios convenientes que resultam dos danos corporais sofridos por terceiros, vítimas de acidentes de trânsito, para os quais não contribuiram. Procurou-se defender a posição económica dessas vítimas, em atitude que se afigura não só certa, como necessária.

Entretanto, assentaram os legisladores no principio de que toda a pessoa humana tem direito a garantia contra os danos à sua pessoa física, estabeleceu-se o direito, havia que estabelecer também uma garantia. Se o condutor do carro que provoca o acidente não possui bens próprios, suficientes para o efeito, e se não está seguro pelo ramo automóvel, dentro do quadro de um seguro facultativo, como garantir o direito criado?

ORGULHOSAMENTE SÓ

Em face dos factos apontados, fez a sua aparição e seguro obrigatório do ramo automóveis inclui o seguro de responsabilidade civil restrito a se sabe, o seguro de automóvel inclui o seguro de responsabilidade civil restricto a acidentes de viação, sendo o seguro de responsabilidade civil, conforme Cunha Gonçalves, o contrato pelo qual o segurador se obriga a garantir o segurado contra as consequências de reclamações de terceiros, para com os quais o mesmo segurado venha a incorrer em responsabilidade civil.

Foi a Suíça o primeiro país a instituir, em 1914, o seguro obrigatório de responsabilidade civil derivado de acidentes de viação. A inovação foi adoptada pela Dinamarca em 1918, pela Suécia em 1929, depois por todos os países europeus, com excepção de Portugal. Também neste domínio o Portugal-fascista se manteve orgulhosamente só.

Vale a pena referir o interesse que a Suíça tem mostrado neste campo. Na Suíça existe também a obrigatoriedade de seguros de responsabilidade civil para as bicicletas e, desde 1 de Janeiro de 1961, é também obrigatório o seguro de acidentes para os utentes de motos, condutores ou passageiros. Não custa a entender o interesse dos suíços por este tipo de responsabilidade civil, dado que a Suíça, desde há muito tempo, vem apresentando uma frequência considerável de acidentes de viação e uma frequência, também considerável, de mortes em resultado desses acidentes.

Estas frequências patenteiam-se com exuberância nos anuários da ONU (Demographic Yearbooks). É pena que as estatísticas incluídas nestes anuários não indiquem as mortes por classes etárias, nem por sexos, não sendo assim viável demarcar a proporção de mortes em função da idade e do sexo.

Por outro lado, não se verifica uniformidade na recolha dos dados apresentados, país por país, o que dificulta a comparação entre vários países. Na maior parte dos casos, considera-se como vítima a pessoa que morre no momento do acidente ou durante os trinta dias seguintes ao acidente. Portugal e a Bélgica, por exemplo, limitam o número de vítimas às que sucumbem no local do desastre ou no transporte para um estabelecimento hospitalar, a Espanha considera ainda um dia após o desastre, a Austria, três dias, a França, seis dias e, como período mais dilatado, temos os Estados Unidos, cujo período de observação vai até um ano.

Na impossibilidade de comparações suficientemente válidas entre vários países, existem os dados absolutos, muito significativos. O nosso país tem, para o ano de 1970, o coeficiente de mortos por 100 mil habitantes que se cifra em 14,7 que se reputa de elevado, de molde a agravar a carência de obrigatoriedade do seguro de responsabilidade civil derivada de acidentes de viação. Para 1955, esse coeficiente era de 6,0.

TRANSFERÊNCIA DE RESPONSABILIDADES

O carácter facultativo, em Portugal, dos seguros de responsabilidade civil fundados em acidentes de viação encontra-se definido no artigo 57. do Código das Estradas, quando se estipula que «as pessoas ou entidades civilmente responsáveis pelos acidentes de trânsito poderão transferir esta responsabilidade para quaisquer companhias de seguros devidamente autorizadas». Porém, este carácter facultativo oferece três excepções: a exploração de transportes colectivos, a utilização de automóveis e motociclos sem condutor e a condução por menores.

Nenhuma licença será passada para exploração de transportes colectivos sem que o respectivo industrial apresente apólice ou caução idónea para a garantia da responsabilidade civil, de acordo com o já referido artigo 57. do Código das Estradas, que define os valores seguráveis.

Também só podem ser concedidas cartas de condução a menores não emancipados desde que a indemnização dos danos que estes venham a provocar no exercício da condução esteja garantida até à maioridade mediante seguro por importância não inferior a 100 contos (artigo 47. do Código das Estradas).

Têm sido insistentes as recomendações de órgãos internacionais no sentido de obrigatoriedade em todos os países de seguro de responsabilidade civil fundada em acidentes de viação. Podem apontar-se, a título de exemplo: a resolução aprovada, por unanimidade, em 22 de Outubro de 1956, pela Assembleia Consultiva do Concelho da Europa e o artigo 1. da Convenção de Strasburgo de 1959. Entretanto, no relatório do Decreto n. 39672 que aprovou o Código das Estradas lê-se:

OBSTÁCULOS ECONÓMICOS

«A conveniência da obrigatoriedade do seguro, tão frequentemente referida, foi também encarada com particular cuidado. Todavia, surgiram razões de ordem económica insuperável».

Era assim no fascismo: surgiam sempre, ou quase sempre, razões de ordem económica insuperável. Entrementes, milhares de pessoas foram sendo vitimadas, a descoberto de qualquer garantia; entrementes, todos os dias inúmeras pessoas continuam a ser vitimadas, sem qualquer garantia, com o cortejo de problemas económicos resultantes. É a verdade, nua e crua. Ninguém o pode contestar.

Há, no entanto, esperanças fundadas. O Portugal do Futuro irá ter, a curto prazo, seguro obrigatório de automóveis, alinhando assim com os outros países, os desenvolvidos e os subdesenvolvidos (ou em vias de desenvolvimento, de acordo com a mentira imposta pelo crivo da extinta censura, ou exame prévio, pela nomenclatura marcelista).

Pararelalamente à instauração, finalmente, do seguro obrigatório de automóveis, outras medidas se impõem, com o fito de atenuação do gritante risco a que todos estamos sujeitos, com um maior cuidado na concessão de cartas de condução, o abaixamento da idade máxima de concessão de cartas, periódicas revisões das viaturas em circulação, limites de velocidades de acordo com as estradas, conservação destas e o controlo rigoroso do cumprimento das disposições vigentes quanto à circulação de viaturas. Quem percorre as estradas do País, de norte a sul, confirma, por forma inquietante, a necessidade destas medidas.

No entanto, para já, é inadiável o estabelecimento do seguro obrigatório de automóveis.

DOIS MORTOS NUM CHOQUE DE COMBOIOS

SETUBAL — No sítio do Caldo Verde, junto ao Bairro Camolas, registou-se um violento choque de combóios, que destruiu duas vivendas e causou ainda duas mortes. O primeiro comboio encontrava-se numa derivação ferroviária, a fim de proceder ao transporte de sacos de farinha de uma fábrica de moagem ali instalada.

Devido ao esquecimento da mudança de agulha, um combóio de vagões que vinha do Barreiro chocou violentamente com a competição, tendo esta embatido em duas vivendas. Na primeira não estava ninguém. E na segunda ficou soterrado pelas paredes e sob o peso da locomotiva, o proprietário da casa, António José Gaia, de 58 anos, carpinteiro, casado.

Compareceram os bombeiros e a G.N.R., que transportaram para o hospital, aonde chegou já morto, o maquinista da pequena composição, Celestino Antão, de 41 anos, casado, residente no Barreiro.

ARROZ MOÇAMBIQUE

Vamos de novo lançar no mercado este tão afamado e procurado arroz, que começamos a fornecer a armazenistas distribuidores, supermercados e bons estabelecimentos de mercearia.

A. D. OLIVEIRA MAGALHÃES - Exportadora, SARL
Rua Santos Pousada, 113 — PORTO
Telefone 50056/7/8/9

COSTA LINO - Importadora, SARL
Paço da Rainha, 54 - LISBOA
Telefones 530061 e 57434

NACIONAL

Standard Eléctrica

OS TRABALHADORES CONSIDERAM NECESSÁRIA UMA LEGISLAÇÃO CONTRA OS DESPEDIMENTOS

Reunidos em assembleia geral, os trabalhadores da Standard Eléctrica deliberaram ser urgentemente necessário que o Governo promulgue legislação a proibir os despedimentos sem justa causa, que sejam readmitidos todos os trabalhadores despedidos e que entretanto lhes seja concedido um subsídio, que se ponha imediatamente fim à guerra colonial pois sem isso acontecer são irresolúveis todos os problemas dos trabalhadores, que se crie um estatuto para as multinacionais, de forma a controlar os lucros e a tornar as empresas tecnologicamente independentes do estrangeiro, que se criem novos postos de trabalho e, por último, que em colaboração com os países socialistas se tomem medidas que possibilitem ao País libertar-se do capitalismo internacional.

Estas medidas propostas resultam de os trabalhadores do sector dos fabricantes de material eléctrico e electrónico, através dos seus representantes, terem alertado o Governo Provisório, por intermédio dos Ministérios do Trabalho e Coordenação Económica, para as manobras reaccionárias das multinacionais, que visavam fundamentalmente os despedimentos massivos, e por não ter o Governo agido no sentido de os evitar, existindo neste momento e neste sector algumas centenas de trabalhadores despedidos e que muito justamente se recusam a abandonar os locais de trabalho, continuando, por outro lado, a persistir o espectro de despedimento sobre largas camadas de trabalhadores, particularmente no sector do material eléctrico.

SOLIDARIEDADE

Como forma de solidariedade para com as operárias despedidas, nomeadamente no sector do material eléctrico, as operárias e demais trabalhadores da Standard Eléctrica decidiram oferecer um dia de trabalho que se destina a possibilitar a continuação da luta até à vitória final das trabalhadoras despedidas.

O dinheiro será entregue à Intersindical Nacional que fará a entrega aos trabalhadores despedidos das diversas empresas.

Suspeita de crime

O recém-nascido morreu a caminho do Hospital da Estefânia, onde a mãe, Maria de Jesus, de 24 anos, empregada doméstica, recolheu sob prisão por suspeita de infanticídio. O parto ocorreu, esta madrugada, cerca das 5 horas, no quarto-de-banho de uma residência na Rua Nova da Trindade, tendo a jovem sido surpreendida pela patroa, uma súbdita brasileira, com a criança envolvida num lençol.

Maria de Jesus nega que tivesse tentado matar o filho, mas só o resultado da autópsia poderá determinar concretamente a causa da morte do naciturno.

A Renault despediu 68 trabalhadores

A Renault portuguesa despediu 68 trabalhadores da fábrica de montagem, na Guarda. Estes, conscientes de que os despedimentos são neste momento a grande arma do capitalismo ao serviço da reacção solicitam o apoio de todos os trabalhadores portugueses na luta de solidariedade com os trabalhadores despedidos.

E acrescenta o comunicado da Comissão Provisória dos Trabalhadores das I.L.R.-Sicar: «Os despedimentos embora comunicados pela inoperante direcção portuguesa, foram certamente decididos pelos **seis** representantes do capitalismo francês, cuja presença em Portugal tem sido contestada pelos trabalhadores por ser altamente lesiva para os seus interesses e é mais onerosa para a empresa do que os **sessenta e oito** trabalhadores que escandalosamente pretendem lançar no desemprego».

Entretanto, os trabalhadores da Renault (Portugal) contam com o apoio da CGT (Confederação Geral do Trabalho França), acaba de os alterar para o facto de, devido à empresa depender juridicamente da Fase-Renault (Espanha) e esta da Renault Holding (Suiça), estarem perante manobras reaccionárias que visam inclusivamente a democratização e os objectivos sociais existentes em Portugal.

sempre **fixe**

SEMANÁRIO POPULAR

VÁ DE FÉRIAS

Mas primeiro faça a assinatura do «seu» semanário!

ATÉ FIM DE OUTUBRO PODE FAZER UMA ASSINATURA APENAS PELO PERÍODO EM QUE ESTIVER DE FÉRIAS, SEM QUALQUER AUMENTO DE PREÇO. (5$00 POR EXEMPLAR). ACEITAM-SE VALES DE CORREIO
CONTACTE: RUA CASTILHO, 185-1.º

TURISMO EM ALBUFEIRA

3 HORAS — Lisboa — Albufeira
sem serra e sem curvas

Nova estrada: Lisboa, Castro Verde, Ourique, Santana da Serra, S. Marcos, Pademe e Albufeira.

FESTAS POPULARES oferecidas em honra dos NOSSOS TURISTAS e da POPULAÇÃO LOCAL.

TODOS OS DOMINGOS às 21 horas na ESPLANADA DA PRAIA

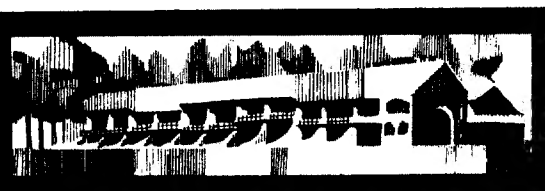
Por bandas algarvias e Ranchos Folclóricos

Nós somos:

Hotel Sol e Mar
Boite Pescador
Restaurantes: **Fernando, António, Alfredo, Internacional e Oásis.**
Residenciais: **Vila Recife, Albufeirense e Monique**
Apartamentos: **D. Fernando, Ténis, António e Al-Faghar**
Talho Max
Auto Sol e Mar — Carros de aluguer
Bota, Barata & Guerreiro — armazém de vinhos
— **ALMANSIL**

UMA ORGANIZAÇÃO DE PORTUGUESES AO SERVIÇO DO TURISMO

TRABALHAMOS MAIS por isso somos os maiores



VALORIZE O SEU DINHEIRO ...

... construa conosco a sua casa de férias no Alentejo

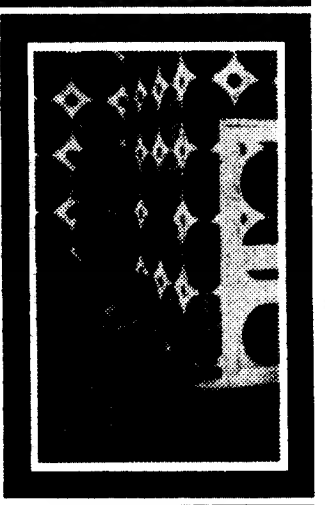
Viva as suas férias de inverno ou verão em pleno campo.
... e faça ao mesmo tempo ...
... UM BOM INVESTIMENTO ...

TURIAGRA Constroi hoje, para todos, o Alentejo de amanhã

Av. de Berna 21-3.º Dt.º — Tel. 76817[illegible]
Largo do Carmo 5-1.º — Tel. 240317
R. de Santa Catarina 12-2.º — Tel. 26800

DECOMUR um pronto a vestir para sua casa!

- papeis pintados
- alcatifas
- revestimentos plásticos
- pavimentos
- sofás
- decorações



DECOMUR AV. DEFENSORES DE CHAVES 53-C — TEL. [illegible] — LISBOA 1

TV ESPECTÁCULOS

...TERÁS A TUA PÁTRIA COMO NÓS COMEÇAMOS A TER A NOSSA

Chama-se António Cardoso. É branco. Mais do que branco: pálido. Ainda não totalmente refeito dos dez anos que passou no Tarrafal.

No Tarrafal quando? Há muitos anos, quando havia Salazar no princípio ou no meio do seu reinado? No Tarrafal de que se fala como de uma coisa que está muito longe, perdida no tempo e não já perdida na lenda da «Infâmia e Crime» (*Sociedade não Anónima de Responsabilidade Ilimitada*) porque de vez em quando se escreve e se fala disso? Não nesse Tarrafal. Mas naquele que funcionava ainda na véspera do 25 de Abril...

António Cardoso é branco, vive em Luanda. Angolano. No Tarrafal, como tantos outros de seus irmãos e camaradas pretos. Quando se tratava de reprimir, o fascismo abandonava os pruridos racistas. Agora, em liberdade, António Cardoso sonha com a sua Pátria livre. Livre na fraternidade. Livre na Paz. Livre na fruição plena da riqueza e da responsabilidade possíveis.

Há tempos, através de mesa-redonda com elementos do M.P.L.A. organizada em Argel, o princípio anti-racial ficou bem estabelecido. Angola será um grande país irmão, participado por brancos e negros de todas as etnias, sujeitos ao mesmo poder central que deverá ser representativo dos interesses das populações angolanas. António Cardoso confirma que esse poder pertence, de facto, ao M.P.L.A., pelas suas afinidades com a cultura e tradição portuguesas, pela sua doutrina social, pelos quadros que possui aptos a dirigir e a tomar conta dos destinos de Angola.

Adiante a sua hipótese de acção: a independência devia ser urgentemente proclamada, de modo a que os elementos responsáveis do M.P.L.A. e os angolanos ou portugueses mais conscientes pudessem tomar conta da situação, cobertos pelas Forças Armadas de 25 de Abril. Caso contrário, a reacção organiza-se, as condições de vida podem deteriorar-se e tudo será depois mais difícil e doloroso.

O Governo Provisório dirigido por Vasco Gonçalves tenhamos a certeza disso, vai tomar conta do assunto. António Cardoso: terás a tua Pátria, como nós começamos agora a ter a nossa. Disseste bem: o nosso inimigo era o mesmo. Há que combatê-lo onde quer que ele *ainda* se encontre.

NOTÍCIAS DO ANTIGO BLOQUEIO

Fernando Assis Pacheco entrevistou para a rubrica «*Escrever é lutar*» o poeta Egito Gonçalves. Apontou, de passagem, o facto de naquela rubrica terem passado até agora muitos dos artistas que, até 25 de Abril, viam as suas presenças vetadas na Televisão ou lá não estavam dispostos a ir, horizontais, com as mãos sobre o peito, muito domesticadinhos como só os cadáveres sabem ser.

Natural é que assim seja. Não mandaria a boa moralidade que continuassem lá as mesmas caras de antes e com a mesma insistência. Não que alguns não possam ou não devam lá ir. Devem e é bem feito. Simplesmente, caramba, um pequeno interregno até lhes faz bem. E a nós também.

Se digo isto é porque em certa Imprensa já houve quem se lamentasse de só ver agora na Televisão determinados nomes. Saudável preocupação. Só é pena a isenção acordar agora. Pelos modos, antes de 25 de Abril é que era bom, a Televisão variava que eu sei lá, acarinhava os nossos artistas, os nossos escritores, os nossos poetas, agora aquilo é um compadrio, ai que saudades da Televisão antiga...

Esqueçamos os mortos que falam. Tratemos dos que, através dos tempos, nos trouxeram em poesia notícias da resistência do seu povo. Nos trouxeram *notícias do bloqueio*.

«Notícias do Bloqueio»: eis aqui uma expressão que nos recorda imediatamente Egito Gonçalves. Que ontem, pela primeira vez nos deu a sua poesia através da Televisão. Notícias do bloqueio, quando havia o bloqueio das notícias. Quando informar, pelo jornal ou pela poesia, era uma autêntica aventura.

O nome de Egito Gonçalves pode colocar-se ao lado de muitos outros nomes de poetas que não cederam. Que não venderam, não hipotecaram, a sua arte. Que nos ensinaram a não desesperar, a construir. Por isso foi bom vê-lo na televisão. Lá onde é o seu lugar. Conquistado duramente. Sem esperar recompensas nem benesses. Num tempo em que a Televisão acintosamente os ignorava. Enquanto outros gostosamente lá iam. Não para dar notícias do bloqueio. Mas para aumentá-lo.

ALEX: O PACTO COM A ESPERANÇA

Os poetas. Semeadores da Esperança e da Resistência.

A abrir a rubrica dedicada a Alex, um poema de Carlos de Oliveira; a encerrá-la, um poema de José Gomes Ferreira. Os poetas estão com a sua gente: os heróis do povo. Os que, como eles, também não esperaram qualquer recompensa.

Alex, militante comunista, foi assassinado por José Gonçalves e sua quadrilha, em 1945. Ao pé de Bucelas. *Em Foco* vem contar-nos, com palavras simples, o que foi a sua vida. Vida ceifada quando jovem. Vida quase sem história. Operário da Parry Son, estudava à noite. Com a família a seu cargo. Casado, um filhinho doente. Para além de tudo isto, uma grande capacidade de luta, uma inabalável confiança na organização a que pertencia, no seu povo. Álvaro Cunhal fala dele com especial carinho no «*Rumo à vitória*».

Jaime Serra, Francisco Miguel, Dias Lourenço e outros companheiros vieram falar-nos de Alex. Com outros temas importantes: a guerra civil de Espanha, a solidariedade para com o povo espanhol. Mas as palavras voltavam depressa a Alex ora por Jaime Serra, seu companheiro de infância («*se é que houve infância para os portugueses no tempo do fascismo*») ora por Dias Lourenço.

Jaime Serra referiu-se à pessoa simples e cheia de humanidade de Alex. Mostrou como o verdadeiro revolucionário não pode deixar um homem bom, um revolucionário dá-se integralmente na sua humanidade. Alex tinha família, trabalhava e sacrificava-se por ela.

Faz bem em lembrar isto. Algumas pessoas ainda podem supor que os comunistas são pessoas estranhas, desumanizadas, de uma implacável dureza. O salazarismo e o marcelismo gastaram muito. Tempo e munições a espalhar essa ideia. Pois como é que iam justificar as crueldades da P.I.D.E. e todo o género de repressões e perseguições se não inventassem a mais completa panóplia de infâmias que jamais se viu.

E preciso saber-se que os comunistas se sacrificaram pela libertação do povo português. Isto deve dizer-se e conhecer-se quaisquer que sejam as nossas opções ideológicas. Os comunistas foram presos e deixaram a família na miséria. Os comunistas foram mortos e deixaram filhos indefesos. Isto tem de saber-se para se acabar de vez com as campanhas anticomunistas que, em vários sectores, começam a querer levantar cabeça.

Cabe à Televisão portuguesa um papel de grande importância na demolição desse anticomunismo que só interessa às forças da reacção. Não quer isto dizer que a Televisão se proponha a tarefa de fazer propaganda comunista. Nada disso. A Televisão deve, pura e simplesmente, não esquecer os nossos mártires, qualquer que seja a sua filiação partidária. Quando os esquecemos de nós próprios nos esquecemos. Portugal fica mais forte com o sangue dos que morreram por ele.

Como Alex, que ontem vimos, vivo na recordação dos seus companheiros e de sua irmã, Amália. Vivo nas palavras do professor de Alex, quando da sua prisão: «*O futuro do nosso país está neste rapaz e noutros como ele*».

Alex. Quatro de Julho de 1945. Em Bucelas. Assinado, a sangue, o pacto com a Esperança.

SINDICATO DOS ECONOMISTAS

Informam-se os sócios que se realiza na próxima terça-feira, dia 30, a reunião marcada para o dia 25, em virtude de se realizar a manifestação-comício de apoio ao MFA e ao G.P., apoiada pela Intersindical.

A DIRECÇÃO

Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

CCT C/ GRÉMIO NACIONAL DOS IMPORTADORES DE MATERIAL ELECTRÓNICO

Convocam-se todos os trabalhadores ligados a este sector para uma reunião a realizar no próximo dia 26, pelas 21 e 30, na Rua do Alecrim, 46-1.º, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— SITUAÇÃO ACTUAL DO CCT;
— DELEGADOS SINDICAIS;
— DIVERSOS.

São as seguintes as actividades abrangidas por este CCT:

— EQUIPAMENTO ELECTRÓNICO;
— INSTRUMENTOS ILECTRÓNICOS;
— COMPONENTES ELECTRÓNICOS;
— MATERIAL ELECTRO-DOMÉSTICO;
— MATERIAL ELÉCTRICO.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24
Todas as noites 22 h
De 4.ª-feira a sábado pelas 22 h. Matinée sábado 16 horas.
O Poema Dramático

UM BARCO PARA ÍTACA

e outros poemas de Manuel Alegre. Enc. Norberto Barroca.
Não recomendado a menores de 13 anos. Marc. tel. — 677299.

INQUÉRITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA
- Indagine su un cittadino al di sopra di ogni suspetto -

"O DIA DA VIOLÊNCIA" HOJE NO IMPÉRIO

Continua a decorrer no cinema Império o Ciclo de «Cinema Proíbido» organizado pela Casa da Imprensa. O filme a exibir hoje, «O Dia da Violência» («Bloody Mama»), foi realizado por Roger Corman, um dos mais famosos autores de filmes de terror, entre os quais se contam, entre outros, títulos conhecidos como «A Queda da Casa Usher», «O Fosso e o Pêndulo» e «A Máscara da Morte Vermelha».

«O Dia da Violência» (Bloody Mamma») é uma obra que procura gozar os filmes policiais americanos. Aliás, as palavras de Corman são significativas: «Pensei que iria haver inevitáveis comparações com «Bonnie e Clyde», e perguntei a mim próprio porque é que me haveria de meter nisso. Pensei então que, apesar de tudo, era um bom argumento e não me devia preocupar com o que alguns críticos iriam dizer seis meses ou um ano depois. Decidi fazer o filme. O «New York Times» disse que era um filme melhor do que «Bonnie e Clyde», e outros críticos disseram que era uma imitação ordinária». Assinale-se ainda que a protagonista de «O Dia da Violência» é a conhecida Shelley Winters.

O filme é apresentado em duas sessões, às 15 e 15 e às 21.30. O Ciclo continua amanhã com «O Desprezo» de Jean-Luc-Godard.

Gm/Sistema

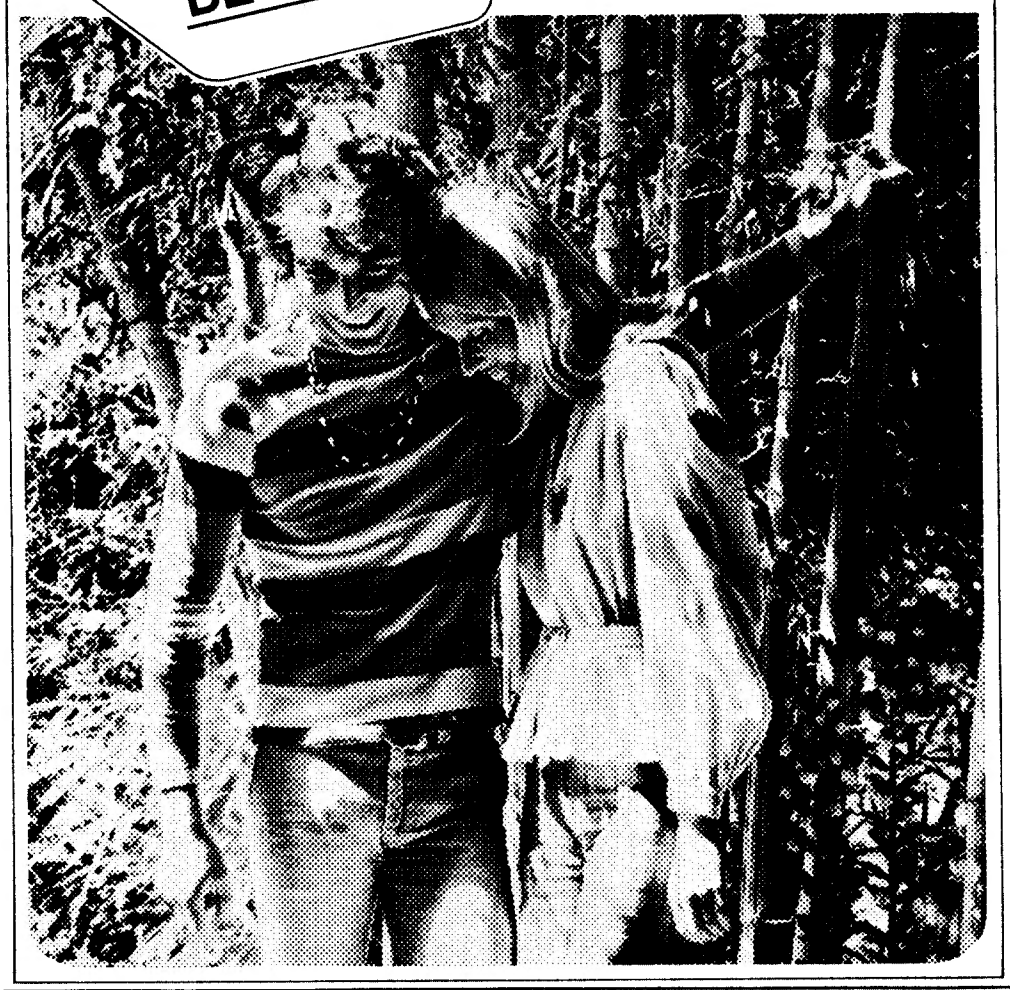
MADEIRA

cada vez mais próxima de si

7 DIAS A PARTIR DE 2.900$

Incluindo viagens aéreas, transportes entre o aeroporto e o estabelecimento hoteleiro e vice-versa, alojamento e pequeno-almoço.
Vasta gama de hotéis e residenciais ao nível do mais exigente turismo internacional.

PROCURE O SEU AGENTE DE VIAGENS HABITUAL



A ACADEMIA INTERNACIONAL DE DANÇA COSTA DO SOL apresenta
TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ
A COMÉDIA MUSICAL DA BROADWAY
HOJE ÀS 21.45 HORAS
THE FANTASTICKS
COM
DIANE TODD MATT ZIMMERMAN GORDON CLYDE
TERENCE CONOLEY — DAVID BROWNING — LIONEL TAYLOR — MINOO GOLVALA — MICHEL HARDY
A comédia musical de maior sucesso em todo o Mundo — Directamente de Londres (com o patrocínio da C. M. L.)
★
IV VERÃO INTERNACIONAL DE DANÇA
APRESENTA NO
TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
De 23 a 27 de Julho, às 21.45 horas Dia 26, às 18.30 horas
HOJE
A BELA ADORMECIDA
de TCHAIKOWSKI
(APRESENTAÇÃO INTEGRAL — 4 ACTOS)
numa produção cedida pelo THEATRE MUNICIPAL DE MARSEILLE
com as Estrelas Convidadas (por ordem alfabética)
CARROL BARRET — JEANNETTE JACQUET — ANNA-MARIE HOLMES — EDRA TOTH — GINA VIDAL — DAVID HOLMES — WOYTER LOWSKI — SIMON MOTTRAM
SOLISTAS — CORPO DE BAILE — do SUMMER FESTIVAL BALLET
(GRUPO B — 10 ANOS) A BILHETEIRA DO S. CARLOS ABRE ÀS 13 HORAS

ESPECTÁCULOS

CINEMA NO MUNDO

RESNAIS E A FICÇÃO CIENTÍFICA

JOSEPH LOSEY

Topol, Judy Parfitt, «sir» John Gielgud e Edward Fox são os principais intérpretes do filme «Galileu», em segunda semana de rodagem, sob a direcção de Joseph Losey. O argumento é da autoria de Barbara Bray e Joseph Losey.

JOSEPH HARDY

Joseph Hardy dirige na Inglaterra o filme «Great Expectation», com Michael York, Sarah Milles, James Mason, Margaret Leighton e Anthony Quaily no elenco. A música é de Mandel e Norman Sachs.

ALAIN RESNAIS

Alain Resnais prepara dois filmes de ficção científica, intitulados «O Internato» e «O Estreito de Bering».

RICHARD BROOKS

Richard Brooks é o produtor, o argumentista e o realizador do filme «Bite the Bullet», interpretado por Gene Hackman, James Coburn, Candice Bergen, Ben Johnson e Sally Kirkland.

SERGIO COBUCCI

Sergio Cobucci tem já em adiantada fase de preparação um «western» intitulado «Il Bianco, Il Giallo, Il Nero», de que serão principais intérpretes Giuliano Gemma, Tomas Milian e Eli Wallach. As filmagens decorrerão na Itália, nos Estados Unidos e na Espanha. Com esta película Giuliano Gemma regressa ao género «western», depois do intervalo em que interpretou «Delitto d'Amore», de Luigi Comencini.

UMA «MAXI» MINI-REVISTA
NUA e CRUA!
TEATRO
LAURA ALVES
NA RUA DA PALMA
Telefone 864756
Interdito a menores de 18 anos
HOJE: 2 SESSÕES
20.45 e 23 horas
Domingos «matinées» 16 h.
Poema Carlos Leo, música de Manuel da Maia, Pedro Osório e Hilário Sanches
À PAI ADÃO
FERNANDA BAPTISTA
Vítor Rosado, Maria H. Silva, Rosita Afonso e Manuel Vargas
«BALLET» INGLÊS
THE RAINBOW SELECTION
Atracção internacional
SÉRGIO e MADI
Fátima Castelar e João Callaty
os modelos Tina / Helena Sandra / Cecília
Direcção musical Hilário Sanches
PRODUÇÕES ARTISTAS UNIDOS
Direcção coreográfica de Mário Santiago
2.ª FEIRAS: DESCANSO

Teatro Maria Matos
A R. T. P. apresenta
«PORTUGUÊS, ESCRITOR, 45 ANOS DE IDADE»
de Bernardo Santareno
Todos os dias às 21.45 horas
Domingos, «matinée» às 16 horas
Segundas-feiras descanso da Companhia
AR CONDICIONADO
Bilhetes à venda
Telef. 71 70 17
Interdito men. 13 anos

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

Banquetes para 15 a 799 pessoas?
marconlur

As salas modernas e funcionais do Hotel Altis estão ao seu dispor para banquetes de 15 a 800 pessoas. E também, para cocktails, congressos e reuniões.
No Restaurante Girassol, tem o ambiente ideal para almoçar e jantar com os seus amigos, ou para festejar um casamento.
Parque de estacionamento privativo.
HOTEL ALTIS
Rua Castilho, 11 Telefs. 560071 562491 Lisboa 1

ESTREIA EM PORTUGAL
" ONTEM AO FIM DO DIA "
(BREEZY)
esquiço

WILLIAM HOLDEN·KAY LENZ
no novo e luxuoso
CINEMA TRÊS IRMÃOS
(junto ao Hotel Alvor Praia)
NO ALGARVE
INAUGURAÇÃO NO DIA 25 DE JULHO
ÀS 22.00h
grupo D - M.18 anos Filmes Lusomundo

CURSOS DE FÉRIAS
PREPARAÇÃO PARA OS EXAMES DE SETEMBRO
CURSO GERAL E COMPLEMENTAR
EXTERNATO ACRÓPOLE
RUA DAS CHAGAS, 16
Telefones: 327409-323048-363592

ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

Lauro António

"O CINEMA PROIBIDO"

. Com sessões mais ou menos esgotadas e um interesse público inequívoco, prossegue o XI Ciclo da Casa da Imprensa, dedicado ao «Cinema Proíbido».

A organização principiara por introduzir dois intervalos em cada programa, dividindo portanto, e quanto a nós muito abusivamente: os filmes ao meio, mas felizmente a anomalia está remediada e, a partir do terceiro dia, temos podido ver os filmes na sua sequência lógica. O reparo incial e o aplauso imediato aqui ficam. Quanto aos filmes, cuja selecção nos parece, de um modo geral, bastante interessante continuamos hoje a apresentar mais algumas considerações:

3. «Se...», de Lindsay Anderson (Inglaterra-1968) com Malcolm McDowell, David Wood, Richard Warwick, etc...

Lindsay Anderson é o autor de **O Jogador Profissional**, **If** e **Um Homem de Sorte**, todos os filmes com querelas importantes com a censura fascista. O primeiro passou com alguns cortes, o segundo foi proíbido até agora, o terceiro conseguiu ser exibido em versão largamente reduzida e alguns dias antes do 25 de Abril. É chegada agora a altura de ver, finalmente e na integra, um filme de Lindsay Anderson, um dos nomes mais prestigiosos do **free cinema**, um cineasta com largo passado como crítico e teórico de cinema (**nomeadamente na revista Sequence**).

If, no dizer do próprio realizador deve muito à recordação de **Zero de Conduite**, de Jean Vigo e ao estilo «épico» da dramaturgia brechetiana. Uma e outra referência são óbvias. O antepassado remoto de Anderson neste filme é Vigo, se bem que se possa falar ainda numa inumerável série de filmes que têm igualmente como ambiente o cenário concentracionário de um colégio interno e, como meta de denúncia, o conservadorismo repressivo da educação. Lembra-nos assim de repente **Os 400 Golpes**, de Truffaut, **Os Dois Indomáveis** (Kes), de Kenneth Loach, **O Jovem Torless**, de Volker Schlondorff...

O cenário de um colégio interno funciona vulgarmente como microcosmo simbólico da sociedade em que se insere. Todos os títulos atrás citados são exemplos perfeitos destas intenções. **If**, não foge à regra, através deste colégio tradicionalista e pomposo, está a Inglaterra da década de 60, aparentemente despida de algumas vestes do seu passado vitoriano, mas no fundo profundamente arreigada a uma mentalidade preconceituosa e viciada. A educação é por isso, um modelo sintomático. É através da educação, e da cultura por ela veículada, que se procura formar novos «quadros», élites que continuem a fazer prevalecer sobre a sociedade o peso de uma herança social e classicista. Não é por acaso que durante o filme se diz que todos aqueles alunos são filhos de família privilegiados que conseguem frequentar aquele colégio. Privilegiados porque economicamente podem sustentar os encargos, automaticamente priviligiados porque se encarregarão no seu futuro de defender esses privilégios. Os mantenedores da ordem, interna da disciplina os fiscais dos possíveis prevaricadores saem obviamente dessa massa de alunos. São «os melhores» entre os melhores, aqueles que conseguem consubstanciar a «essência» de um **stato quo** a perservar. Os vigilantes são cruéis e vingativos porque sentem a hierarquia instituida e a própria sobrevivência em xeque. Porque, mais do que quaisquer outros, sabem que se transigiram os valores sobre que assentam as suas verdades imutáveis rapidamente cederão perante arremetida dos «bárbaros». Não será de estranhar a severidade do castigo, um castigo tomado como desafronta pessoal. Será a vulnerabilidade das suas posições que tornarão necessárias e imperiosas as reprimendas, a tentativa de aniquiliação de todo e qualquer foco de rebelião. Perante este estado de coisas compreensível e óbvia é a revolta. Revolta que se pode exprimir das mais variadas formas desde uma tomada de consciência institiva perante a injustiça à acção sistemática e crítica do, revolucionário consciente da força da sua prática. No filme de Lindsay Anderson essa revolta é de raiz instintiva, joga unicamente com a dignidade amarfanhada pela opressão. As razões não são de ordem teórica, mas apreendidas empiricamente da realidade circundante. O que torna a revolta mais agressiva e com menos possibilidade de controlo. Donde a agressividade «bárbara» da revolta finalmente empreendida por uma minoria marginalizada, elementos que saem do seio dos «priviligiados», mas deles se afastam, dessolidariezados com a repressão e a injustiça institucionalizadas.

O filme de Anderson subdivi-se em oito episódios, todos eles encabeçados por uma designação incial: **O Regresso.... O Colégio; O Último Período; Ritual e Romance; Disciplina; Resistência; Na Guerra e Os Cruzados**. Nos primeiros episódios vai-se definindo o ambiente geral em que decorre a vida quotidiana no colégio. Num segundo tempo há uma aproximação, um aprofundar das diferentes forma de repressão utilizada; finalemnte, a revolta, primeiramente enunciada num tom jocoso, depois num perfeito ritual sangrento de purificação, onde não só «Vigilantes» e professores são vítimas da ira justificada dos revoltosos, mas também todos os elementos simbólicos da sociedade burguesa e capitalista. Um banho de sangue inevitável, diz-nos Anderson, se... Com este **Se** termina, como abrira o filme.

If, (não esquecer que se trata de um filme rodado em 1968), mas só estreado em 1969 acabou por ser uma obra premonitória dos acontecimentos que iria decorrer em Maio de 68. Donde o grande interesse que o filme justificou a quando da sua estreia, e a actualidade que ainda hoje ostenta. A crise das instituições e a crise de autoridade nas sociedades burguesas capitalistas continuam a ser temas de grande oportunidade.

Finalmente, um outro aspecto curioso do filme de Lindsay Anderson é o processo de construção, encadeando elementos de índole real com outros de raiz oníricos, sem que se estabeleça nunca uma fronteira vísivel e definida. Essa linha é flutuante e reserva ao espectador uma cota parte de intervenção pessoal, elaborando ele próprio uma leitura pessoal. Para tornar o processo ainda mais vago, a obra intercala algumas sequências filmadas a preto e branco e pintadas, com todo o material restante, colorido (servido pelo talento do **câmara man** Miroslav Ondricek, o operador checo que se notabilizou com os filmes de Milos Forman). Esta junção da cor com o preto e branco não obedece igualmente a qualquer intenção precisa, a não ser talvez, manter o espectador atento, alerta para um possível significado que nunca se chega a esboçar.

Um filme importante que revelou internacionalmente um actor notável, de força expressiva de mobilidade, de humor vagamente enraivecido, Malcolm McDowell, que mais tarde apareceria em **Laranja Mecânica** e **Um Homem de Sorte**, o primeiro de Kubrick, o segundo de novo da autoria de Linday Anderson.

4. São Bernardo, de Leon Hirszman (1973 Brasil) com Othon Bastos, etc...

Um romance de Graciliano Ramos, um dos mestres da moderna literatura brasileira, serviu de base ao novo estilo de Leon Hirszman (um homem que já conheciamos através de uma película prometedora: **A Falecida**). Digamos a abrir que São Bernardo não desmerece do interesse atribuído ao brasileiro Hirszman, nada acrescentando também à reputação anterior.

São Bernardo fala-nos de um pobre diabo que consegue, partindo do nada, chegar à situação de latifundiário. Na base da escalada social, o crime, a prisão a exploração toda uma aprendizagem persistente do aviltamento humano. Aprendizagem que corrompe explorados e explorador. O filme, aliás, centraliza-se na figura de Paulo que lentamente descobre a solidão que o cerca, a morte e dor que o rodeiam, à medida que o seu poder cresce e se dilata a ambição.

O cenário é de um pequeno povoado, em Alagoas, e o que mais surpreende no filme de Hirszman é efectivamente o rigoroso enquadramento dado a cada plano. Planos esses de longissíma duração, com largos e extensos diálogos, com reduzidissima movimentação dos actos dentro de cada plano que, só muito raramente transige com um movimento, uma aproximação, uma panorâmica. O imobilismo da câmara, aliado ao tom literário que não deixa o filme, tornam a obra de adesão difícil, se bem que, por vezes, a tensão existente seja bastante para captar o público. Acontece que, tratando-se de um filme que fala de temas importantes e actuais, só este ritmo lento e suícida pode justificar o verdadeiro insucesso junto do público que, durante a sua projecção, foi debandando em número considerável. O que parece confirmar uma declaração de Hirszman transcrita na folhita distribuída: **Se queremos desmistificar o problema da conci-**

Continua na pág. 9

TEMPO NOVO

informação independente

O SEMANÁRIO QUE OS PORTUGUESES ESPERAVAM

SAI BREVEMENTE

TN

tecnologia da mais alta precisão

Canon F-1

sonipol
LISBOA - PORTO - FARO
Departamento FOTO CINE
R. ANTÓNIO ENES, 9-C
LISBOA

Não é apenas uma câmara fotográfica de características sensacionais. Mais do que isso... ela orgulha-se de ser o núcleo central de todo um sistema destinado aos mais delicados problemas da fotografia moderna. De facto, quando equipada com qualquer das suas 40 objectivas ou um dos seus inúmeros acessórios, ela poderá resolver tudo... desde a fotografia ultra-rápida a 1/2000 seg. até à fotografia nocturna automática.

CANON F1: um sistema completo para macro-foto, micro-foto, tele-foto, foto desportiva e foto á distância com ou sem fios.

CANON F1: um marco significativo na história da tecnologia moderna.

VEJA-A NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

GERAL

REUNIÃO DE ENFERMEIROS

A COMISSÃO PRÓ-SINDICAL DOS ENFERMEIROS DIPLOMADOS COM O CURSO DE ENFERMAGEM GERAL E ACTUAL CURSO DE PROMOÇÃO DE AUXILIARES DE ENFERMAGEM A ENFERMEIROS, comunica que se realizará uma REUNIÃO MAGNA no dia 26 de Julho no

TEATRO VARIEDADES

às 21 horas **(dada a impossibilidade de ser realizada no Pavilhão dos Desportos, como anunciada anteriormente).**

ORDEM DE TRABALHOS

1 Informações
2 Eleição da Comissão Instaladora
3 Estabelecimento quantitativo das quotas

A Comissão Pro-Sindical

Manuel Peres, Julieta Sampaio, Marise Vicente, Costa Macedo, Irmã Guilhermina, Lima Anjo, Almeida Ribeiro, Nogueira Filipe, Amélia Lobo Fomás Magos, Cunha Teles, Alves de Brito, Carvalhão Novais, Ana Aragão, Sales Luís, José Loureiro, Ilza Ralha, Abrantes Valente, Ernesto Fonseca, Sá Nogueira.

GRÉMIO REGIONAL DOS INDUSTRIAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS DO SUL

NOTÍCIA

A pedido de um conjunto de associados que se nos dirigiram para o efeito, convidam-se todos os industriais de construção civil e obras públicas para uma reunião a efectuar na próxima Quinta-feira, dia 25, no Pavilhão Gimnodesportivo do Estádio do Benfica, pelas 15 horas, a fim de se debaterem problemas fundamentais da actividade na presente conjuntura.

CONSIDERA-SE DE EXTREMA IMPORTÂNCIA A PRESENÇA DO MAIOR NÚMERO POSSÍVEL DE EMPRESAS.

Lisboa, 22 de Julho de 1974

A DIRECÇÃO

ESCLARECIMENTO DA ADMINISTRAÇÃO DOS ESTALEIROS DE VIANA

...A propósito da publicação no «Diário de Lisboa», no passado dia 17, da notícia do despedimento dum engenheiro (militante comunista) dos estaleiros navais de Viana do Castelo, S.A.R.L., divulgado em comunicados dos Partidos Socialista e Comunista, recebemos do sr. Jaime Lacerda, em nome do conselho de administração da empresa, o seguinte esclarecimento:

...«Não se pode deixar de considerar como provisória e experimental a admissão de qualquer elemento para os quadros superiores da empresa até que tenham sido dadas provas de real adaptação às exigências do lugar. O período de 8 meses em que o senhor Tomás Lemos de Jesus esteve ao serviço da empresa não pode considerar-se excessivo para tal avaliação, tanto mais que ainda não tem concluida a parte escolar do seu curso de engenharia. As diversas opiniões desfavoráveis por parte dos serviços técnicos da empresa quanto às suas possibilidades profissionais não podiam deixar de levar esta administração a sancionar a substituição do senhor Tomás Lemos de Jesus. Reafirma-se veementemente que este problema nada tem a ver com as opções políticas de Tomás Lemos de Jesus. A nossa orientação permanece a mesma de sempre, a que levou a manter nos nossos quadros pessoas com as mais variadas filiações políticas mesmo se perseguidas pelo anterior regime».

VILAR FORMOSO E A PRISÃO DOS "PIDES"

Do nosso leitor sr. António Duarte Carvalho, de Vilar Formoso, recebemos uma carta a propósito da transcrição que fizemos de um artigo do sr. Acácio Marques, publicado nos jornais «A Defesa», de Évora, e «Brados do Alentejo». Afirma aquele leitor:

...«Diz a certa altura o autor do artigo:

...«De louvar é a atitude dos habitantes de Vilar Formoso, que em abaixo-assinado pedem a libertação dos funcionários da Polícia Internacional ou seja da ex-D. G. S., que ali habitavam».

Como V. Exa. deve calcular, causou isto certa estranheza pois, segundo se pode comprovar não houve nenhum abaixo-assinado e, se o houve, não se incluiam no dito abaixo-assinado «os habitantes de Vilar Formoso», o deixa transparecer a população desta terra.

Seria conveniente que o sr. Acácio Marques explicasse a proveniência do abaixo-assinado e explicasse ainda, no caso de o haver, se ele é dos habitantes de Vilar Formoso ou de alguns habitantes de Vilar Formoso.

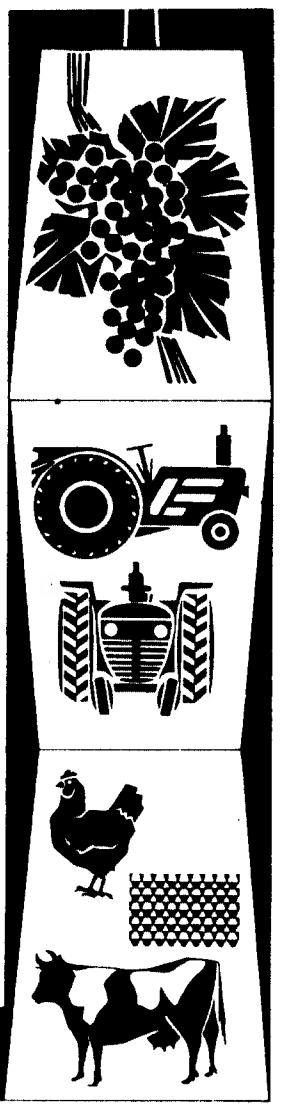
VENHA EXPOR NA AGRO 74

Sob o tema
«CULTURA DA VINHA E O VINHO VERDE NA RECONVERSÃO AGRÁRIA DO NOROESTE»

REALIZA-SE EM BRAGA DE 7 A 15 DE SETEMBRO A

VII EXPOSIÇÃO-FEIRA AGRICOLA DO NORTE

- 7 HECTARES DE TERRENO
- MAIS DE 3 CENTENAS DE STANDS
- 300.000 VISITANTES EM 1973 SENDO 30.000 EM VISITAS GUIADAS POR TÉCNICOS
- CONCURSOS DE MOTOLAVOURA
- COLÓQUIOS / CONFERENCIAS
- LARGA PARTICIPAÇÃO OFICIAL COM PAVILHÕES ESPECIAIS



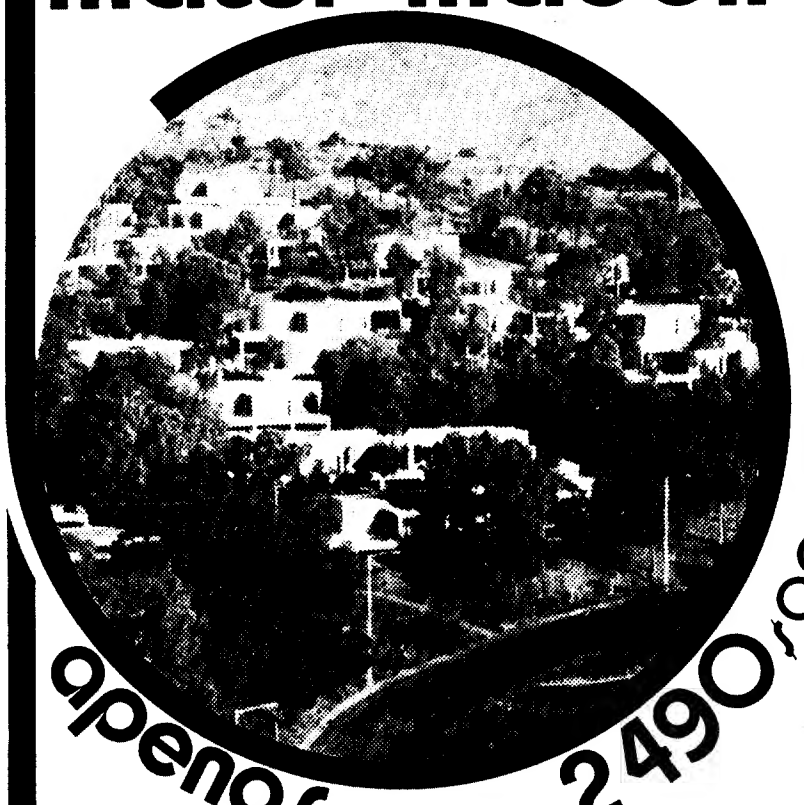
INFORMAÇÕES: APARTADO 60
TEL. 22723 - BRAGA

Diário de Lisboa

ASSINATURAS DE VERÃO
A PARTIR DE 10 DIAS

2$50 POR EXEMPLAR — ACEITAM-SE VALES DE CORREIO
RUA CASTILHO, 185 - 2.º LISBOA — 1

chegou a hora de visitar a matur·madeira



apenas 2490$00

Matur - 1ª cidade turística da Madeira
● Luigi restaurante italiano ● O Boteco ●
● Piscina Olímpica ● O Churchill's Pub ● Boite ●
● A Churrascaria do Vilão ● Ténis ● Golf ●
● Atracções todos os dias ●

Passe o fim de semana numa cidade de sonho

SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS DA MADEIRA, sarl
PARA RESERVAS:
Edifício GP, Rua Castilho 50, LISBOA 1 - Telefs. 5 88 94/5/6/9

GERAL

"A ALDEIA NÃO É UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO,,

A CASA DE PALMELA E A ALDEIA DE MAÇÃ

Do sr. Manuel de Sousa e Holstein Beck, da Casa de Palmela, recebemos a seguinte carta referente à reportagem publicada no nosso jornal de 16 do corrente sob o título «A aldeia não é um campo de concentração», elaborada a partir de declarações prestadas por «habitantes de Maçã»:

«São patentes as graves imputações feitas à Casa Palmela. Não obstante a notícia estar redigida em termos tais que em si mesmos contêm, para um leitor mais atento, a própria neutralização, há factos objectivos e frontalmente contrários à verdade que carecem de ser esclarecidos. Por mera formalidade invoco o direito de resposta que me assiste, embora esteja convencido que V. Ex.ª promoveria, de qualquer forma, a publicação desta carta. São os grandes órgãos de comunicação social um dos fundamentais suportes da opinião pública e, num clima democrático, todos deverão estar empenhados em que ela resulte de uma informação objectiva e verdadeira.

Esta advirá dos seguintes pontos:

1. A Casa Palmela não é um *feudo*, nem alguma vez impôs a quem quer que fosse um regime feudal. Manteve até há cerca de 3 meses o melhor sistema de relações humanas com todos os seus empregados e vizinhos, avesso a qualquer paternalismo ou arbitrariedade. Os habitantes do lugar de Maçã, nos contactos havidos com os meus familiares, sempre foram beneficiários (repito: num plano de justiça social e de exacta compreensão dos problemas alheios) e nunca oprimidos ou afectados na sua dignidade. Do mesmo modo, todos os meus familiares pensavam (ao que se vê erradamente) ter em cada um deles um amigo. Aliás, sempre a minha família se sentiu e quis parte integrante de Povo português (tomado como uma universalidade de cidadãos), não colidindo com essa condição a de serem descendentes de um dos Homens a quem mais decisivamente se deve a instauração do regime liberal no nosso País. Arranca, pois, a nossa «nobreza» — que agora nos é atirada ao rosto como que constituindo um ferrete — da defesa da liberdade contra, precisamente, o que poderia restar das trevas do feudalismo.

2. Nenhuma das 120 (e não 400) pessoas que no dia 14 (domingo) invadiram a nossa Quinta do Calhariz foi alguma vez afectada por qualquer acto da Casa Palmela. Era uma multidão que, como por via de regra sucede, se deixava movimentar por pessoas sem qualquer liame com a vida agrícola (um sargento-ajudante fuzileiro, um aspirante a oficial miliciano, um empregado bancário, empregados de escritório, etc.). *As terras* a que a notícia se reporta há mais de 15 anos haviam reentrado na posse da Casa Palmela, por haverem sido entregues pelos rendeiros ou por estes subarrendadas a pessoas que, por seu turno, delas se desinteressaram. Trata-se, aliás, de pequenas «courelas» em relação às quais os manifestantes até à cerca de um mês nunca tinham evidenciado qualquer interesse. Reputo, assim, que tão inesperada reacção de efeito *retardado* não visaria desmascarar quaisquer «maquinações» por nós urdidas. Os seus propósitos inserir-se-ão, infelizmente numa problemática mais vasta. De resto, na própria notícia se regista em toda a falsidade há sempre um assomo de verdade que a desmistifica — que os ascendentes ou parentes dos manifestantes haviam deixado de pagar renda. É profundamente estranhável que só volvidos, nalguns casos, mais de duas dezenas de anos, os seus descendentes ou parentes tenham sentido refluir aos respectivos espíritos o «vazio» que agora os impele à prática de actos que, em qualquer sociedade organizada, serão condenados pelo direito e pela moral.

3. O chamado «Quartel do 11» é uma dependência da exploração agrícola da Quinta do Calhariz. Foi construído, em excelentes condições para a época, para nele viverem, se assim o pretendessem, os trabalhadores que prestavam serviço na propriedade. Nessa casa continuam a viver alguns trabalhadores com plena legalidade. Mas vivem lá também, numa situação de patente abuso de uma mal compreendida tolerância, pessoas que nada têm a ver com a Casa Palmela e que não pagam qualquer renda... As diligências, sempre de carácter extrajudicial, esboçadas pela Casa Palmela no sentido de regularizar a situação vêm-se a arrastar há mais de 3 anos, sem qualquer resultado prático ou processo judicial.

4. É notório que a Casa Palmela nunca *explorou* ninguém (dentro das concepções e das estruturas possíveis do nosso País), que sempre pagou os justos salários, apenas não podendo acompanhar, na agricultura, o nível de remunerações que os manifestantes auferem como empregados bancários, professores do ciclo preparatório, etc. Foi uma justa promoção social que irradicou das actividades agrícolas os agressivos manifestantes. Não a Casa Palmela.

5. A *guarda privativa* de que se fala na notícia-comentada não é um exército de mercenários. Todos os moradores de Maçã sabem perfeitamente que se trata de 4 guardas florestais auxiliares, admitidos para cumprimento das normas legais sobre regime florestal. Não podem ter qualquer dúvida acerca disso. Faltam conscientemente à verdade.

6. Ainda alguns dos manifestantes não haviam nascido e já a Casa Palmela oferecera à Câmara Municipal de Sesimbra, espontaneamente, um terreno para a construção de uma escola, que deveria funcionar precisamente para os habitantes de Maçã. Admitiu mesmo então prestar todo o auxílio, designadamente pecuniário, que se tornasse necessário para a concretização do projecto, que não foi efectuado por razões que de todo desconhece.

Se alguma objecção agora levantou quanto à utilização da dependência de que fala a notícia, ela adveio *apenas* da total falta de condições da mesma para o efeito, além de há muito estar emprestada a um agricultor de Maçã para armazenagem de palhas.

7. Constitui puro demagogismo dizer que o lugar de Maçã está cercado e que é um «campo de concentração» (!). A Casa Palmela nada tem a ver com o que lá se passa — é apenas proprietária de algumas das edificações nela existentes. A única vedação que existe é a que separa, em parte, a Quinta do Calhariz, pertencente à Casa Palmela, desse pequeno aglomerado populacional. Trata-se de uma vedação vulgaríssima, em arame, igual à que os manifestantes possuirão nas suas propriedades. Não será, positivamente, uma reedição do «muro de Berlim». Aliás, o lugar de Maçã confina desafogadamente com a via pública e até o chamado «Quartel do 11» nele se insere sem qualquer separação com a Quinta do Calhariz. A vedação funciona em relação a parte desta Quinta (predominantemente para evitar fuga de gado), e não ao lugar de Maçã. O problema posto está completamente deslocado e os seus termos subvertidos.

8. Quanto à «manifestação ordeira» a que a notícia se refere, direi apenas que ela se traduziu no devassamento não autorizado de um prédio alheio, com ameaças de introdução violenta na casa de habitação onde se encontravam alguns dos meus familiares e eu próprio, e na imputação, em tom insultuoso, dos mais graves qualificativos e obscenidades. Foi perante a intensificação desse alarmante estado de coisas que foi pedido o auxílio da G. N. R., logo mandada retirar pelos manifestantes.

9. É difícil de descrever o estado de alarme gerado pelos manifestantes. São momentos dolorosos que nenhum ser humano poderá esquecer. Relampejava o ódio. Cada um daqueles homens e mulheres, naturalmente bons e iguais à generalidade do Povo português, que é bom e generoso, revelava, porque constituído em multidão massificada, inimagináveis propósitos. Esta a realidade objectiva e verdadeira. Uma realidade triste.

10. Democracia é liberdade. E esta é fé combativa, força moral, respeito pelos direitos dos outros homens. Essa a mensagem do 25 de Abril. E por isso se poderá dizer que naquele domingo 14 de Julho, o 25 de Abril esteve ausente do espírito e da alma dos habitantes de Maçã.»

Cinema proibido

Continuação da pág. 7

liação da crítica social com o acesso a um vasto público, é preciso enfrentar o problema da relação da nossa obra com o público. É preciso, em primeiro lugar, que ele vá ver. O nosso cinema não estabelece uma verdadeira comunicação com as camadas profundas do público brasileiro.

São Bernardo, seguramente pelo tom escolhido para a narrativa, falha o seu contacto com o público. O que poderia ser secundário para Hirszman se não fosse o prévio autor a pôr o problema.

De referir o excelente trabalho dos dois actores principais, de que conhecemos unicamente o nome de Othon Bastos (dado que a folha distribuída é omissa noutros nomes, facto que não é invulgar, dada a injustificada ausência de rigor que ostentam ao que voltaremos noutro texto).

MULHER

"ACHO QUE AS CRIANÇAS SÃO PROFUNDAMENTE PERVERSAS"

— DIZ-NOS MARIA EDUARDA REIS COLARES

Maria Eduarda dos Reis Colares tem uns olhos grandes, que nos encaram de frente. Uma aparente dureza de expressão, que é talvez o que nos choca nos primeiros contactos, não é mais afinal que a segurança de uma mulher determinada, um pouco inconstante como ela diz, devido apenas a uma avidez quase desmedida de experiências, profissionais acima de tudo, mas que acabam sempre por convergir sobre os contactos humanos que nunca a deixam indiferente e cujas reacções analisa com uma lucidez a que a deformação profissional não é alheia. Porque ela é basicamente uma profissional da publicidade, mais precisamente no ramo criativo, trabalho que encara, embora sem negar o perigo de alienação que representa, sob os aspectos por vezes aliciantes devido à possibilidade de contactos que proporciona e pela diversidade de tarefas, sem procurar justificar-se com a frase que tantas vezes temos ouvido: «é uma coisa horrorosa, quase humilhante, mas a verdade é que temos de ganhar a vida.»

Entrevista de
GINA DE FREITAS

Eduarda Colares é uma mulher directa que se encara de frente. E a nós também. Para além desse trabalho profissional, ela tem uma paixão que só não é secreta porque já por duas vezes foi patente ao público: a fotografia. E nesse campo tem um modelo preferido: as crianças. Justamente pela maneira muito pessoal de justificar ou melhor de interpretar as suas actividades, pareceu-nos que teria interesse uma pequena conversa com Maria Eduarda Reis Colares.

— Eu era muito miúda quando pela primeira vez me deram uma máquina fotográfica. Eu tinha uma loucura por fotografia, adorava ver álbuns e revistas de fotografias. Como o meu pai sabia dessa paixão, já então mais tarde, deu-me uma máquina. A verdade é que eu não era tão miúda como isso tudo, andava talvez a meio do liceu. Como se tratava de uma máquina toda automática, não se podia fazer fantasias nenhumas, mas eu procurava todas as oportunidades para tirar retratos. É evidente que dentro de pouco tempo a máquina deixou de me satisfazer. Entretanto apanhei uma máquina boa de uma pessoa que não se interessava nada por fotografia, andei com ela cerca de dois anos e foi então que comecei a fazer coisas que me pareceram realmente com algum interesse. Entusiasmei-me e comprei uma máquina para mim. Nessa altura já estava completamente apanhadinha pela fotografia.

— Mas você faz isso apenas como uma forma de satisfação pessoal, visto que nunca enveredou pelo profissionalismo?

— Nunca pensei nisso, embora neste momento esteja em parte a enveredar, não digo bem pelo profissionalismo, o que não é verdade nem poderia fazer, pois para ser profissional de fotografia é preciso uma série de conhecimentos que eu não tenho. Comecei só por gostar, nunca pensei em tirar um curso de fotografia nem nada de semelhante, que aliás não há entre nós, ou há muito pouco. O que há está escondido, não existe um esclarecimento junto das pessoas, nem sequer há palestras sobre fotografia: fazem-se palestras sobre música, sobre livros, sobre isto e sobre aquilo, mas nada sobre fotografia. As exposições também são raríssimas, de maneira que é tão difícil uma pessoa entrar dentro do mundo da fotografia profissional que eu nunca me lembrei disso, até porque como tenho de trabalhar em coisas diferentes, normalmente estou demasiado ocupada para ter tempo de ir à pesca de motivos.

— E não se sente frustada por ter de deixar a fotografia para um segundo plano?

— Em parte, mas teria mais pena se enveredasse pelo caminho profissional e digo-lhe porquê: ser profissional de fotografia em Portugal das duas uma, ou se é realmente muito bom, mas mesmo muito bom e se faz o que se quer, o que é muito difícil e nem sei se algum fotógrafo português faz aquilo que quer, ou então enveredа-se pela fotografia que é preciso fazer para viver.

— Quer você dizer a fotografia comercial?

— Pois claro, a fotografia comercial, de publicidade. E eu que estou na publicidade, vejo os fotógrafos que trabalham para mim, muitos deles em quem reconheço um valor grande e que ali estão obrigados a fazer um trabalho de que muitas vezes não gostam, como seja fotografar caixas de detergentes e embalagens de sabonetes.

— Portanto a fotografia publicitária também não lhe interessa.

— Absolutamente nada e quase me sinto menos frustrada só podendo dedicar algumas horas livres à fotografia, que se tivesse de dedicar todo o meu tempo a um tipo de fotografia que para mim é a negação da própria fotografia, embora às vezes se cheguem a fazer coisas criativas dentro disso. Mas normalmente uma pessoa tem que cingir-se a uma maquette, às exigências do cliente e está o caso arrumado.

— E a reportagem fotográfica?

— Nunca me fascinou. Embora seja evidente que gosto muito de ver uma boa reportagem fotográfica, nunca me fascinou pelo seguinte: para mim a fotografia é o apanhar de uma coisa que em certa medida está dentro de nós e que tentamos exteriorizar. Ora a reportagem é exactamente o contrário, é o que vem de fora ter connosco. Para isso acho que é preciso ter-se uma grande capacidade de actividade e eu sou um bocado passiva. Nunca seria capaz de correr atrás do acontecimento. Normalmente sou uma pessoa a quem os acontecimentos deixam um pouco estupefacta, e portanto levo tempo a entrar dentro deles. Ora um repórter não pode ser assim. Perante as coisas boas ou más fico tão encantada ou tão desesperada que realmente não consigo reagir imediatamente. Para além disso há ainda a procura estética de que eu gosto muito na fotografia. Há pessoas que preferem a espontaneidade, de que também gosto, mas gosto igualmente de uma fotografia procurada, rebuscada. O meu gosto pela fotografia espontânea leva-me a fotografar essencialmente crianças, que são o motivo mais espontâneo que há, mas por outro lado procuro por vezes colocar as crianças num certo ambiente e numa certa atitude que as pessoas consideram um bocado artificial e que não tem nada a ver com as crianças, e que eu pelo contrário considero que está muito relacionado com elas.

— Em que medida?

— Sabe, é um bocado confuso de explicar. Mesmo dentro da minha cabeça isto funciona um tanto confusamente. Enquanto para a maioria das pessoas as crianças são a inocência, a espontaneidade, eu acho que as crianças são profundamente perversas e felizmente que são. Perdem a perversidade com a idade, quer dizer depois vem a educação, vem a escola, vêm os avós e toda aquela gente que as mete na ordem e elas coitadas acabam por perder a espontaneidade da perversão. Porque todos nós nascemos com uma certa tendência para a perversão. Não no sentido de uma perversão provocada por uma sociedade que deforma as pessoas, mas uma perversão natural. Por exemplo, uma criança é capaz de ser má, uma maldade que eu acho deliciosa porque é uma maldade que não tem por fim ferir as pessoas, mas apenas a finalidade de satisfazer um instinto. Uma criança é capaz de puxar o rabo ao gato não propriamente para que o gato sofra com isso, mas porque é uma coisa que está ali e dá jeito puxar, que a diverte. A criança tem um grande sentido do humor, portanto eu acho que com ela pode-se perfeitamente procurar um ambiente rebuscado, porque a criança percebe e entra no jogo. Precisamente porque ainda não perdeu o sentido do humor. A minha filha por exemplo tem seis anos e desde os dois, três anos que entra em todos os jogos fotográficos que eu quero. Um belo dia decido fazer dela uma menina do século passado, ponho-lhe um chapéu de palha com flores, vestidos antigos e colares e ela entra perfeitamente no jogo. Portanto sai uma fotografia rebuscada, artificial, que toda a gente vê que é de facto artificial porque uma criança espontaneamente não é aquilo, mas que ao mesmo tempo tem uma espontaneidade muito grande porque a criança entrou no jogo. Dentro daquilo ser um jogo e uma brincadeira ela está a ser autêntica. É esta ligação da espontaneidade e do artificial que eu acho que se consegue com as crianças. Com os adultos já não se consegue, é diferente, eles são capazes de seguir o artificialismo todo que eu quero, posso também agarrar numa rapariga e pôr-lhe o tal chapéu e todas as outras coisas, mas no fim, na expressão, no riso, nos olhos, já não está nada daquele acreditar no jogo, o que quer dizer que é um manequim, está ali a fazer o que eu quero porque provavelmente até lhe pago para isso, visto que é um modelo profissional. Mesmo que não seja paga, continua a ser uma pessoa que tem consciência de que se está a prestar a uma coisa. Pelo contrário, a criança entra totalmente no jogo que eu quero. O que acho muito giro, por isso gosto de fazer fotografias com crianças criando ambientes perfeitamente artificiais. Tenho muita pena de não ter aqui nenhuma nesse género para lhe mostrar.

— Voltando à profissão-base, você gosta de trabalhar na publicidade?

— Gosto, porque precisamente na publicidade estou em contracto com muita coisa de que gosto. Estou em contacto com a fotografia, estou em contacto com o cinema, tudo publicitário evidentemente, mas no fim o prazer que uma pessoa tem por exemplo em assistir ao preparar de uma sessão fotográfica ou assistir à preparação de um filme, dado que o ser publicitário ou não nessa altura não interessa, é uma coisa excitante. Quer dizer, as pessoas que ali estão, os técnicos estão mesmo empenhados naquilo porque é a profissão deles. Portanto todo aquele trabalho, toda aquela acção, todo aquele movimento são coisas de que eu gosto. Por outro lado a publicidade dá-nos a possibilidade de contactar com muita gente o que para mim tem sempre interesse. Há naquilo uma certa aventura e descobrem-se coisas engraçadas. O que as pessoas são de facto, o que as pessoas consomem, o que é que as pessoas fazem. Ler um estudo de publicidade é uma coisa que eu acho interessantíssima. Ou ler respostas a um inquérito. Por exemplo, as pessoas nunca respondem aquilo que estão a pensar, respondem outras coisas completamente diferentes e através disso nós vamos realmente ver onde é que estão os recalcamentos das pessoas, as suas ambições, as suas frustrações. Com todos os seus defeitos a publicidade é uma maneira de descobrir as pessoas que eu considero com muito interesse. Da minha profissão rigorosamente em sentido estricto, escrever textos de publicidade, não gosto nem desgosto.

— Você escreveu um livro, creio.

— Escrevi. Um livro escrito aos 15 anos, que teria sido muito interessante publicar com essa idade e aliás nessa altura tive o grande apoio e a grande simpatia do Urbano Tavares Rodrigues que fez tudo para tentar publicar o livro, mas que eu agora já não publicaria. Tenho 30 anos, mais 15 do que quando o escrevi, portanto com 15 é-se adolescente e com 30 já não. O livro hoje em dia é profundamente ingénuo, não no que lá diz porque eu continuo a pensar exactamente a mesma coisa, mas a forma como os contos são escritos e arquitectados é que é profundamente ingénua. Embora curiosamente e com muita piada, um dos contos que está nesse livro tenha sido integralmente proibido pela censura, no Juvenil do Diário de Lisboa, considerado um conto imoral.

— Não fez também uma tentativa de crítica de cinema?

— Fiz algumas críticas de cinema também no Juvenil. Depois, mais tarde, quando o Lauro António publicou o Enquadramento, a revista que só durou três números e que eu espero que possa vir a reaparecer, num desses números fiz uma tentativa de crítica. Não se pode chamar-lhe propriamente crítica pois relacionado com o facto de que eu sou uma pessoa muito emocional é um bocado difícil fazer crítica autêntica, para o que aliás nem sequer tenho os conhecimentos técnicos indispensáveis. Portanto posso fazer uma apreciação sobre as personagens dos filmes, sobre o tema, quer dizer comentários sobre aquilo que o filme diz à pessoa comum, sobre as emoções. Não uma autêntica crítica.

— Portanto você nesse campo não sofreu qualquer espécie de influência do Lauro António?

— De forma alguma. Simplesmente como gosto muito de ver cinema e estou muito habituada a ver cinema permito-me por vezes fazer um certo tipo de comentários.

NACIONAL

Que todos os portugueses participem no projecto nacional de educação

—pede o dr. Vitorino Magalhães Godinho

Publicamos na íntegra o discurso ontem pronunciado pelo ministro da Educação Nacional, dr Vitorino Magalhães Godinho na conferência de Imprensa em que definiu as linhas de força que deverão orientar, com a mais alargada participação, um grande projecto nacional de educação nova

Disse o ministro da Educação Nacional:

«Entrou Portugal num processo de transformação que deve conduzi-lo à democracia e a uma Pátria que pertença realmente a todos os portugueses. Nesta transformação, desempenhará certamente um papel de particular relevo tudo quanto fizermos na Educação, porque é dos jovens de hoje que virá o Portugal de amanhã. Desempenhará um papel não menos relevante a criação cultural e a investigação científica, porque um país não pode viver apenas do legado das gerações que o precederam, tem que caminhar em frente e tem que inventar o seu futuro. É evidente que este papel da Educação como o da criação cultural se insere num processo mais amplo de desenvolvimento económico, de criação da riqueza, da promoção de justiça social e de instauração de um regime político autenticamente democrático. Mas, para que seja possível neste domínio sairmos das limitações trazidas do passado, importa que a opinião pública portuguesa tome plena consciência da situação presente e dos rumos que devem ser traçados. Esta situação, legado de meio século de fascismo, é particularmente grave neste campo, porque o fascismo foi sistematicamente a destruição da cultura. A opinião pública tem que aperceber-se do papel que a educação e a cultura desempenham necessariamente na criação de um novo Portugal. Tem ainda o direito de saber o destino que é dado aos dinheiros públicos, fruto do trabalho das classes operárias, camponesas e de todos os quadros técnicos, e de todos quantos contribuem para a criação da riqueza nacional. Tem ainda essa opinião de tomar consciência da situação presente e de conhecer os rumos do porvir pela necessidade de trabalho árduo que se impõe a todos nós, dado o fardo extremamente pesado da herança que nos foi legada. Na realidade, carecemos de recursos materiais, carecemos dramaticamente de recursos humanos. Poderemos sem dúvida utilizar melhor esses recursos materiais de que dispomos, e convém fazê-lo. Mas convém fazê-lo com eficácia, economia de meios, concentração de esforços.

«Ora, a situação presente é o resultado de uma transformação extremamente importante na vida nacional, que conduziu a um multiplicar de experiências de extremo interesse, de excepcional importância, porque levou todos a participarem na criação da vida nacional.

DEMOCRACIA E DISCIPLINA NA ESCOLA

«As iniciativas vieram de todos os cantos. Todavia, em resultado dessa multiplicação, os casos tornaram-se tão numerosos e diferentes que se torna hoje extremamente difícil traçar um quadro de conjunto e apontar as rotas da nossa navegação. Ora, não podemos viver no dia-a-dia, na resolução de problemas minúsculos, de casos individuais, de situações locais ou de problemas sectoriais ou categoriais. Há que definir os imperativos de uma política global, há que fazer prevalecer o interesse de toda a Nação sobre os interesses particulares. Multiplicação de iniciativas, experiências diversificadas, tantas vezes faltas de normas, de rumos, conduziram a decisões unilaterais, conduziram a exceder, em muitos casos, a competência de poderes que, normal e legitimamente, devem ser assumidos. Daí um certo espírito de totalitarismo, ousemos dizê-lo, de sinal contrário. A atitude de querer impor aos outros os nossos pontos de vista em vez de procurar persuadi-los, e de dialogar realmente como é do autêntico espírito da democracia. É inaceitável que se tomem decisões unilaterais. Elas devem resultar da conjugação de esforços, da responsabilidade de quem deve tomá-las, ouvindo todos em franco e aberto diálogo. É certo também que certa tibieza por vezes ou tergiversações e o não saneamento geraram um clima de suspeita, em certos casos de ódios, justificados talvez, mas não é sobre o ódio que nós podemos construir um futuro de esperança. Há evidentemente que nos desembaraçar de todas as sequelas do fascismo sem hesitações nem complacências; mas há, também, que sermos capazes de criar um clima de colaboração sã, franca, leal, onde tenham lugar todas as tendências, onde se manifeste o pluralismo das atitudes e das convicções sinceras. A nossa tarefa tem de ser em primeiro lugar democratizar autenticamente a organização do ensino e dos órgãos de cultura. Quer dizer, neste campo, institucionalizar a democracia. Evidentemente, para isso, há que criar os diplomas legais definindo âmbitos; há que sancionar iniciativas válidas, reprovar aquelas que representem esforços sem sentido de conjunto, que não se integram numa projecção colectiva. Evidentemente, portanto, que reformar o estatuto da função pública, admitindo a sindicalização de professores e dos quadros de pessoal, que são interlocutores válidos e úteis para todo o nosso trabalho mas que não podem confundir-se com órgãos de Poder nem de exercício da administração.

ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES E GOVERNO DAS INSTITUIÇÕES

«Evidentemente, também, que, depois da repressão fascista nos cabe dar às associações académicas a plenitude de exercerem o papel que é o seu, em inteira liberdade, interlocutores válidos, também, representando os estudantes, discutindo os problemas que lhes interessam, propondo sugestões, esclarecendo a opinião pública, contribuindo para a consciencialização de todos, mas também aqui há que ver que entre as associações do tempo do fascismo que eram órgãos subservientes (a não ser na medida em que os estudantes heroicamente lutavam contra a imposição ditatorial) e um papel que não lhes está reservado, há que encontrar a justa via. Não são as associações académicas os órgãos do Governo das escolas. A escola é uma associação, é uma colaboração de professores e investigadores com estudantes e alunos, com todo o pessoal. Todos têm que exercer as suas funções respectivas, que não devem confundir-se. Evidentemente que o estudo da organização das escolas tem que fazer-se com a necessária rapidez, sabendo nós aproveitar a experiência do Maio de 68, para não sofrermos as desilusões que depois vieram. Para isso há nas escolas que não confundir o que é distinto: temos por um lado o pessoal docente, científico e técnico, com as suas carreiras próprias, com as suas provas específicas, que dependerão das comissões de especialistas, que dependerão dos seus pares e do Ministério. Haverá por outro lado, necessariamente, a administração corrente, que deve aliviar os estudantes e professores dessas tarefas burocráticas absorventes. E há o Governo geral da escola em que os conselhos ou comissões eleitas desempenham um papel primacial, comissões validamente eleitas, a partir de cadernos eleitorais feitos com isenção, onde para as quais a votação se faça por escrutínio secreto, único que é democrático, e comissões onde estejam representados os vários elementos componentes da escola e se tracem as grandes linhas da orientação dentro do contexto traçado pelo Ministério que é o contexto da política nacional ao serviço de todos os portugueses. Porque não podemos ter cada escola como um feudo independente; a escola responde perante a Nação.

«Decerto todas as iniciativas são benvindas, as reuniões de esclarecimento, de discussão de problemas, de propaganda de pontos de vista; mas essas reuniões não podem pretender esmagar minorias. Seria também a negação da democracia. Nem têm Poder deliberativo; não são órgãos soberanos; a soberania nacional exercer-se-á através da Assembleia Constituinte e depois das assembleias de deputados que resultarem dos trâmites previstos na Constituição. Cada escola não é um feudo, por isso não é soberana; integra-se num contexto amplo que é a nossa Pátria, que tem que ser uma Pátria para todos os portugueses e não apenas para alguns. A este Ministério compete assim coordenar todos os esforços e decidir, aprovar ou rejeitar iniciativas, sempre aberto ao diálogo, à colaboração, às críticas rudes que queiram fazer-lhe. Mas não sujeito a imposições, porque a imposição é a atitude fascista.

VERDADEIRA IGUALDADE DE OPORTUNIDADES

«O Ministério tem de decidir em função do interesse nacional. Cabe-lhe, seguidamente, democratizar o acesso à cultura de forma tal que cada português se torne um cidadão consciente e um trabalhador ao serviço do interesse nacional. Para isso, evidentemente criar as condições sociais e materiais que permitam a todos realizar-se segundo as suas capacidades; mas não tenhamos ilusões, não é a escola que por si vai democratizar a sociedade. Será muito mais a democratização da sociedade que permitirá a democratização da cultura. A escola pode contribuir de uma maneira importante, pode contribuir sobretudo se pensarmos que a Educação começa na fase infantil. Porque é no jardim de infância que se jogam os destinos, as carreiras dos futuros portugueses. Devemos dar uma prioridade a este aspecto, porque sabemos hoje bem que não basta abrir as Universidades se não houve à partida a possibilidade de acesso a esse convívio renovador que é o jardim de infância. Interessa por outro lado uma Educação permanente, que a cada cidadão permita integrar-se numa cultura que é movimento, que é transformação, que não é apenas herança, que não é peso morto do passado, mas que é a conquista constante do futuro. Nós temos que democratizar uma cultura autêntica; não é vender pacotilha aos portugueses. Cultura autêntica, que é rigor, que é exigência de qualidade, que não é o triunfo generalizado da mediocridade, porque o nosso fascismo é que era o regime da mediocridade. Temos, portanto, de criar um equilíbrio na formação, e na acção pedagógica entre a preparação didáctica, a maneira de ensinar e o rigor científico do conteúdo, espírito aberto. Essa atitude crítica e criadora face ao porvir que Sérgio sublinhava como sendo o fim último da Educação.

Democracia não é incompetência. Pelo contrário, a democracia é o regime dos competentes, daqueles que não foram seleccionados pelos recursos materiais da família ou por circunstâncias particulares da sua existência, por favoritismos, daqueles que foram encarreirados para as funções onde podem melhor contribuir para o bem comum e realizar a sua personalidade por uma selecção que não é um sistema de obstáculos, mas sim o melhor aproveitamento dos recursos humanos para proveito de todos. E aqui eu quero alertar a opinião pública para um problema de uma gravidade extrema que se põe hoje: é que nos arriscamos a ter, amanhã, não uma autêntica Universidade, mas escolas submersas pela irrupção de massas não preparadas convenientemente e que constituirão o futuro proletariado dos desempregados com diploma superior. Problema de gravidade extrema, porque não dispomos de condições para acolher nas escolas superiores todos estes candidatos. Temos que, pouco a pouco, ir realizando as condições para uma Universidade que crie os quadros indispensáveis à vida nacional, à medida que estas transformações económicas e sociais o exigirem, uma Universidade que seja também aberta a todos, no sentido não de os desviar das suas profissões, dos seus ofícios, porque ofício é a palavra nobre da actividade de cada um de nós, mas que seja o ensejo de uma permanente participação numa cultura viva, de uma dignificação constante da sua posição de cidadão.

O SANEAMENTO

A grande reforma do ensino passa antes do mais pela criação de um novo clima. Criação que este Ministério deseja apressar, mas que será necessariamente lenta. Haverá que extinguir certos órgãos inadequados que são uma pesada herança do fascismo. Haverá que mudar quadros, sem complacência, sem ódios, mas buscando realmente a eficácia na construção democrática. Pensamos, aliás, na criação de uma comissão nacional de inquérito para o saneamento que dirija os trabalhos em todos os sectores e nos vários pontos do País e que será presidida pelo prof. Teixeira Ribeiro.

«Mas, pense-se bem que as reformas autênticas são lentas, que não podemos de um dia para o outro transformar o fundo, o espírito da educação e da criação cultural, as estruturas em que se apoiam. Decerto podemos aproveitar as experiências já realizadas; mas muitas delas falharam ou não têm condições de viabilidade. E falharam naturalmente por impreparação, por inexperiência, porque não estávamos ainda aptos a realizá-las. Não sabíamos como agarrar nas mãos os nossos destinos. Temos todavia que as coordenar e que as situar numa política global, pensando que não podemos hipotecar o futuro, que é preferível caminhar com firmeza, gizar os alicerces sólidos, sobre os quais construir um edifício que não tenhamos necessidade de demolir todos os anos.

PROJECTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

«Apelo para a opinião portuguesa para que participem todos num grande projecto nacional de educação nova e de criação de cultura, voltado para um Portugal onde valha a pena viver. Tem que ser uma obra de todos, numa colaboração efectiva, no respeito mútuo, condição essencial, indispensável, para que esse trabalho possa realizar-se. Um grande projecto nacional que não sirva apenas uns quantos, que não se reduza a experiências de «élite», que sirva autenticamente o conjunto do povo português sem cair na demagogia fácil. Nos temos que preparar o nosso povo, temos que nos preparar todos, para ser cidadãos plenos e autênticos, para sermos trabalhadores, para, como Sérgio dizia, sermos o trabalhador-cidadão, cada qual a realizar-se assim na plenitude da sua personalidade.

Tenho esperanças que o País compreenda esta mensagem. Que ela corresponda aos anseios de todos nós. Tenho confiança em que a nossa juventude e todos os portugueses, que qualquer que seja a sua idade devem ser jovens para trabalhar na construção do futuro, participem nesta grande tarefa e aceitem esta missão de construir um Portugal livre, um Portugal para felicidade de todos.

NACIONAL

CENTRO DE ESTUDOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE NOVOS SINDICATOS

. .Está em formação um centro de estudos para a constituição de novos sindicatos (CECNS) que se propõe colaborar na criação de «sindicatos de luta contra o sistema capitalista, em ligação com os partidos políticos que defendem os interesses das classes trabalhadoras, mas com distinção de tarefas e responsabilidades» e promover «a luta unitária de todos os trabalhadores».

Para alcançar esta meta, o CECNS, que defende a organização dos sindicatos por ramos de actividades, propõe, entre outras medidas, que se lute pela democracia das estruturas sindicais», que «se proceda (...) à formação de militantes esclarecidos sindicalmente sobre a linha de rumo a seguir», que se promovam reuniões de trabalhadores nos sindicatos existentes e núcleos de adesão nas fábricas e regiões e que se constituam comissões instaladoras democraticamente eleitas dos sindicatos a criar.

O CECNS funciona provisoriamente na Avenida da República, 36, lado A-3. esq. , com os telefones 764335 e 771245.

A sua comissão organizadora é constituida por Aline Avelar de Aguiar, do Sindicato da Indústria Farmacêutica (em formação); Edgar Vilas-Boas Veloso Lei, do Sindicato dos Empregados de Escritório, sector dos Vinhos; Joaquim Pagarete Ferreira Caracol, do Sindicato dos Motoristas; e Pelágio Mattos de Madureira, do Sindicato dos Profissionais de Escritório, sector da indústria de petróleos.

O PARTIDO SOCIALISTA E OS DESPEDIMENTOS

Como lutar contra os despedimentos? Esta a pergunta a que a Comissão Sindical do Partido Socialista dá resposta num documento intitulado «Despedimentos», indicando soluções concretas a exigir do Governo e medidas a tomar pelos próprios trabalhadores.

No primeiro aspecto, a comissão defende que o Governo deve tomar imediatamente medidas sobre a disciplina do direito de despedir, por forma a não poder ser usado arbitrariamente; a interdição do despedimento por motivos alheios ao trabalho; a interdição do despedimento colectivo (devem ser os ministérios competentes a estudar a viabilidade económica da empresa); a imposição de indemnizações mais elevadas por despedimento; o estabelecimento de um seguro de desemprego; a criação de novos postos de trabalho, a fim de que seja assegurado o direito ao trabalho, através, por exemplo, de investimentos do sector público; e medidas que garantam, em caso de abandono, o cultivo das grandes propriedades agrícolas pelos trabalhadores, como, por exemplo, uma regulamentação eficaz do arrendamento rústico ou a execução de hipotecas existentes na Caixa Geral de Depósitos.

TOMAR A LUTA NAS PRÓPRIAS MÃOS

Mas «os trabalhadores não devem, no entanto, transferir a totalidade da resolução dos seus problemas para o Governo», acrescenta o documento, porque «a sua força de vontade e a sua unidade são fundamentais na luta que têm de travar contra o capitalismo».

Como exemplos concretos de luta, que têm impedido o despedimento e até o encerrar de empresas, cita-se os casos da «Applied Magnetics (Portugal)», a «Tecnividro» e a «Abis».

Precisa o documento: «Na Applied Magnetics (Portugal), onde a administração procedeu ao despedimento de 116 trabalhadores, quase todos da secção de matizes que a empresa decidiu encerrar, a assembleia de trabalhadores resolveu não aceitar os despedimentos. Os despedidos apresentam-se ao trabalho, marcam ponto e ocupam os seus locais de trabalho.

Na Tecnividro, onde a administração da empresa tem vindo despedir cada vez maior número de trabalhadores, estes, reunidos em assembleia geral, elegeram uma comissão representativa, decretaram a ocupaçadão da fábrica e continuaram a laboração normal, impedindo a entrada dos administradores enquanto estes não derem garantias. Assim, enquanto os trabalhadores continuam a garantir a produção normal, a administração trava-a.

Os trabalhadores da fábrica «Abis», ameaçados de despedimentos, em seguida a manobras e fraudes do patronato, ocupam a fábrica, decidem a expulsão imediata e total de toda a gerência, mantêm a continuidade de toda a elaboração da empresa, instituem o controlo absoluto dos dinheiros a realizar, de forma a satisfazer as necessidades mais prementes dos trabalhadores, bem como dos fornecedores».

Esta, segundo a comissão sindical do P.S., a via para, nos casos extremos, «evitar os despedimentos e a degradação das condições de vida dos trabalhadores».

3 700 DESPEDIMENTOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL

O desemprego na construção civil atinge neste momento 3700 trabalhadores, segundo constataram os respectivos representantes sindicais dos distritos de Almada, Barreiro, Covilhã, Évora, Beja, Portalegre, Faro, Leiria, Lisboa, Setúbal e Santarém, que estiveram no ministério do Trabalho a dar conta da situação e a pedir previdências.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

O ministro dos Assuntos Sociais e o secretário de Estado da Segurança Social receberam o presidente da Comissão Administrjtiva do Instituto de Obras Sociais, com quem estudaram os problemas que se põem na gestão deste Instituto, bem como das decisões a tomar para um pleno aproveitamento dos equipamentos colectivos de que dispõem.

A eng.ª Maria de Lurdes Pintalssilgo reuniu-se igualmente com os secretários de Estado da Segurança Social e da Saúde para preparar o seu programa de acção que será submetido a Conselho de Ministros.

Aqueles membros do Governo trabalharam durante a tarde de ontem com representantes da Comissão de Edifícios do seu Ministério, que fará o inventário dos equipamentos colectivos disponíveis e a planificação dos equipamentos sociais de que venham a beneficiar as camadas mais desfavorecidas da população.

GENTE NOVA NAS JUNTAS

. Foram dissolvidas as Juntas de Freguesia (lisboetas) do Beato Santa Engrácia e S. Jorge de Arroios, e nomeadas comissões administrativas para a sua gestão.

A Junta do Beato passa a ser presidida por Isaac Veríssimo, empregado de escritório, e tem também Agostinho de Sousa Dias e Manuel Gomes da Silva, igualmente empregados de escritório, além de Vítor Inácio Jr., comerciante, e Manuel Vasconcelos de Freitas profissional de seguros.

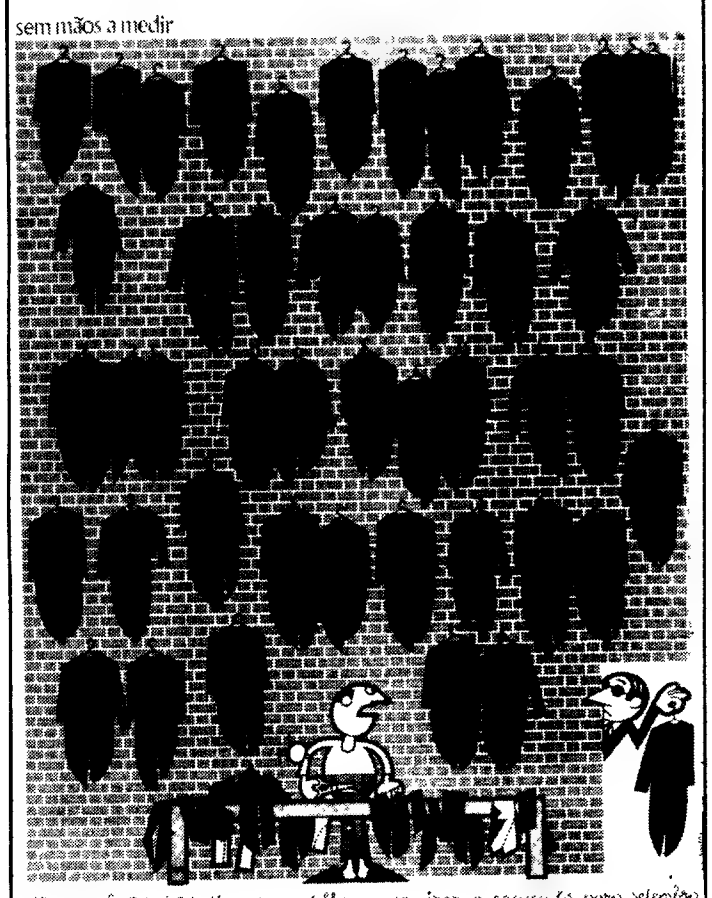
Para a Junta de Santa Engrácia foram nomeados Carlos Pinto, chefe de secção judicial (presidente), Fernando Balseiro, chefe de segurança de Petroquímica, Joaquim Reis Marques, empregado bancário, Fernando Arranha, funcionário público, José Manuel Ribeiro, empregado de escritório, José Júlio Arranha, projectista, Rogério Correia, delegado de vendas e Joaquim Claro empregado comercial.

A Junta de S. Jorge de Arroios foi preenchida com o dr. José Vinhas Novais, professor do Liceu de Passos Manuel (presidente), Fernando Moedas, gerente comercial, Glória Marreiros, professora primária do Ensino Particular, Júlio Paour, agente comercial, e José Manuel da Silva Santos, estudante universitário.

MARROCOS
PARTIDAS DIVERSAS*MODERNOS
AUTOCARROS COM AR CONDICIONADO
PREÇO 5.650$00 INCLUINDO
DURANTE 9 DIAS*TRANSPORTES E
TRAVESSIAS*HOTEIS DE 1ª CLASSE
SUPERIOR*REFEIÇÕES*VISITAS
TURÍSTICAS*ITINERÁRIO ESCOLHIDO
PROGRAMA ESPECIAL DA
MUNDIRAMA
R.DO CRUCIFIXO, Nº 33
LISBOA 2 / TELEFS
323633 / 324296
328856 363294
MUNDIRAMA
PASSAPORTES

CENTROS DE FÉRIAS
EM
APARTAMENTOS OU CHALETS
EM
BAVIERA
ALGARVE
MADEIRA
ESPANHA
ESCÓCIA
CÓRSEGA
DESDE 1.750$00 POR DIA E POR PESSOA
INFORMAÇÕES NA MUNDIRAMA
R.DO CRUCIFIXO
Nº 33/LISBOA 2
TELEFS 323633
324296
328856
363294
MUNDIRAMA
PEÇA PROGRAMA
PASSAPORTES

26
O 25 DE ABRIL
Por João Abel Manta
POSTER A CORES (76 x 61,5 cm) — PREÇO 45$00
À VENDA NA DELEGAÇÃO «DL»
NOS RESTAURADORES, 7
LIVRARIA FIGUEIRINHA, Praça da Liberdade, 68 — PORTO
(NÃO SE EXIGE CERTIFICADO DA JUNTA)
sem mãos a medir



(Os direitos de autor destinam-se ao Movimento Democrático de Artistas Plásticos)

ENGENHEIROS

Na sequência de apelo da Intersindical, a S. R. L. da Ordem dos Engenheiros convida os engenheiros a integrarem-se na Manifestação-Comício de apoio ao MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS.

O local de concentração é a Alameda D. Afonso Henriques (esquina da Guerra Junqueiro) às 20.30 horas.

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DE LISBOA

A TODOS OS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

A Direcção convida todos os associados a comparecerem na Alameda Afonso Henriques (junto à Fonte Luminosa) às 20.30 horas do dia 25 (5.ª feira).

Daí partiremos para uma GRANDE MANIFESTAÇÃO-COMÍCIO (a realizar no Estádio 1.º de Maio) DE APOIO AO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS E SEU PROGRAMA, que deverá ser cumprido pelo novo Governo Provisório.

CONTRA OS DESPEDIMENTOS
PELO SANEAMENTO
PELA DEFESA DOS INTERESSES DOS TRABALHADORES
PELA UNIDADE SINDICAL
PELO FIM DA GUERRA COLONIAL

NOTA : Pede-se a todos os DELEGADOS SINDICAIS que passem pelo Sindicato (2.º andar, sala 217) com urgência a fim de recolherem informações sobre a manifestação.
Não deixes de cumprir esta importante tarefa !

ATENÇÃO No dia 25 os serviços do Sindicato estarão encerrados a partir das 20.00 horas para possibilitar aos trabalhadores a comparência na MANIFESTAÇÃO.

A DIRECÇÃO

ESTRANGEIRO

ESCÂNDALO WATERGATE

O presidente Nixon enfrenta uma semana decisiva

WASHINGTON, 24 (Por Rafael Alonso, da EFE/ANI) O presidente Nixon, no poder desde Janeiro de 1969, enfrenta esta semana a decisão que, de toda a probalidade, terminará a longa batalha que vem travando: ou com a sua destituição e condenação pública, ou com a sua reabilitação pessoal e política.

A história sentença, que antecipadamente está a emocionar os próprios fundamentos da presidência dos Estados Unidos, deve ser proferida no dia 26.

Constitucionalmente, a conclusão a que chegue a comissão de Inquérito, ao fim de tantos meses de investigação e da publicação em volumosos tomos de «provas» contra e favor de Nixon, não terá qualquer repercussão oficial.

A Comissão está apenas autorizada a exprimir uma «recomendação» sobre se Nixon deve ser processado constitucionalmente (Impeachment) pelas duas Câmaras do Congresso, a dos Representantes e a do Senado.

Mas é um segredo que todos dizem aqui em voz alta que, se «recomendar» o «Impeachment» de Nixon, a Comissão será seguida na sua decisão pela maioria dos representantes da Câmara e, talvez, pelos dois terços do Senado que é, em definitivo, quem tem poderes para destituir o presidente.

Washington é hoje um caldeiro a ferver de acusações políticas: a Casa Branca acusa em público a comissão judicial de estar a comportar-se com parcialidade contra Nixon e não estar a cumprir as regras do jogo próprias de um Tribunal de Justiça: «A comissão está a actuar como um tribunal de Cangurus».

A HORA DA VERDADE

As duras palavras de Zieegler dirigiram-se especialmente ao Conselheiro da Comissão Judicial, John Doar, que pela primeira vez pediu em público aos elementos da comissão para se declararem contra Nixon considerando-o culpado de obstrução à justiça e de encobrimento de um delito no Escândalo de Watergate.

A opinião pública norte-americana prevê que a comissão judicial vote, de facto, contra Nixon e o próprio presidente já deu a conhecer a sua previsão no mesmo sentido por intermédio do porta-voz oficial da Casa Branca. Mas neste momento, quando a hora da verdade se aproxima, os norte-americanos, em grande percentagem, parecem acreditar ainda que a Câmara dos Representantes possa não seguir o exemplo da Comissão.

A posição adoptada pelo presidente não é aprovada por muitos. As provas que a comissão está a divulgar quase diariamente contra Nixon acusam-no de ter dicutido a conveniência de comprar o silêncio dos implicados no caso Watergate e de ter feito o possível para encobrir o que se passara, sendo sabedor dos acontecimentos muito antes da data em que afirma ter tido conhecimento dos mesmos.

As acusações, baseadas nas conversas gravadas e transcritas pela comissão num volume recentemente publicado, demonstram no entender de peritos que as estudaram que o presidente terá excedido, de facto, as suas atribuições constitucionais, ordenando iniciativas ilegais ou consentindo que fossem tomadas, pelo menos por não controlar as actividades dos seus directos subordinados. Encontram-se neste número o assalto ao consultório de um psiquiatra e o caso dos «Canalizadores» do edifício Watergate.

UM HOMEM ACABADO?

Com uma dezena dos seus antigos homens de confiança na cadeia ou com sentenças já cumpridas ou prestes a cumprirem-se, Nixon é o único dos atingidos pelo escândalo de Watergate que tem conseguido sobreviver à acção da justiça.

Agora, porém, ao aproximar-se a decisão da Comissão Judicial, há quem preveja que o presidente Nixon será, dentro em breve, um homem acabado do ponto de vista político, pelo menos e que os Estados Unidos terão um novo presidente antes do fim do ano.

Os partidários de Nixon (que estão a diminuir de forma alarmante, aliás, de dia para dia) entendem que o congresso, a Imprensa e a opinião pública estão a tratar o presidente de forma injusta. E esta, igualmente, a opinião do próprio Nixon.

Justa ou injustamente, porém, a realidade política não parece que seja outra: a cadeia de jornais «Knight», de tendência conservadora e que se manteve por muito tempo com os seus 16 periódicos na defesa intransigente do presidente, aderiu agora aos clamores dos que pedem a sua destituição, como único remédio para acabar com a crise interna dos Estados Unidos.

«O caso de Watergate destruiu a confiança pública em todos os níveis do Governo» dizia um editorial do fim de semana publicado simultaneamente nos dezasseis periódicos e pedindo que o vice-presidente Ford passe a ser o primeiro mandatário da Nação e constitua um governo de coligação nacional capaz de fazer frente à crise.

O progresso do turismo abrandou em 1973

PARIS, 24 (F.P) Um estudo da O.C.D.E. mostra que o progresso do turismo que tinha abrandado o ano passado virou para a diminuição pura e simples nos primeiros meses deste ano. «Pode haver julga a O.C.D.E. uma melhoria nos meses de Verão». Em 1973, o número dos turistas aumentou somente 4 por cento, contra 7 por cento em 1972.

Em 1973 foram outra vez os Estados Unidos que tiveram as receitas turísticas mais elevadas com 3250 milhões de dólares, seguidos pela Espanha (3216 milhões), a França (2390) milhões, a Itália que, passou do terceiro para o quarto lugar com (2373 milhões), a Austria (2190 milhões) e a Alemanha Federal (2183 milhões).

Quanto aos países que nesse ano mais gastaram com o turismo foi a Alemanha Federal, que passou a este respeito à frente dos Estados Unidos e teve uma saída de divisas, através dos turistas de 6504 milhões de dólares. Os Estados Unidos tiveram uma saída de 5371 milhões de dólares. A França ocupou o terceiro lugar (2155 milhões de dólares), o Canadá (1742) vindo a seguir a Inglaterra (1665 milhões de dólares) e a Itália (1459 milhões).

AFIRMA CARRILLO:

POSSÍVEL EM ESPANHA A PASSAGEM PARA A DEMOCRACIA

PARIS, 24 (F. P.) Torna-se agora possível fazer em Espanha a passagem não violenta da ditadura para a democracia declarou nesta cidade Santiago Carrillo, secretário-geral do Partido Comunista Espanhol, numa análise que fez à Comissão Central do PCE, reproduzida pelo jornal comunista francês «L'Humanité».

Para Carrillo «Franco está já morto, pelo menos politicamente» e essa passagem deve fazer-se sem «perder mais tempo». A mudança passa «pela reconciliação nacional e a instauração de um Governo provisório democratizado, formado por forças de esquerda e da direita, o qual garantiria o equilíbrio e a paz cívica internas durante o período constituinte até que ao país se dê um quadro legal».

O PCE está pronto a facilitar essa passagem, a «criar as condições políticas mais favoráveis para abordar com espírito construtivo os graves problemas sociais e económicos a que a Espanha tem de fazer frente». O PCE afirma que pela sua parte nunca contribuirá para manter «um regime que não seja o resultado da vontade popular, sem ambiguidade».

Carrillo em nome do seu partido chama todos os espanhóis a tomarem consciência da situação, «a classe operária e as forças avançadas da sociedade a demonstrarem firmeza, clarividência, combatividade para que o fim de Franco seja o princípio da liberdade e da democracia em Espanha».

As estações orbitais serão autênticas fábricas no Cosmos

PARIS, 24 (F.P.) Quais serão os processos tecnológicos no Cosmos? Quais deles serão organizados à escala industrial? Isto é, quais deles serão rendíveis?

A estas interrogações responde o piloto-cosmonauta Viktor Gorbatko, membro da tripulação da Soyuz-7, em declarações reproduzidas pelo boletim URSS, editado pelo gabinete soviético de Informação em Paris.

Segundo Gorbatko, os processos que serão organizados à escala industrial serão as operações tecnológicas cuja organização na terra é difícil, tanto pelo custo como pela sua complexidade. Ao utilizar o termo «produção no cosmos», claro que não se podem empregar as categorias terrestres. As bitolas e o peso dos produtos fabricados serão limitados, mas as qualidades unidas dos artigos produzidos em estações orbitais cobrirão amplamente as despesas.

Citando alguns exemplos de cadeias tecnológicas eventuais a bordo das estações orbitais, o piloto-cosmonauta soviético enumera:

«O fabrico de ligas homogéneas a partir de componentes cuja mistura na terra é impossível. Estas ligas têm propriedades eléctricas únicas. Em órbita, pode-se aliar o metal e o vidro, o metal e a cerâmica. Os materiais ditos espumosos têm boas perspectivas. Na terra, sob o peso do metal fundido, o gás escapa-se da massa fundida, enquanto que no Cosmos na ausência de gravidade, pode obter-se um aço espumoso, leve como a madeira e sólido como o aço normal. Os construtores de obras espaciais necessitam muito deste tipo de desaço»

E continuando:

«Na terra é impossível obter produtos com uma forma esférica ideal, ou materiais com elevado grau de pureza.

No Cosmos isto é possível. Assim podem-se fabricar os vidros para as objectivas de aparelhos ópticos».

«A cultura de cristais na ausência de gravidade apresenta-se de grande interesse. Na Terra, cultivam-se os cristais de sílica para os transistores. No Cosmos, esses cristais podem atingir dimensões dez vezes superiores ao que se consegue na Terra» afirmou Viktor Gorbakto, acrescentando:

«A medicina obterá produtos únicos, como por exemplo, as vacinas, a falta de gravidade permite produzir vacinas extra puras, com um rendimento impensável na Terra, devido ao crescimento mais rápido dos microrganismos».

Resumindo, as estações orbitais serão, mais tarde ou mais cedo, autênticas fábricas no Cosmos. No futuro, poderemos comandar complexos industriais em órbita. E esta é uma das principais directrizes do desenvolvimento da cosmonáutica.

MORREU O SENADOR WAYNE MORSE

PORTLAND (Oregon), 24 (F. P.) O antigo senador Wayne Morse (democrata do Oregon), faleceu na segunda-feira com 73 anos devido a colapso cardíaco-renal. Dera entrada quarta-feira passada num hospital de Portland devido a infecção das vias urinárias.

Conhecido pela rudeza do seu falar, Morse foi um dos dois senadores que se opuseram à política vietnamita do presidente Lyndon Johson, votando contra a célebre moção do golfo do Tonquim que era, na realidade, uma declaração de guerra do Vietname do Norte.

CÂMARA DE GÁS PARA CÃES

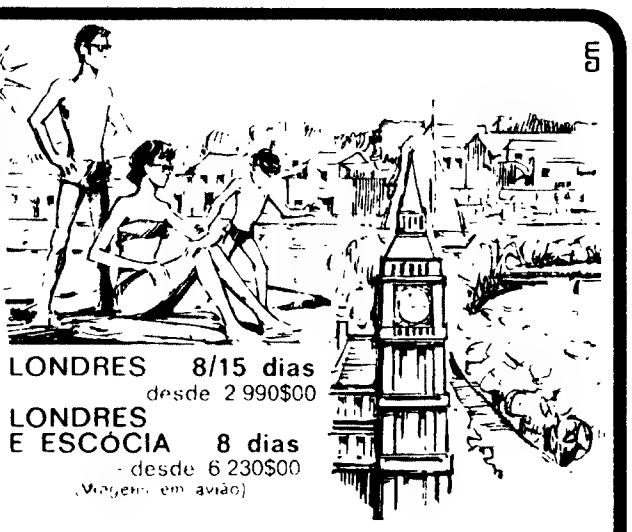
MONTERREY (México), 24 (EFE-ANI) As autoridades de Monterrey instalaram uma câmara de gás nesta cidade para acabar com os cães vadios, recentes causadores de dois casos fatais de hidrofobia.

Calcula-se que actualmente estão a ser tratados em hospitais uns cem homens e mulheres mordidos nas últimas semanas por cães vadios.

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA
R. DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila) — Telefs. 4 47 30 e 55 35 75
CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA
OFICIALIZADO POR DESPACHO DE 27-5-1971
PREPARAÇÃO PARA
SECRETÁRIAS
E
CORRESPONDENTES ESTENODACTILÓGRAFAS
EM
PORTUGUÊS, FRANCÊS E INGLÊS

HABILITAÇÕES MÍNIMAS PARA INSCRIÇÃO	DURAÇÃO DO CURSO
4.ª classe ou 1.º ano do Ciclo	5 anos
Frequência dos dois anos do Ciclo	4 anos
Frequência do 5.º ano de letras	3 anos
» » curso comercial	3 anos

ENVIAM-SE BROCHURAS COM A ORGANIZAÇÃO DO CURSO

VIAGENS APOLO 74
EM AVIÃO
MADEIRA 8/15 dias desde 2 900$00
MAIORCA 8/15 dias desde 3 240$00
CANARIAS 8/15 dias desde 3 320$00
EM AUTOCARRO
PRAIAS DO MEDITERRÂNEO
8/15 dias desde 2 290$00
NO SEU CARRO
BENIDORM 8 dias desde 525$00
TORREMOLINOS 8 dias desde 1 770$00

LONDRES 8/15 dias desde 2 990$00
LONDRES E ESCÓCIA 8 dias desde 6 230$00
(Viagens em avião)
INFORME-SE E INSCREVA-SE NA.
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
AV. DA LIBERDADE, 233 • TEL. 53 61 21 • LISBOA 2

ESTRANGEIRO

O Conselho de Segurança exige o cumprimento do cessar-fogo em Chipre

NAÇÕES UNIDAS, (NOVA IORQUE), 24 (R.) O Conselho de Segurança exigiu a noite passada por unanimidade o cumprimento imediato da sua resolução de sábado, pedindo um cessar-fogo em Chipre.

O Conselho tomou essa decisão minutos depois de se reunir em sessão de emergência, pedida pela Grécia para debater acusações de violações turcas, incluindo o bombardeamento da embaixada grega em Chipre.

Antes da votação no Conselho, foi lida uma breve declaração do secretário-geral Kurt Waldheim dizendo que as notícias que recebera da ilha «causavam grande ansiedade acerca da observância do cessar-fogo».

Waldheim afirmou que a trégua de segunda-feira se mantivera razoàvelmente bem durante a noite de segunda para terça, mas que se registaram violações após o alvorecer de ontem.

Forneceu também informações acerca dos vários contactos que teve durante o dia de ontem, «em virtude da evidente instabilidade do cessar-fogo e de possíveis novas violações».

Entre as individualidades com quem o secretário-geral falou durante o dia achavam-se o primeiro-ministro da Turquia, Bulent Ecevir e o secretário-geral do Ministério Grego dos Negócios Estrangeiros, em Atenas, assim como representantes permanentes junto da ONU de todos os governos envolvidos na crise.

Waldheim acrescentou que recebera promessas da Grã-Bretanha, Dinamarca, Finlândia e Suécia do envio de mais 1.400 soldados para reforçarem os efectivos de 2.300 homens da força de manutenção de paz da ONU em Chipre.

O Conselho de Segurança adiou, depois, às 4 e 34 horas a sessão, sem marcar a data da próxima reunião.

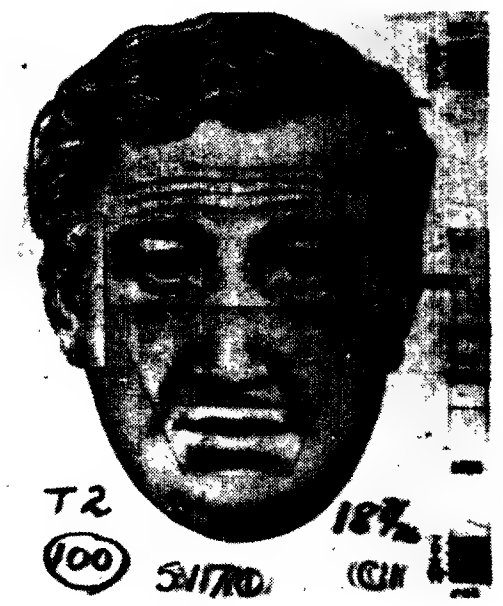
Antes do conselho efectuar a sua quinta sessão em oito dias sobre a crise de Chipre, uma bandeira turca foi queimada a noite passada fora da sede da ONU quando centenas de greco-americanos realizaram uma ruidosa manifestação, empunhando bandeiras.

Os portões da sede da ONU foram fechados e polícias, incluindo alguns guardas a cavalo, tiveram dificuldade em manter a rua principal aberta ao trânsito.

Uma manifestação semelhante efectuou-se ontem, à noite a pouca distância da primeira, defronte do edifício onde está instalada a missão turca junto da ONU.

Em Ottawa, cerca de mil greco-canadianos de Montreal desfilaram a noite passada em Parliament Hill e pediram o fim do que classificaram como atrocidades turcas em Chipre e união da ilha com a Grécia.

Os manifestantes empunhavam cartazes onde se lia «Enosis» (União com a Grécia) e «os turcos assassinos».



A Scotland Yard divulgou os retratos-«robot» de dois possíveis intervenientes no atentado à bomba na Torre de Londres. Ambos foram vistos perto do local na altura da explosão. Um é alto e tem entre 19 e 20 anos; o outro é gordo e tem cerca de 45 anos. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Governo civil na Grécia após o malogro militar

ATENAS, 24 (R.) O político conservador Constantine Karamanlis foi hoje empossado como chefe de um Governo Civil de Unidade Nacional, enquanto milhares de gregos percorriam as ruas da capital gritando «democracia, democracia».

Karamanlis, de 67 anos, regressou do auto-imposto exílio em França, sendo recebido com cenas extraordinárias de aclamação popular, assinalando o fim de mais de sete anos de Governo apoiado pelos militares.

Karamanlis prometeu todo o seu esforço visando o regresso da Grécia à normalidade, declarando que a crise na vida de um país poderia ser início de uma regeneração.

Logo após a chegada, Karamanlis conferenciou com outros políticos escolhidos — nenhum deles da esquerda — e em seguida tomou posse do cargo de chefe de um Governo civil.

Uma das principais prioridades será formular a política grega nas conversações cujo início está marcado para esta semana, em Genebra, com a Inglaterra e a Turquia, sobre uma solução para a crise de Chipre.

A sua subida ao Poder fez regressar à cena política grega dirigentes desacreditados, detidos ou exilados desde o golpe militar de 1967.

A crise internacional sobre o Golpe de Chipre e a invasão turca da ilha foram aparentemente a razão imediata para a intenção declarada dos governantes militares de regressar aos seus quartéis e deixar que um Governo formado apenas por civis se ocupe dos problemas do país.

O primeiro discurso à nação vai ser estudado cuidadosamente, procurando-se indícios de quanta autoridade lhe foi conferida pelas forças armadas para restaurar no país o Governo parlamentar.

Karamanlis viajou num automóvel salpicado de flores, escoltado por carros patrulha e motociclistas da Polícia, e seguido por centenas de veículos a buzinar, nos 10 quilómetros que separam o aeroporto da capital grega.

Multidões apinhavam as ruas ao longo do percurso. E no Palácio Presidencial, onde chegou para se avistar com o presidente Phaedon Gizikis e com os políticos citados, milhares de pessoas cercavam o edifício, gritando «Finalmente, finalmente».

A decisão dos dirigentes militares de instaurar um Governo civil reflectiu i seu malogro em conquistar apoio militar sob um regime carente de liberdades civis.

Cerca de cem mil manifestantes percorreram as ruas ontem à noite, muitas fazendo o «V» da vitória. Outras eram portadoras de cartazes em que se lia «o fascismo morrerá esta noite», «Abaixo a Junta» e «Democracia, Democracia».

Um grupo de coronéis formou um periclitante gabinete parlamentar, em 1967, acusando os políticos de conduzir o país à beira do caos e acusaram-nos também de corrupção e afirmaram que intervinham para salvar o país de ser tomado pelos comunistas. Prometeram igualmente depurar a vida pública de corrupção e estabelecer os alicerces de um sistema democrático baseado em sãs cláusulas parlamentares.

Quando o presidente Georges Papadopoulos, que surgira como o homem forte da Junta, foi derrubado por outro Golpe Militar em Novembro do ano passado, tornou-se óbvio que a experiência falhara.

Os novos governantes militares acusaram os seus predecessores de cometerem os mesmos pecados que eles tinham prometido apagar.

Um antigo coronel, que fora ministro do Comércio, foi levado a julgamento em relação com um escândalo de comércio de carne. Afirmou-se que uma série de outros escândalos foi investigada.

Pressões inflacionárias internacionais, adicionadas a erros cometidos pelo Governo apoiado pelos militares, tiveram por resultado a Grécia registar em 1973 a sua mais alta taxa de inflação de sempre.

No princípio deste ano, o regime enfrentou nova crise quando as já tensas relações com a Turquia se deterioraram sobre uma disputa quanto aos direitos de exploração petrolífera no Mar Egeu.

A invasão de Chipre pelos turcos — justificada por Ancara com acusações de envolvimento grego no golpe da semamna passada contra o arcebispo Makarios — levou os dois aliados da NATO à beira da guerra, com os dois exércitos concentrados na sua fronteira comum, em Thrace.

Apesar de se oporem firmemente ao regime militar devido ao seu Governo autoritário, os políticos gregos apoiaram-no em vista da possível guerra com a Turquia — tradicional inimigo da Grécia.

A sua tomada de posição poderá ter convencido os militares, de que poderiam confiar no patriotismo dos políticos. Hoje continuava incerto que papel o poderoso exército poderá ser chamado a desempenhar nos futuros acordos políticos.

Karamanlis, que foi primeiro-ministro de 1955 a 1963, deixou o país quatro anos antes do golpe de 1967.

Tem vivido em França em semi-reclusão, conservando-se àparte tanto da direita como da esquerda na luta política grega. Recentemente denunciou os governantes militares do seu país, e numa declaração feita a semana passada fez um apelo à recondução do arcebispo Makarios, em Chipre.

MAKÁRIOS ESPERA VOLTAR À ILHA COMO PRESIDENTE

NOVA IORQUE, 24 (UPI-ANI) O deposto arcebispo Makarios afirmou ver com agrado os novos governos grego e cipriota, nomeadamente o restabelecimento de um Governo democrático civil na Grécia e o fim da ditadura militar.

Do mesmo modo, Makarios declarou numa conferência de Imprensa que Glafkos Clerides assumiu a presidência em Chipre com o seu inteiro apoio.

Makarios pensa regressar em breve a Chipre como chefe de Estado, actuando o actual presidente como substituto temporário do arcebispo cipriota, o que está previsto pela constituição em vigor.

O arcebispo Makarios afirmou ainda que permitirá a permanência de Nicos Sampson em Chipre se este assim o desejar.

Depois de ter manifestado simpatia pelo rei Constantino, Makarios expressou a esperança de que a Turquia retirará as suas forças de Chipre depois de se ter chegado a um acordo que conduzirá a ilha a uma paz duradoira e inspirada nos ideais democráticos.

Entretanto, em Nicósia, o presidente Clerides solicitou a unidade e a fraternidade de todos os cipriotas «neste momento histórico».

«Com a unidade podemos vencer as nossas dificuldades e com coragem podemos um futuro melhor.»

O presidente solicitou aos cipriotas que ponham de lado as «críticas do passado e do futuro» e se dediquem à salvação da pátria.

Negociações amanhã

NAÇÕES UNIDAS (GENEBRA), 24 — (R) — Um informador da ONU afirmou às primeiras horas de hoje que se esperava que as negociações de paz em Genebra entre a Grécia, Turquia e Grã-Bretanha se iniciassem amanhã.

A mudança dramática do poder na Grécia e a nomeação de um novo presidente em Chipre obrigaram ao adiamento em Genebra da conferencia de paz na ilhã entre as três potências.

O PODER PERMANECE NAS MÃOS DOS MILITARES SEGUNDO THEODORAKIS

PARIS, 24 (F.P.) — Mikis Theodorakis, o compositor grego que vive exilado em Paris, tomou posições para regressar ao seu país já na quarta-feira.

Antigo deputado do partido da Esquerda EDA, Theodorakis declarou à F.P. que volta mais do que nunca decidido a prosseguir o combate.

«Foi voltada uma página da nossa história e começou outra nova, disse. Neste momento, o povo sente grande alegria e regozija-se com razão. Mas temos que enfrentar problemas graves: o caso de Chipre, crise económica aguda e, sobretudo, o problema da liberdade, da democracia e do poder. O Governo que será dirigido por Constantin Karamanlis, é o resultado dum compromisso. O poder permanece nas mãos do exército. Os americanos continuam a dispôr do poder de decisão. Sabemos que este edifício foi gravemente afectado depois da provação da ditadura, sobretudo as suas últimas iniciativas em Chipre, que levaram o nosso país até à beira do abismo».

«Ao regressar à pátria — afirmou em conclusão o compositor — vou combater com todas as minhas forças ao lado do povo para destruir este edifício e dar o poder essencial a este».

Os novos ministros pertenceriam à direita e centro

ATENAS, 24 — (F.P.) — Depois de ter conferenciado durante uma hora e dez com os homens políticos do antigo regime e com os chefes militares, Karamanlis prestou juramento como primeiro-ministro.

A reunião terminou ao amanhecer. Em virtude da fadiga provocada pelas longas discussões àcerca da composição do novo Governo, os trabalhadores foram suspensos, devendo prosseguir hoje de manhã.

Constantin Karamanlis, agora primeiro-ministro, conferenciará com o chefe de Estado, general Phedon Ghizikis, acerca das 9 horas da manhã. Definirão então, segundo informações de boa fonte, as linhas gerais da política do novo Governo, abordando em seguida a questão da distribuição das pastas.

Parece estar já decidido que a pasta dos Negócios Estrangeiros será confiada a Evangelhos Averof, negociador dos acordos de Zurique e de Londres de 1960 sobre o estatuto de Chipre. O seu conhecimento perfeito do dossier cipriota torna-o indispensável para as negociações de Genebra.

Georges Navros, «leader» centrista, antigo deportado da ilha de Yaros, desempenharia, segundo a mesma fonte, o cargo de vice-presidente do Conselho.

Spyro Markezinis, último presidente do Conselho de Georges Papadopoulos, afastado do Poder pelo golpe de Estado de 25 de Novembro de 1973, teria recusado qualquer lugar no novo Governo, garantindo no entanto, a Karamanlis o seu inteiro apoio.

Os novos ministros pertenceriam à direita e ao centro. Estaria afastada qualquer participação dos amigos políticos de Andreas Papandreau, refugiado no estrangeiro, donde dirige o movimento de resistência pan-helénica. É evidente que acontecerá o mesmo com o Partido Comunista.

Os observadores notam, por fim, que o general Phedon Ghizikis recebeu, na qualidade de chefe de Estado, o juramento de Karamanlis. A presença do general Chizikis na presidência da República seria uma garantia que o exército acharia indispensável, no momento em que decidiu retirar-se, deixando aos civis o cuidado de solucionar o problema cipriota e as suas consequências.

Exclusivo "Le Monde"/"DL"

AUTOGESTÃO JUGOSLAVA

DA BUROCRACIA AO REFORMISMO

O Centro de Estudos, de Pesquisas e de Educação Socialistas (CERES) organizou no domingo 30 de Junho, em Paris, um colóquio sobre a transição para o socialismo. O tema da autogestão esteve no centro das reflexões. As ideias a coberto desta palavra, que está na moda, diferem segundo os interlocutores.

Para uma parte dos socialistas, a autogestão quer dizer, nem mais nem menos, do que o fim da exploração do homem pelo homem. Para outros, mais agarrados às situações imediatas, significa uma simples participação em certas decisões. Outros ainda, atentos à maneira como são feitas as opções, querem ver nela a maioria do consenso.

Numa série de três artigos, Albert Meister, sociólogo na Escola Prática dos Altos Estudos, autor do livro «Où va l'autogestion yougoslave», propõe-se esclarecer o debate. A partir do caso jugoslavo, mostra-nos ele que a mudança das estruturas industriais — propriedade e gestão — não é suficiente para modificar fundamentalmente a sociedade: a democracia não se aprisiona nos mecanismos e novos processos de decisão não põem fim às desigualdades de cultura nem ao apetite de poder

ALBERTO MEISTER

DA BUROCRACIA AO REFORMISMO

Hoje, podem distinguir-se dois tipos de organização das empresas baralhadas pela opinião, com mais ou menos exactidão, sob o vocábulo de autogestão:

1) «A fórmula de gestão cooperativa»: é aquela que se encontra nas cooperativas do mundo ocidental. Estas empresas são unidades de propriedade e de gestão colectivas de meios de produção; os trabalhadores são os proprietários e o poder está ligado à pessoa e não ao número de partes detidas. Pode-se incluir nestas empresas os «kibbutzim» israelitas, que, como elas, se situam numa economia liberal e tomam as suas decisões em função do mercado. Este esquema é, no entanto, muito teórico e a observação mostra que, de facto, todas as cooperativas (agrícolas, de produção industrial, de crédito, etc.) vêem sua autonomia de gestão cada vez mais enfraquecida, principalmente pelo aspecto do crédito que lhes é consentido pelos organismos centrais, à frente dos quais estão colocados funcionários públicos.

Como se verá mais adiante, a propósito da actual autogestão jugoslava, o banqueiro intervém na gestão, e as decisões importantes não são já da competência da democracia de empresa.

E, aliás, a razão pela qual «a maior parte dos partidários franceses da autogestão se recusam a considerar a cooperativa como uma verdadeira forma de autogestão», e mais adiante se verá por quê. Tratando-se da França, não é, aliás, sem dúvida, exagerado dizer que a intervenção do Estado na cooperação é aqui mais vincada do que na Jugoslávia, onde ela é, pelo contrário, mais incómoda.

2) «A autogestão socialista de economia planificada»: inventada pela Jugoslávia no princípio da década de 50, é, na realidade, uma combinação entre estruturas democráticas de empresa (muito próximas, apesar da socialização da propriedade, das da autogestão cooperativa) e uma planificação económica. O plano nacional jugoslavo está descentralizado ao nível das repúblicas e, mais abaixo, ao nível das comunas. De porte bem mais importante do que as nossas comunas ocidentais, as comunas jugoslavas exercem uma autoridade de planificação no seu território e uma tutela sobre as empresas. Quanto à ligação entre democracia de empresa a esta autoridade de planificação, é, na época, concretizada, na Jugoslávia, pela eleição dos directores das empresas por uma comissão mista que compreende, ao mesmo tempo, membros do conselho operário da empresa em questão e representantes dos orgãos da comuna.

Esta autogestão é, na realidade, uma cogestão na qual o Estado tende a ser o senhor das regras do jogo, porque é ele que, em definitivo, fixa as chaves de repartição dos lucros de fim de ano (que, muito naturalmente, os operários desejariam partilhar...); limita, portanto, certos poderes da democracia de empresa; o Estado é igualmente o senhor da fiscalidade, do controlo dos preços e do crédito. A democracia de empresa encontra-se, portanto, seriamente limitada, embora, teoricamente, a elaboração do plano deva resultar do jogo das propostas e contrapropostas das diferentes instâncias e níveis interessados.

De facto, durante toda a década de 1950, este sistema conseguiu, na Jugoslávia, privilegiar o crescimento dos investimentos e a limitar o consumo. Embora os sentimentos de fraternidade e de igualitarismo do após-guerra tenham facilitado esta limitação, foi necessária, por vezes, dar às empresas algum «dinheiro miúdo» (o dito é do próprio Tito) para que os operários tivessem uma partilha a decidir nas suas assembleias de fim de ano.

3) «A autogestão de conomia socialista de mercado» Desde o princípio dos anos 60, principalmente depois das reformas de 1965, os controlos por parte do Estado diminuem na Jugoslávia e a regularização pelo plano é substituída pela do sistema bancário. Não vemos aqui as causas destas transformações das quais as mais importantes são, quanto a mim, a progressiva integração da Jugoslávia na economia ocidental e o enfraquecimento da empresa ideológica (a fé, pois, é disto que se trata, na construção de uma sociedade socialista), e, portanto, a emergência de tendências centrífugas relativamente ao projecto de sociedade nova a construir.

Nesta fase, as estruturas de democracia de empresa são reforçadas, porque os directores são actualmente nomeados unicamente pelos conselhos operários. Embora perto de metade dos produtos (sobretudo alimentares) vejam ainda os seus preços fixados administrativamente, a concorrência entre as empresas já desempenha o seu papel. Embora os investimentos públicos não tenham cessado, o crédito é cada vez mais um acto dos banco e as considerações de rentabilidade prevalecem. As comunas subsistem mas têm cada vez menos influência sobre o desenvolvimento económico. De facto, os jugoslavos falam cada vez mais frequentemente do seu plano como de um plano «à francesa», e nós sabemos, por experiência, quanto um tal plano pode não ser incómodo para as empresas...

Na aparência, a democracia da autogestão sai reforçada do enfraquecimento da planificação. Porém, isto só é verdade ao nível das estruturas; no do funcionamento, percebe-se que, como aliás por todo o lado, o banqueiro, como qualquer outro investidor, seja ele qual for, (e na Jugoslávia pode ser o sócio estrangeiro de uma «joint venture», e até pode tratar-se de um aforrista particular de nacionalidade jugoslava) deseja limitar o risco da sua contribuição, controlando a sua utilização, intervindo, portanto, mais ou menso directamente na opção dos dirigentes da empresa. No momento actual, é-se apanhado pela semelhança que existe entre esta autogestão jugoslava e a fórmula cooperativa aplicada em França, e isso apesar do facto da propriedade continuar a ser nacional no primeiro caso. (Os inquéritos efectuados mostraram, aliás, que a natureza da propriedade, colectiva ou social, não influencia directamente a participação dos trabalhadores, nem o clima de trabalho. Assim, nas cooperativas operárias francesas, o facto, para os operários, de deterem artes de propriedade (frequentemente não sabem, aliás, quanto lhes cabe), parece não ter incidência sobre a gestão e não suprime as dificuldades de funcionamento que serão evocadas no próximo artigo.)

As empresas jugoslavas tornaram, de facto, cooperativas que tentam triunfar relativamente aos seus concorrentes, submetidas ao controlo dos seus banqueiros, tentando fazer viver estruturas democráticas que, em face aos bancos, ao fisco, as regulamentações de toda a espécie, não têm nenhuma influência sobre a gestão. Relativamente às economias ocidentais, onde os sectores cooperativos são fracos, e economia jugoslava de mercado distingue-se sempre pelo porte do sector autogerido, apesar de um sector privado em crescimento constante e, sobretudo, das aspirações de consumo e de promoção individual cada vez mais vivas. (Cujas pensões para turistas não são, ao fim e ao cabo, senão o aspecto menor e até mais aparente, e que distrai a atenção do papel bem mais importante dos intermediários, representantes, correctores privados, advogados comerciais, profissionais livres, todas as categorias cuja multiplicação está ligada ao desaparecimento das funções de coordenação e de ligação entre unidades económicas exercidas anteriormente pelos organismos do plano.)

PLANO OU MERCADO?

As três estruturas de gestão industrial distinguidas neste artigo podem, afinal, reduzir-se a duas: a da economia planificada e a da economia de mercado. Convém, no entanto, mostrar ainda que a escolha de uma ou de outra não é livre.

Se a invenção da primeira autogestão jugoslava tinha, também, tido por finalidade fazer explodir a centralização e a burocratização do aparelho central de planificação, não é menos verdade que o Estado tencionava continuar a ser senhor da economia. Descentralizado e concertado com as empresas, o plano aproximava-se do povo, mas continuava a ser considerado, e isto na melhor tradição soviética, como o símbolo do papel director do Estado na economia. O fim era institucional, um pouco da mesma maneira que, no nosso País, alguns consideram ainda as nacionalizações como o sinal tangível de um avanço para o socialismo.

Muito pelo contrário, a autogestão da economia de mercado já não tem à sua frente um plano, mas uma multidão de organismos, de parceiros e de centros de decisões que orientam os seus comportamentos no sentido de políticas económicas mais ou menos claramente definidas. E estas políticas intervêm precisamente no momento em que o plano aparece como um instrumento demasiado grosseiro para dirigir o crescimento de uma economia cada vez mais complexa. Por outras palavras, a primeira autogestão é uma cogestão entre a democracia de empresa e um Estado que pretende dirigir a economia, segundo uma cogestão com um sistema de políticas económicas. E, em última análise, o grau de desenvolvimento da economia que dita a escolha das estruturas de autogestão.

Uma tal observação é menos banal do que parece, se pensarmos na multiplicidade dos centros de decisão numa economia moderna, que trasborda largamente as fronteiras nacionais, onde as antigas distinções entre o económico, o social, o político, são bem menos nítidas e onde os sistemas de interdependências entre actores são tão complexas como frágeis. Exceptuando circunstâncias excepcionais (guerra, cataclismo), que obrigariam bruscamente uma tal sociedade a transformar-se nos seus fundamentos — e se afastarmos a hipótese de uma revolução que os próprios sistemas de interdependências e de integração tornam pouco provável —, as modificações não parecem poder resultar senão de ajustamentos, de reparações, de correcções de pormenor.

A própria visão do conjunto não é possível já, e é por isso, também, que os planos nacionais que pretendem abarcar a totalidade de transformação nacional ficam sem efeito. Daí, o recurso a políticas parciais ou sectoriais, mais ou menos contraditórias, puramente pragmáticas, elaboradas a par e passo, em resposta às circunstâncias, e que apenas uma tecnocracia jovem e ainda na sua fase de conquista dos aparelhos não tem ainda a modéstia de reconhecer que são, muito frequentemente, apalpadelas, hesitações, apostas ou paradas.

Se se tiver em conta este contexto, e apesar do entusiasmo e das ambições generosas dos seus protagonistas, bem preciso é dar-se conta de que a procura de estruturas de autogestão limitadas à maneira jugoslava está votada ao reformismo; trata-se, então, essencialmente de encontrar meios de democratizar a elaboração e o controlo das políticas económicas e sociais (na condição, evidentemente, de se terem localizado e identificado — o que nem sempre é fácil — os lugares e os organismos responsáveis), e de reforçar e de ordenar estruturas de participação nas empresas. E preciso, aliás, fazer viver estas estruturas, o que, a longo prazo, parece ser o problema fundamental.

OS ENCARGOS DA DEMOCRACIA

O caso jugoslavo mostra que, se a estrutura da autogestão desempenha um papel determinante como quadro da democracia económica, nem por isso é uma condição suficiente; a observação mostra-nos, ao mesmo tempo, empresas autogeridas que não passam de uma espécie de empresas patronais disfarçadas e sectores inteiros de autogestão que não passam de órgãos de transmissão das instruções do plano nacional. Ainda aqui, é preciso distinguir os problemas ao nível das empresas daqueles que emergem da inclusão destas num sistema planificado ou num conjunto estimulado por políticas económicas.

«Ao nível de cada empresa», as condições de funcionamento da democracia de autogestão jugoslava são bem conhecidas e pode-se circunscrevê-las a alguns pontos:

Qualquer que seja a forma de autogestão escolhida, os fundadores acreditaram sempre que a supressão do conflito de classes, graças à socialização dos meios de produção, seria suficiente para sanear, para transformar as relações de trabalho. No entanto, veio-se a constatar a existência de outros conflitos que, precedentemente, tinham a tendência para ficar ocultos pelo conflito patrões-operários: uma vez que a igualdade formal é realizada, as desigualdades naturais aparecem ainda mais gritantes e são elas que dão origem a novas estratificações, por vezes tão odiosas como aquelas que se baseavam no dinheiro.

É, então, o triunfo dos mais inteligentes que, no poder, raramente são os mais humanos; ou, então, o reino dos mais conformistas relativamente às ideologias oficiais; ou o dos camaradas eleitos para os lugares de responsabilidade, graças à sua popularidade nas oficinas ou o dos mais empreendedores, cuja iniciativa e o espírito de empreendimento serão mais úteis ao crescimento dos investimentos do que ao respeito dos processos democráticos; ou, ainda, a misturas destes quatro (ou mais) tipos de homens — o que, aos olhos do democrata escaldado, bem como do filósofo insensível, não é, talvez, uma mistura muito detonante, mas, pelo menos, uma garantia contra o arbitrário...

Qualquer que seja a dosagem, a benevolência do poder na empresa e o seu respeito pelas regras do jogo democrático, não resulta daqui nada menos do que, passado tempos, cristaliza e, às vezes, sem se saber, opõe-se à renovação — sendo invocadas aa próprias sujeições da eficácia como constituindo obstáculo à rotação e à chegada de homens novos às equipas de direcção. É sempre impopular denunciar localmente esta tendência, e isto tanto mais quanto é certo que parece, deste modo, atacar-se os propagandistas da autogestão, que são, a maior parte das vezes, homens válidos constantemente ameaçados pela aplicação do princípio de rotação.

E, no entanto, se se quiser falar seriamente do funcionamento da autogestão, bem será preciso um dia ter a ousadia de desterrar esta velha «lei de bronze da ligarquia» de Robert Michels, e examinar lucidamente o que ela significa. Talvez seja preciso, então, renunciar às fórmulas encantatórias da rotação das responsabilidades, da revocabilidade imediata, etc.? De momento, deve-se lembrar que vinte anos de autogestão fizeram da Jugoslávia um cemitério de regras inaplicadas neste domínio.

Constatamos, também, que em face destes chefes pouco inclinados a entrar na categoria, a base fica geralmente muito feliz por «poder confiar», por se deixar guiar. A família, a religião, a escola, não lhes ensinaram a manter-se «no seu lugar» e a obedecer aos seus chefes? Não é exagerado admitir a hipótese de que uma parte das dificuldades da democracia de autogestão (como, aliás, das outras formas de democracia) provêm de atitudes de submissão inculcadas pelas instituições.

O precedente jugoslavo mostra que a autogestão não é ineficaz, longe disso, mas significa a tomada em consideração de outros valores na empresa para além da rendibilidade máxima dos factores de produção: autogerir quer dizer informar os pessoais e, mais frequentemente ainda, também, formá-los para que informação possa ser recebida; autogerir significa, seguidamente, discutir, debater, decidir, controlar a maneira pela qual as decisões foram executadas. Mesmo que os trabalhadores não tenham que «decidir tudo», não é menos verdade que a democracia é uma devoradora de tempo e de energia. E onerosa, e o preço a pagar é o da formação, do diálogo, da abertura.

O primeiro erro das autogestões jugoslavas foi acreditar que tudo isso não custava nada e era uma espécie de oferta, considerada suplementar e gratuíta, da adopção do princípio socialista. Mas foi também porque se acreditou numa oferta, num presente, que se negligenciou apontar o custo das reuniões, da informação, etc. E, com o tempo, negligenciou-se a própria coisa porque o valor que se lhe reconhecia não estava materializado, mas era apenas sentimental.

Quanto ao segundo erro das autogestões jugoslavas, foi pretender poderem ser tão rendíveis como as empresas capitalistas, quando suportavam (embora os não contabilizassem) os encargos da sua democracia. Desde logo, não é de surpreender que, nesta competição, as empresas autogeridas tenham abandonado aquilo que, unicamente pela sua rendibilidade, não é efectivamente indispensável.

AO NÍVEL MAIS ELEVADO

«Ao nível do conjunto de empresas» surgem outros problemas de funcionamento:

No caso de uma autogestão em economia planificada, muitas das tarefas de ligação e de coordenação entre as empresas incumbem à administração, e sabe-se quanto os países socialistas sofrem com as suas burocracias. Tratando-se da Jugoslávia, emitiu-se a opinião que o recurso ao princípio da concorrência entre empresas

Continua na pág. 18

GERAL

A "APPLIED MAGNETICS"

OS TRABALHADORES RESPONDEM À ADMINISTRAÇÃO

. Os trabalhadores da Applied Magnetics entregaram-nos, assinado pela sua comissão, um documento em que respondem ao esclarecimento da Administração que publicámos na sexta-feira, 19:

. A carta do Director-Geral da Applied Magnetics enviada ao «Diário de Lisboa» é mais uma tentativa para, caluniosamente, lançar sobre os trabalhadores culpas e acusações inconsequentes, ao mesmo tempo que se apresenta a imagem duma Administração cheia de boa vontade e zelo pelos interesses dos trabalhadores e, até, do país.

Mas, passemos a responder aos diversos pontos focados na carta do Sr. Cecil Fraser.

Sentimentos anti-americanos (jogar com) — Reconhece o Director da Applied que eles são «legítimos em muitos aspectos». Lamentamos que não especifique quais aspectos e que os não refira em relação ao caso concreto da empresa que dirige. Lamentamos ainda mais que fale a seguir da «**pretensa** exploração do trabalhador português por parte dos imperialistas». Mas esclareça-se esta questão dos sentimentos anti americanos. Considerar que os 600 operários e operárias da Applied convertem a dura realidade dum trabalho duro e mal remunerado num sentimento de aversão pelo povo americano, com o qual «jogam», é uma ideia ridícula, além de falsa. Embora «sem quaisquer habilitações» os trabalhadores da Applied sabem fazer a distinção elementar entre o povo americano e as entidades americanas que os exploram.

Considerar que nós, os trabalhadores da Applied convertemos a dura realidade dum trabalho duro e mal remunerado no reconhecimento de que é indispensável lutar por condições de trabalho mais justas e de que, necessariamente, nessa luta enfrentamos interesses de grandes empresas (não do povo) dos Estados Unidos da América, é uma afirmação perfeitamente correcta. Mas isto não é ser anti-americano. Não inventámos a exploração da mão-de-obra portuguesa por gigantescos grupos económicos multinacionais de raiz americana, que é evidente no sector da indústria electrónica no nosso país. Sofremo-la e lutamos contra ela. O que também não é um «jogo».

Salários e regalias «excepcionais» — Ao dizer que os salários mínimos na Applied são de 4.800$00, após 9 meses de trabalho, o Sr. Cecil Fraser não revela que o salário mínimo real é o mínimo legal (3.300$00), durante os 3 primeiros meses de trabalho, passando a 3.500$00 durante os seis seguintes e só então aos 4.800$00 referidos.

Não revela depois que os 5.760$00 (auferidos por 40 por cento, mais ou menos, dos trabalhadores) não correspondem a um salário mais elevado e sim ao acréscimo sobre o salário normal do pagamento de 3 horas diárias de trabalho nocturno, e que os 7.200$00 (auferidos por uns 15 trabalhadores entre 600) correspondem ao acréscimo sobre o salário do pagamento de 8 horas diárias de trabalho nocturno. Ou seja: 4.800$00 não é o «salário mínimo» dos operários e operárias da linha de produção — é, sim, o salário máximo. A referência ao facto de «os trabalhadores serem, em geral, do sexo feminino», destina-se com certeza a sugerir que, sendo mulheres, não têm direito a remunerações tão «elevadas». A realidade é porém muito outra: se a Applied recruta a sua mão-de-obra predominantemente entre a população feminina a partir dos 14 anos e com menos de 25 foi com a intenção de utilizar a mão-de-obra com menos poder reivindicativo, com carências e necessidades maiores e mais prementes (caso, por exemplo, de mulheres que, estando os maridos a cumprir serviço militar nas colónias, têm de trabalhar para sustentar a família) e à qual, portanto, pudesse pagar os salários mais baixos.

O director da Applied diz logo a seguir que a indústria nacional não tem capacidade para dar emprego às trabalhadoras que a Applied «generosamente» emprega. A o dizer isto, o sr. Cecil Franser revela a verdadeira face da política empresarial da Applied e das outras empresas do mesmo tipo. Trata-se de utilizar o facto de a economia nacional neste momento não poder, a curto prazo, dar emprego aos 35.000 trabalhadores do ramo electrónico para fazer chantagem sobre eles, colocando-os entre aceitar as condições da empresa e o desemprego, e sobre o Governo, ameaçando-o com uma crise de desemprego maciço se não apoiar os seus interesse que são os de manter e mesmo aumentar as suas taxas de lucro que já são das mais elevadas no conjunto da economia portuguesa. Este tipo de chantagem aparece depois do 25 de Abril, porque os trabalhadores passaram a poder organizar-se e a reivindicar salários mais justos e porque as empresas deixaram de poder recorrer ao aparelho repressivo fascista, que sempre esteve ao seu serviço.

Não é verdade que «uma rapariga com 15 anos e a 4.ª classe» ganha mais na Applied do que «a maioria dos professores do ensino secundário.

Mas, se fosse verdade, isso justificaria que os professores reivindicassem melhores salários e não que os trabalhadores da Applied aceitassem como justos os seus salários baixos.

Contrato Colectivo de Trabalho — Ao referir que um novo C. C. T. entrou em vigor no dia 8 de Maio, o director da Applied permite que se suponha que as empresas do ramo o aceitaram fàcilmente e que só reagiram desfavoravelmente a novos cadernos reivindicativos pretensamente incomportáveis. Ora, a negociação do actual C.C.T. demorou dois anos, teve que ser submetido a arbitragem, que o aprovou; no entanto, as pressões das empresas junto do Governo fizeram com que o ministro das Corporações não o homologasse. A homologação foi feita, significativamente, só depois do 25 de Abril.

A verdade é que as administrações destas empresas têm considerado sempre todas as reivindicações incomportáveis. Numa empresa onde trabalham 600 mulheres, é perfeitamente natural que se reivindique uma creche. A semana de 40 horas foi generalizadamente reivindicada em Portugal — não surgiu só na Applied. O descanso de 20 minutos de 2 em 2 horas está implicitamente previsto no C.C.T., dado que o trabalho da linha de produção da Applied, implicando o uso permanente de microscópios e lentes de aumento provoca, de facto danos na vista dos trabalhadores. No entanto, de todas as reivindicações citadas pelo director da Applied, embora todas sejam justas, só uma foi aceite pela empresa — a semana de 40 horas.

É falso que a Applied diz logo a seguir que a indústria nacional não tem capacidade para dar emprego às trabalhadoras que a Applied «generosamente» emprega. A o dizer isto, o sr. Cecil Franser revela a verdadeira face da política empresarial da Applied e das outras empresas do mesmo tipo. Trata-se de utilizar o facto de a economia nacional neste momento não poder, a curto prazo, dar emprego aos 35.000 trabalhadores do ramo electrónico para fazer chantagem sobre eles, colocando-os entre aceitar as condições da empresa e o desemprego, e sobre o Governo, ameaçando-o com uma crise de desemprego maciço se não apoiar os seus interesse que são os de manter e mesmo aumentar as suas taxas de lucro que já são das mais elevadas no conjunto da economia portuguesa. Este tipo de chantagem aparece depois do 25 de Abril, porque os trabalhadores passaram a poder organizar-se e a reivindicar salários mais justos e porque as empresas deixaram de poder recorrer ao aparelho repressivo fascista, que sempre esteve ao seu serviço.

Não é verdade que «uma rapariga com 15 anos e a 4.ª classe» ganha mais na Applied do que «a maioria dos professores do ensino secundário.

Mas, se fosse verdade, isso justificaria que os professores reivindicassem melhores salários e não que os trabalhadores da Applied aceitassem como justos os seus salários baixos.

Contrato Colectivo de Trabalho — Ao referir que um novo C. C. T. entrou em vigor no dia 8 de Maio, o director da Applied permite que se suponha que as empresas do ramo o aceitaram fàcilmente e que só reagiram desfavoravelmente a novos cadernos reivindicativos pretensamente incomportáveis. Ora, a negociação do actual C.C.T. demorou dois anos, teve que ser submetido a arbitragem, que o aprovou; no entanto, as pressões das empresas junto do Governo fizeram com que o ministro das Corporações não o homologasse. A homologação foi feita, significativamente, só depois do 25 de Abril.

A verdade é que as administrações destas empresas têm considerado sempre todas as reivindicações incomportáveis. Numa empresa onde trabalham 600 mulheres, é perfeitamente natural que se reivindique uma creche. A semana de 40 horas foi generalizadamente reivindicada em Portugal — não surgiu só na Applied. O descanso de 20 minutos de 2 em 2 horas está implicitamente previsto no C.C.T., dado que o trabalho da linha de produção da Applied, implicando o uso permanente de microscópios e lentes de aumento provoca, de facto danos na vista dos trabalhadores. No entanto, de todas as reivindicações citadas pelo director da Applied, embora todas sejam justas, só uma foi aceite pela empresa — a semana de 40 horas.

É falso que a Comissão tenha agido «por estar farto das prepotências da comissão. O simples facto de as suas instigações serem exactamente iguais às condições que a Administração quer impôr a todo o custo, mostra que se trata dum grupo que a Administração conseguiu manobrar por intimidação. Por outro lado, podemos provar que um técnico ligado à Administração foi um dos agentes mais activos desta manobra, que, como se pode demonstrar à evidência, só podia servir os interesses da Administração.

É falso que qualquer elemento da Comissão tenha insultado 2 trabalhadoras da Contabilidade. Uma dessas trabalhadoras afirma não ter ouvido coisa alguma. A outra afirma ter ouvido casualmente um comentário feito num grupo de pessoas em que se encontrava um elemento da Comissão, que julga ter sido feito por esse elemento, sem poder garanti-lo, comentário esse que não coincide com a frase citada na carta do Sr. Cecil Fraser especialmente não incluía nada semelhante ou do género do insulto, «que têm filhos sem saberem quem é o pai», coisa que o director da Applied inventou. As declarações das 2 trabalhadoras permitem, quanto muito, dizer que um membro da Comissão talvez tenha feito um comentário desfavorável ao trabalho das 2 empregadas da Contabilidade, numa conversa casual, que casualmente uma das empregadas ouviu ... ou seja, uma situação mais do que frequente dentro e fora de empresas.

E depois de citar este «gravíssimo incidente e de mencionar a «moral irrepreensível» das duas empregadas, que ninguém pôs em causa, é depois deste apelo de folhetim à defesa duma integridade moral que ninguém ofendeu que o Sr. Cecil Fraser declara «achamos bem que o Governo seja alertado». Mesmo supondo que o insulto inventado pelo Sr. Cecil Fraser tivesse sido feito, temos que o director da Applied, «acha bem que o Governo seja alertado» porque duas trabalhadoras foram insultadas, ao mesmo tempo, que determina o despedimento de 100 trabalhadoras, sem reconhecer aqui, qualquer razão para o Governo ser alertado e intervir.

. Não há dúvida que, como defensor da moral, o sr. Cecil Fraser é, no mínino, o campeão da hipocrisia.

Violências do 4 de Junho — É falso que a Comissão tenha provocado ou que os trabalhadores tenham particado violências no dia 4 de Junho.

Nesse dia, pelas 15 horas com a ajuda de meia dúzia de chefes, a Administração, aproveitando um período em que os trabalhadores estavam reunidos fora das instalações da empresa, mas numa sala do mesmo edifício, decidiu fechar as portas, colocando nelas um papel em que se comunicava que a Applied estava encerrada oficialmente até se encontrar resolvido o problema do caderno reivindicativo. Barricaram as portas com móveis, ferros e bidons, permanecendo no interior, numa evidente atitude de provocação destinada a produzir uma reacção violenta dos trabalhadores, que pudesse, depois, ser invocada contra eles.

É falso que a Comissão «disponha do refeitório». A Comissão foi obrigada ao trabalho de gerir o refeitório, para garantir o fornecimdnto duma alimentação mínimamente aceitável aos trabalhadores — coisa que não acontecia antes. Aliás, esta situação tem-se arrastado exclusivamente porque a Administração se tem recusado a destacar um elemento para responsável deste serviço, apesar das solicitações da Comissão.

É falso e calunioso que a Comissão tenha utilizado fundos da empresa sem autorização. Dada a gravidade duma acusação destas, é só por si reveladora que o sr. Cecil Fraser não a tenha concretizado, indicando que fundos qual o montante deles, quando foram utilizados e como. Tal como está formulada, não é uma acusação — é uma difamação pura, simples e sem vergonha.

É falso que a Comissão tenha alguma vez «introduzido nas instalações elementos de partidos políticos» e ainda mais falso que se tenham realizado «comícios políticos» na empresa. Esta afirmação é intencional e destina-se a sugerir que a Comissão e os trabalhadores estão «controlados» por grupos políticos partidários. O que aconteceu (e uma única vez) foi a deslocação de três elementos do P. C. P. que foram a uma Assembleia onde se limitaram a manifestar o apoio do seu partido aos trabalhadores da Applied. Isto não é um comício e trata-se duma situação perfeitamente legítima e normal. De notar que esses elementos não nos instigaram a qualquer tipo de agitação radicalização ou violência: limitaram-se a manifestar uma atitude de solidariedade.

É falso que membros da Comissão tenham, durante o seu horário de trabalho, feito propaganda ou participado com piquetes noutras fábricas da área. Aquilo de que a Administração pode ter provas (até porque não o escondemos e foi mesmo noticiado, pelo menos na Rádio Renascença) é de que a Comissão de Trabalhadores da Applied apoiou os trabalhadores da D. S. Eléctrónica, tendo uma vez os elementos da Comissão que pertencem ao turno da tarde ido antes da hora de iniciarem o seu turno, informarem-se da situação dos camaradas dessa empresa. De resto não só o apoio a camaradas de qualquer outra empresa é inteiramente legítimo como a Administração da Applied não tema nada com isso.

É falso que a Comissão tenha ameaçado a Administração com violências físicas e que a Administração foi, devido a isso obrigada a sair da empresa.

Os acontecimentos de 4 de Julho — Não afirmámos que a Administração tenha provocado por participação directa neles os incidentes do dia 4 de Julho. O que acontece é que «o grupo de trabalhadores» mencionado pelo sr. Cecil Fraser não decidiu, propriamente, protestar o que poderia e deveria fazer numa Assembleia de Trabalhadores legitimamente convocada. O que esse «grupo de trabalhadores tentou fazer, aproveitando a ausência dos membros da Comissão na Fábrica, foi lançar uma manobra de boicote, instigando os trabalhadores do turno da manhã a desistir das reivindicações já conquistadas, a permitir o despedimento de 116 colegas e a expulsar a Comissão eleita. Como é natural, esta manobra provocou um clima de tensão entre os trabalhadores que na sua esmagadora maioria rejeitaram as instigações, e verificaram-se incidentes inevitáveis e de certa gravidade. E importante referir que esse «grupo de trabalhadores» constitui uma escassa minoria.

Por outro lado, é falso que esse grupo tenha agido «por estar farto das prepotências da comissão. O simples facto de as suas instigações serem exactamente iguais às condições que a Administração quer impôr a todo o custo, mostra que se trata dum grupo que a Administração conseguiu manobrar por intimidação. Por outro lado, podemos provar que um técnico ligado à Administração foi um dos agentes mais activos desta manobra, que, como se pode demonstrar à evidência, só podia servir os interesses da Administração.

É falso que qualquer elemento da Comissão tenha insultado 2 trabalhadoras da Contabilidade. Uma dessas trabalhadoras afirma não ter ouvido coisa alguma. A outra afirma ter ouvido casualmente um comentário feito num grupo de pessoas em que se encontrava um elemento da Comissão, que julga ter sido feito por esse elemento, sem poder garanti-lo, comentário esse que não coincide com a frase citada na carta do Sr. Cecil Fraser especialmente não incluía nada semelhante ou do género do insulto, «que têm filhos sem saberem quem é o pai», coisa que o director da Applied inventou. As declarações das 2 trabalhadoras permitem, quanto muito, dizer que um membro da Comissão talvez tenha feito um comentário desfavorável ao trabalho das 2 empregadas da Contabilidade, numa conversa casual, que casualmente uma das empregadas ouviu ... ou seja, uma situação mais do que frequente dentro e fora de empresas.

E depois de citar este «gravíssimo incidente e de mencionar a «moral irrepreensível» das duas empregadas, que ninguém pôs em causa, é depois deste apelo de folhetim à defesa duma integridade moral que ninguém ofendeu que o Sr. Cecil Fraser declara «achamos bem que o Governo seja alertado». Mesmo supondo que o insulto inventado pelo Sr. Cecil Fraser tivesse sido feito, temos que o director da Applied, «acha bem que o Governo seja alertado» porque duas trabalhadoras foram insultadas, ao mesmo tempo, que determina o despedimento de 100 trabalhadoras, sem reconhecer aqui, qualquer razão para o Governo ser alertado e intervir.

. Não há dúvida que, como defensor da moral, o sr. Cecil Fraser é, no mínino, o campeão da hipocrisia.

Violências do 4 de Junho — É falso que a Comissão tenha provocado ou que os trabalhadores tenham particado violências no dia 4 de Junho.

Nesse dia, pelas 15 horas com a ajuda de meia dúzia de chefes, a Administração, aproveitando um período em que os trabalhadores estavam reunidos fora das instalações da empresa, mas numa sala do mesmo edifício, decidiu fechar as portas, colocando nelas um papel em que se comunicava que a Applied estava encerrada oficialmente até se encontrar resolvido o problema do caderno reivindicativo. Barricaram as portas com móveis, ferros e bidons, permanecendo no interior, numa evidente atitude de provocação destinada a produzir uma reacção violenta dos trabalhadores, que pudesse, depois, ser invocada contra eles.

junto do Governo. Inicialmente, enervados pela provocação, os trabalhadores pensaram em arrombar as portas. Mas refrearam os nervos e decidiram que, como a Administração se encerrara, por sua própria iniciativa nas instalações da empresa, o melhor que os trabalhadores tinham a fazer era aceitar os termos do comunicado da Administração, segundo os quais as portas só seriam reabertas quando o problema do caderno reivindicativo estivesse resolvido. Assim sendo, presa na sua própria teia, a Administração teria de resolver o problema antes de abandonar as instalações. Alguns trabalhadores mais nervosos face às sucessivas provocações da Administração que, telefonicamente, ia chamando a polícia, a G.N.R. a P.M. alegando que os trabalhadores queriam destruir equipamento da fábrica, fizeram um movimento para arrombar uma das portas, atitude que a Comissão desaconselhou, sendo atendida. Entretanto, chegara um delegado do Ministério do Trabalho para conduzir as negociações, que viriam a terminar cerca das 23 horas com a aceitação por parte da Administração dos pontos fundamentais do caderno reivindicativo. Já depois do acordo verbal, o sr. Cecil Fraser tentou, ainda recusar-se a assinar o texto respectivo. Nessa altura, houve uma intervenção firme do delegado do Ministério do Trabalho, dr. Andrade Mendes anulando esta tentativa de rejeitar um compromisso já assumido.

Não houve portanto, violência por parte dos trabalhadores: registou-se apenas um repente de nervosismo por parte de um pequeno grupo de trabalhadores, prontamente acalmado pela Comissão sem consequências nenhumas a não ser algum ruído e perfeitamente coprensível dadas as circunstâncias. Quanto à Comissão, que nisso teve a colaboração da consciência cívica da quase totalidade dos trabalhadores, aconselhou sempre a calma e, em especial, no dia seguinte, promoveu com êxito a normalização das relações de trabalho entre os operários e os chefes que tinham ficado encerrados na empresa com a Administração. A acusação de que a Comissão provocou violências, não passa de mais uma calúnia inventada pela Administração e desmentida pelos factos.

«A empresa tem de fechar» — Já antes de aceitar as reivindicações a Administração afirmava ameaçadoramente que, no caso de elas serem satisfeitas, a empresa fecharia num prazo de 6 meses. Depois de as aceitar, estas ameaças tranformaram-se numa campanha exaustiva, que veio a culminar com os incidentes do dia 4 de Julho e com o despedimento colectivo de 116 trabalhadores — despedimente que, por unanimidade, os trabalhadores decidiram não aceitar. Os trabalhadores despedidos permanecem na fábrica e propôs-se ao presidente da empresa-mãe que venha a Portugal para negociar com os trabalhadores.

Outras actividades do sr. Cecil Fraser — Ao contrário do que possa pensar-se, os problemas da Applied Magnetics, não ocupam todo o tempo preocupações e capacidade administrativa do seu director, sr. Cecil Fraser. Assim, ele está empenhado em promover a solução de todos os problemas das empresas americanas do ramo eléctrico e electrónico existentes em Portugal.

Apelos e Finanças — É per- ... Continua na pág. 18

GERAL

OS METALÚRGICOS E A MANIFESTAÇÃO DE APOIO AO M.F.A.

. A direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa convida todos os seus associados a participarem na grande manifestação-comício de apoio ao Movimento das Forças Armadas e ao novo Governo Provisório no cumprimento do Programa do M.F.A., para que a manifestação seja uma grandiosa demonstração de força e unidade.

O local de concentração para os metalúrgicos será na Alameda D. Afonso Henriques, às 20 horas de quinta-feira.

SECÇÃO NÁUTICA DO C.O.L.

Da Sociedade Comercial José Domingos Barreiro, recebemos os seguintes esclarecimentos relativos a uma crítica, por nós publicada, referente à Secção Náutica do Clube Oriental de Lisboa:

Nunca o armazém referido foi oferecido ao C.O.L.; a ocupação grátis verifica-se desde há 25 anos; desde 7 de Dezembro de 1973 que existem negociações para a desocupação do referido armazém, que culminaram com o compromisso tomado pela actual Direcção do C.O.L., em 15 de Janeiro de 1974, no sentido de o desocuparem em 15 de Julho último, frisando o C.O.L. a possibilidade de uma antecipação desta última data; logo de início esta Sociedade se propôs suportar o encargo das benfeitorias feitas pelo C.O.L., no aludido armazém; esta Sociedade, verbalmente, pôs à disposição do C.O.L., até à obtenção pelo Clube das suas novas instalações de um local coberto para recolha dos barcos.

GRANDE PLENÁRIO EM LEIRIA DOS REVENDEDORES DE COMBUSTÍVEIS

. A Associação Nacional de Revendedores de Combustíveis distribuiu um comunicado em que torna público alguns dos pontos discutidos na reunião do seu conselho de delegados. Nele esclarece-se especificamente:

«1.º — Uma manobra de diversão por parte das Companhias que alterando os prazos habituais, evitaram assim o envio das letras, conforme fora decidido no Plenário de 29-6-1974;

. 2.º — Companhias há que, perante o envio de letras, não cortaram os abastecimentos;

3.º — Há companhias que continuaram os fornecimentos apesar de os seus revendedores não pagarem nem por letras nem a dinheiro;

. 4.º — Há companhias que cortam os abastecimentos a alguns revendedores que enviam letras e perante esse envio não o cortam a outros revendedores. Assim:

. a) Esclarece-se o público em geral que a A.N.R.C. não pode ser responsabilizada pelas deficiências de abastecimento existentes;

. b) Que a A.N.R.C. está decidida a reentabular imediatamente negociações com as 7 Companhias;

. c) Que, nesta data, solicitou uma audiência ao Secretário de Estado da Indústria e Energia;

. d) Que o livre associativismo e o princípio democrático do respeito pelas decisões do Plenário será intransigentemente defendido pela A.N.R.C. Por isso o envio de letras deve prosseguir como substituto do meio habitual de pagamento;

. e) Que a A.N.R.C. cobrirá os prejuízos documentadamente provados pelos revendedores aos quais as Companhias cortem os abastecimentos;

. f) Que a A.N.R.C. prestará toda a informação a quem a solicite, pelos telefones 860527 — Rua da Palma, 272-1.º — Lisboa e 491053 e 492761 — Rua Faria Guimarães, 631 — Porto.

g) O Plenário realizar-se-á no pavilhão gimnodesportivo de Leiria, pelas 15 horas do próximo sábado, dia 27».

INQUÉRITO EM ALMADA À SITUAÇÃO HABITACIONAL -promove o M.D.P.

Considerando como assunto da maior urgência a solução do grave problema habitacional no concelho de Almada, a comissão concelhia do M.D.P. propõe-se a eleboração de um inquérito às condições de habitação, **incidindo, especialmente, no estado em que vivem as massas populares desta zona de grande industrialização, onde se torna cada vez mais patente a contradição entre a grande riqueza e a maior miséria.**

Sem a realização de um inquérito tão alargado quanto possível, considera-se inviável **uma panorâmica da situação caótica em que foram lançadas milhares de famílias, sem um tecto para se abrigarem, ou pelo menos, em condições sub-humanas de habitação.**

Assim, no comunicado distribuído aos órgãos de Informação, a comissão concelhia de Almada do M.D.P. inclui um convite a todos os habitantes, considerando que **a solução do problema do alojamento só poderá ser efectuado com o trabalho e consciencialização das formas de luta assumidas por todas as massas populares.**

O inquérito, de simples preenchimento, encontra-se à disposição do Povo, nas sedes do M.D.P., Juntas de Freguesia, em diversas empresas, sindicatos e estabelecimentos públicos. Haverá ainda brigadas móveis que farão o possível por atingir as zonas mais desfavorecidas.

BARCO

7m motor gasoil vela auxiliar, vendo. T. até 10h, 664898 ou 11 V.ª. N.º. Milfontes.

VENDE-SE

PORSCHE 911 T. TARGA C/ NOVO. AV. DEFENSORES DE CHAVES, 97-C.

VENDE-SE

B.M.W. 3.0 SI C/ AR CONDICIONADO C/ NOVO — AV. DEFENSORES DE CHAVES, 97-C.

DIMINUÍDOS FÍSICOS

Transformamos um automóvel para si de acordo com as suas necessidades. Telef. 685650.

AUXÍLIO PEQUENAS EMPRESAS

Resolvem-se vossos problemas de expediente aliviando pesados encargos com pessoal de forma extremamente económica e eficaz. Consulte-nos já. Tel. 36 41 57 (10 13 15 18) dias úteis

ADERÊNCIAS À MANIFESTAÇÃO DE APOIO AO M.F.A.

. . Irmanado no geral sentimento de apoio ao Movimento das Forças Armadas e ao novo Governo Provisório, o Conselho Português para a Paz e Cooperação adere entusiasticamente à manifestação que se realizará amanhã no Estádio 1.º de Maio e convida todos os Partidários da Paz a juntarem-se à sua comissão, no cruzamento do Campo Grande com a Avenida do Brasil, pelas 20 e 30 horas do mesmo dia.

APELO AOS SOCIALISTAS

A comissão de politização da mulher do P.S. e a Juventude Socialista, apoiando a convocação feita pelo Partido Socialista e pelo Partido Comunista Português, para a manifestação — comício de apoio ao Movimento das Forças Armadas e ao novo Governo Provisório, apela para todos os seus membros e simpatizantes para que participem nessa manifestação, a realizar amanhã no estádio 1.º de Maio às 21 e 30.

BOLETIM METEREOLÓGICO

Situação geral às 18 horas de ontem.

Em Portugal continental o ceú estava geralmente limpo e o vento era fraco.

Previsão até às 24 horas de hoje.

Céu geralmente limpo, vento fraco soprando moderado de noroeste durante a tarde no litoral oeste. Temperatura sem alteração apreciável.

Comunicado

. A Associação Portugal-URSS comunica que a vinda das crianças portuguesas que vivem na União Soviética, filhos dos militares comunistas clandestinos, anunciada para as 18 e 30 de hoje foi alterada para as 0 e 50.

CONVOCATÓRIA

A Comissão Executiva Pró-Federação Espírita Portuguesa, convida os respectivos associados para a Assembleia a realizar em 10 de Agosto, às 15 horas, na Rua Presidente Arriaga, 124-1.º — Lisboa.

SINDICATO DOS MÚSICOS

AVISO CONVOCATÓRIO

Convoca-se a Assembleia Geral deste Sindicato para reunir no dia 27 de Julho às 14 horas, na Sede da «Sociedade Guilherme Cossoul», Av. D. Carlos I n.º 61-1.º, com a seguinte

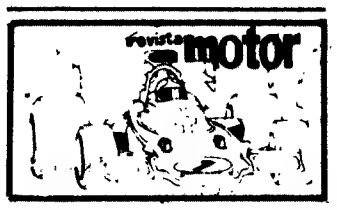
ORDEM DE TRABALHOS

Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio 1974/1976.

De acordo com o art.º 24.º dos Estatutos se não houver à hora marcada número suficiente de sócios, a Assembleia funcionará meia hora depois com qualquer número. Chama-se a atenção dos sócios da necessidade de identificação.

Lisboa, 23 de Julho 1974

A COMISSÃO PROVISÓRIA «AD HOC»



ORDEM DOS ADVOGADOS

CONVOCAÇÃO

A Comissão para a reforma do estágio, convoca os Colegas para uma Reunião Geral a realizar na próxima sexta-feira — dia 26, às 21,30 horas, na sede da Ordem dos Advogados, a fim de se discutirem e votarem alguns pontos respeitantes à reforma ou modificação do estágio, que não puderam ser apreciados na sessão anterior.

Lisboa, 19 de Julho de 1974.

A COMISSÃO

AVISO

Lista Telefónica Classificada N.º 93

Estando em curso a distribuição da Lista Classificada da área de Lisboa e arredores, da rede telefónica dos TLP — Telefones de Lisboa e Porto, pede-se aos Senhores assinantes o favor de procederem à devolução das Listas anteriores, quando do recebimento da nova Lista.

SportKar — BAR STAND

GERÊNCIA DE LÁZARO SALADA

PORSCHE 911 T Targa c/ novo
PORSCHE 911 S 2,2
PORSCHE 911 S 2 L
PORSCHE 911 T 2,2 c/ ar condicionado
PORSCHE 914 Impecável
PORSCHE 911 T 2,2 c/ extras
MASERATI MISTRAL Descapotável, único no país
JAGUAR XJ 6 4.2 c/ novo
RANGE ROVER novo
BMW 3.0 SI c/ ar condicionado c/ novo
JAGUAR XJ6 c/ vidros eléctricos
LOTUS ELAN 2 mais 2 S 130 cv s/ averbamento
LOTUS EUROPA TC
LANCIA 1300 5 velocidades 4 portas
CITROEN DS-23 injection c/ todos os extras
CITROEN D Especial
PEUGEOT 204 Breack diesel
AUTOCARRO DE 20 lugares, OM diesel (próprio para colégios)
VOLKSWAGEN 9 lugares MICROBUS

Temos mais unidades em Stok provenientes das nossas trocas

AVENIDA DEFENSORES DE CHAVES, 87-C
TELEFS.: 76 19 91 - 76 15 56 — LISBOA

NACIONAL RÁDIO, S. A. R. L.

STAND DE EXPOSIÇÃO

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-1.º, E.

Comunicamos aos nossos estimados Agentes e Clientes que por motivo de FÉRIAS está encerrado o n/ stand de exposição da Praça da Figueira a partir de 5 de Agosto próximo reabrindo a 27 do mesmo mês às 09.00 horas.

GERAL

O JULGAMENTO DOS COLABORACIONISTAS EM FRANÇA

Continuaçao da pag. 3

não resistiu à sua criação por uma lei ditada da Argélia quando o Governo Provisório não podia ainda pisar território metropolitano francês.

Os colaboracionistas eram porém numerosos.

Os homens da resistência queriam julgá-los a todos, mas tornou-se praticamente impossível fazê-lo.

Foram julgados os membros do Governo de Pétain e as figuras mais importantes de colaboracionismo, tanto directo, como de apoio aos colaboracionistas.

Responderam em tribunal Laval, Brinon, Mourras, Dentz, Estéva, Flandin e muitos mais, mas todos da chefia e de grande grau de responsabilidade.

Nem tudo, quando os homens, interpretam o sentimento do povo, pode ser levado a efeito em casos desta natureza. Há sempre os que não chegam a sofrer castigo. Uns porque não saiem da insignificância. Outros porque agiram em estado de necessidade. Outros ainda porque são néscios. Muitos mais ainda pela impossibilidade de os trazer ao banco dos réus.

Há sempre muito que fazer depois de um período amargo como viveu a França sob o nazismo. As atenções vão-se desviando para o mais útil, olhos postos na construção de um futuro melhor.

REALISE DINHEIRO
sobre o seu carro mesmo em debito a stands
Av. General Roçadas, 109-2.º Esq. T. 844862

OS TRABALHADORES DA "APPLIED"

Continuação da pág. 16

Na linha desta «generosa» missão, o sr. Cecil Fraser elaborou uma circular enviada às Administrações de todas as empresas americanas do sector. Vale a pena transcrever o início dessa circular, que antecede um questionário, não só pelo interesse que esse documento tem para todo o País, mas também para comparar as intenções nele reveladas abertamente com os pretextos invocados na carta do mesmo senhor para o «Diário de Lisboa». Passamos a reproduzir o texto em causa.

Exmos. Senhores,

O objectivo desta circular é o de estabelecer um critério para associação livre de empresas com as seguintes características básicas:

1. A Empresa é fundamentalmente uma companhia exportadora.

2. A Empresa é basicamente dependente da mão-de-obra.

Esta organização será criada com os objectivos seguintes:

1. Actuar como um grupo com influência em matéria legislativa em relação ao Governo com o fim de proteger os interesses das companhias desta categoria.

2. Desenvolver os mecanismos necessários para negociação de C.C.T. com a Intersindical ou outros tipos de organização de trabalho que virão a desenvolver-se.

O primeiro passo na prossecução destes objectivos é o de estabelecer algumas regras de fundo básicas para determinação de interesses mútuos do grupo. Formulamos seguidamente um questionário que gostaríamos de ver respondido por todas as companhias do «American Managers Group» (Grupo de directores americanos). Através de um resumo destas respostas poderemos impiricamente determinar as melhores regras de fundo para participação.

Dado que o tempo é essencial neste programa muito apreciaríamos que respondesse às perguntas amanhã e que a sua secretária remetesse o questionário preenchido para o endereço seguinte:

Cecil Fraser, etc.

Caso tenha quaisquer perguntas suplementares, tome a liberdade de contactar qualquer dos directores seguintes:

Cecil Fraser — Applied Magnetics

António Lopes — Audio Magnetics

Jacques Noels — Texas Instruments

Bill Van Den Heuvel — ITT Semi-condutores

Como se vê, a intenção não é a de abandonar um País onde os salários ainda teriam de aumentar muito até o custo da mão-de-obradeixardeseraliciante para este tipo de empresas. E certo que a mão-de-obra é menos «barata» em Portugal do que na Coreia, por exemplo. No entanto, isso é amplamente compensado pelas circunstâncias conjuntas de Portugal ser um País de economia débil, em que as empresas nela instaladas poderão beneficiar de um certo tipo de «acessos» ao Mercado Comum, mais vantajosos do que os directos entre este e as empresas americanas nos E.U.A., para mencionar apenas uma das vantagens possíveis.

Para estas empresas, o 25 de Abril e a queda do aparelho repressivo fascista que impedia os trabalhadores de se organizarem e de lutarem por melhores condições de trabalho é um contratempo. Mas sabemos que elas contam com a força e o poder do capital internacional e com as insuficiências económicas do País para tentarem impôr os seus interesses, adaptando-se a uma situação política nova ou, se ela não lhes convier de todo, procurar por todos os meios ao seu dispor (que são muitos e recorrendo a todos os processos (o exemplo chileno é bem claro) para alterarem uma situação política «inconveniente».

A este respeito, sem sentimentos anti-americanos, não temos quaisquer ilusões. Mas também não somos derrotistas. Vigilantes, unidos, organizados, conscientes e sem recear aceitar os sacrifícios indispensáveis, nós, todos os trabalhadores portugueses, podemos resistir à exploração desenfreada e construir uma sociedade com desenvolvimentos menos espectaculares nos sectores da técnica mais avançada, que aproveitam menos aos portugueses que às empresas multinacionais, e com um desenvolvimento económico e social cuja riqueza seja distribuída sem as desigualdades escandalosas que continuam a existir e sem o sugar impiedoso do trabalho nacional pelos grupos económicos dos países desenvolvidos.

Neste momento, temos o dever de dizer firmemente a esses grupos e a essas empresas que os trabalhadores portugueses trabalham, mas exigem remunerações cada vez mais equivalentes ao valor real do seu trabalho e exigem também, do Governo, que ponha termo aos lucros «ocultos» e abusivos que o regime anterior lhes facultava.

E dizer isto às empresas estrangeiras é dizer isto às empresas nacionais. Porque, embora «sem quaisquer habilitações» vamos aprendendo que não há capital português e capital estrangeiro — que há sim um e o mesmo capital, sem cor, sem credo religioso, sem raça e sem fronteira.

O sr. Cecil Fraser ainda não compreendeu que é isto, dito desta ou doutra maneira, menos ou mais «habilitada», que os 600 trabalhadores da Applied Magnetics lhe têm dito, mesmo quando, antes do 25 de Abril, era muito mais difícil e perigoso dizê-lo. De resto, o sr. Cecil Fraser sabe, melhor que nós, que as nossas reivindicações só diminuem um bocadinho os lucros da empresa. Não são incomportáveis. Não ameaçam a sobrevivência da empresa. Não obrigam os «americanos a ir para casa». O que o sr. Cecil Fraser tem ainda que reconhecer é que **nós sabemos** que o despedimento colectivo de 116 trabalhadores é uma intimidação e não uma necessidade da empresa e que o fecho da fábrica é uma ameaça e uma táctica com que se pretende, pelo medo, fazer-nos desistir das conquistas que já alcançámos (40 horas e C.C.T.) e fazer pressão sobre o Governo para que este, face à possibilidade de ter de enfrentar uma crise de desemprego em grande escala (só este sector tem 35.000 trabalhadores) ceda às suas imposições.

Conscientes de que tudo isto é uma manobra que continua e irá tomar novas proporções, conscientes também de que deste modo se está a entravar o processo de democratização estabelecido no programa do Movimento das Forças Armadas, conscientes ainda de que na nossa actuação não devemos ultrapassar os limites nesse programa definidos, a Comissão de Trabalhadores da Applied Magnetics, ao mesmo tempo que mantém a intenção inabalável de respeitar os princípios proclamados no 25 de Abril, exige do Governo uma intervenção firme no sentido de actuar contra a concentração monopolista e outros processos usados pelas empresas multinacionais, conforme está expressamente previsto no Programa do Movimento das Forças Armadas.

Finalmente, apelamos para a solidariedade de todos os trabalhadores portugueses, cujo apoio nos é indispensável. Embora se trave em muitos locais, **a luta dos trabalhadores é só uma.**

OS ENCARGOS DA DEMOCRACIA

Continuação da pág. 15

tinha sido a única maneira de sacudir a tutela da administração. Sabe-se, por outro lado, que os projectos para introduzir a autogestão na administração nunca foram coroados de êxito. A reflexão autogestionária deve, portanto, levantar o problema da transformação do Estado, e isto em termos que contornam melhor os obstáculos observáveis, do que os do mito do seu desaparecimento, verdadeiro beco sem saída para uma reflexão inovadora neste domínio.

Se, pelo contrário, a autogestão mergulha numa economia de mercado, a necessidade de ligações, coordenaçaões, entendimentos entre empresas, dá origem a intermediários de toda a espécie, agentes, conselheiros, representantes correctores, etc. Este «intermediarato» dispõe de um grande poder nas empresas, mesmo que elas o não considerem senão como simples parasita, voraz de honorários e de comissões. E quanto mais complexa é a economia, mais ele aumenta em número e em influência. Todavia, como estes agentes não «exploram» muito pessoal (quando muito alguns secretários ou secretárias) e não dispõem de um grande capital fixo (um telefone, um telex), são considerados pela lei jugoslava como artífices e não deixam de autogerir as suas empresas.

Todavia, se observarmos bem, eles são, talvez, a obra-prima da moderna exploracão do homem pelo homem, aquela que se faz a partir do saber, da informação, das relações, da organização. Segregados por uma economia que se desejou tornar mais dinâmica, são, ao mesmo tempo, criaturas deste dinamismo e seus portadores.

Toda a história recente da autogestão jugoslava e das tentativas de tomada em mão da economia tende a mostrar que, se se pode autogerir fábricas e instituições, não se chega a autogerir a força que as anima, o dinamismo do crescimento.

Embora tenham sido travadas pela administração, as comunicações entre as empresas e as instituições do plano não sofreram outras distorções a não ser as de ordem burocrática. A autogestão planificada dos anos 50 era concebida como um meio de realizar um projecto de sociedade, a ideologia que reclamava não era contestada nem o grupo que dela era porta-voz.

E nós temos suficientes testemunhos que mostram que, quando uma directiva nova do plano corria o risco de ser mal acolhida pelas direcções ou pelos conselhos operários das empresas, era geralmente suficiente fazer intervir o secretário local do partido para fazer aceitar a medida em questão. Por outras palavras, a unidade que o plano conferia à economia era dobrado por uma unidade ideológica, veiculada por um aparelho único de mobilização. A busca autogestionária actual deveria, ao que parece, perguntar-se se esta nova regra das três unidades é aplicável nas sociedades pluralistas, ou, pelo menos, naquelas em que um certo pluralismo poderia ou mereceria ser salvaguardado.

Neste ponto, alguns lembraram e parafrasearam Lenine, ao declarar: autogestão mais computador igual socialismo. Graças aos terminais do computador, e até nos seus próprios lares, os homens poderiam, imediatamente, decidir das diferentes políticas económicas que lhes fossem submetidas e das quais o computador lhes mostraria o custo e as implicações. Assim seria conciliado o pluralismo das opiniões e das tendências políticas que reflectem a diversidade das ideologias com uma certa unidade nas políticas económicas. Procedendo desta forma, esquece-se de falar do terceiro elemento de unidade que, na situação jugoslava, foi o partido; para ser o autor invisível deste sonho reconciliador, teria preparado os programas e controlado o computador-ídolo?

Da mesma maneira que os audiovisuais, dos quais tanto se esperou, nada conseguiram em matéria de educação, e o facto da democracia ter estado bem mal conduzida durante estes últimos decénios não justifica que se ponha uma esperança ilógica nas novas fórmulas.

Fazer funcionar estruturas de autogestão, foi assim que sempre se pôs o problema; bem mais mais raramente se tentou formar atitudes autogestionárias e viver a autogestão antes de lhe dar estruturas. Estaria aí um caminho possível?

AUDITORIO
VIVALDI
ALTA FIDELIDADE
AV. JOÃO CRISOSTOMO, 91 - A
LISBOA

LEIA O JORNAL motor

DESPORTOS

O Vitória precisa de dinheiro e Duda talvez seja a solução

O Vitória de Setúbal está em difícil situação financeira, apesar dos cerca de cinco mil contos que o seu actual presidente da Direcção lá tem empenhados. Face a esta situação, duas soluções foram estudadas: uma, dentro da linha mais recente de orientação do clube; outra, na sequência do que tem sido tradicional. A primeira, consistia na venda de um lote de terreno nas traseiras do estádio do Bonfim (onde seriam construídas duas torres para habitação) e que daria perfeitamente para cobrir o deficit» actual. A segunda, residiria na transferência de um dos seus três jogadores mais pretendidos (Duda, Octávio e Rebelo) para um clube que pudesse abrir os cordões à bolsa.

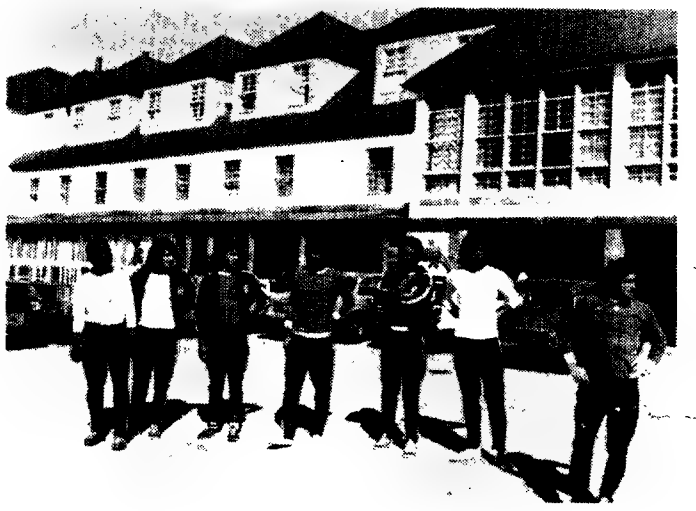
Simplesmente, com o evoluir dos negócios no sector da construção civil e com a incerteza quanto à política de solos urbanos a adoptar pelo Governo Provisório, a primeira hipótese ficou muito prejudicada. Sabe-se (mesmo) que diligências directas de pessoas interessadas na manutenção da força da actual equipa teriam já sido efectuadas sem grande resultado: não há compradores interessados, pelo menos segundo o valor que o Vitória atribui ao referido terreno.

Fica de pé a hipótese de transferência de um «craque» do clube, para o Sporting ou para o F. C. do Porto, agrupamentos mais interessados. Qualquer deles já apresentou propostas concretas ao Vitória.

O Sporting fez saber que considerava demasiado onerosa uma transferência que envolveria 4500 contos. Seria a de Duda, um «goleador» que os dirigentes de Alvalade queriam ver ao lado de Yazalde. Como o montante indicado era demasiado elevado, fizeram contraproposta reduzir essa verba e transferir para Setúbal o setubalense Tomé, que não tem tido sorte no Sporting e veria com bons olhos o regresso ao clube onde se formou. Esta contraproposta julgamos que ainda não teve resposta.

Quanto ao F. C. do Porto, em princípio, estaria disposto a pagar os pedidos 4500 contos. Só que teria de transferir-se, também ao abrigo dessa verba, um outro jogador (Octávio ou Rebelo) mas com prioridade do excelente médio «internacional». Por isso parece gorada a possibilidade de transferência.

Resta a possibilidade de o Sporting chegar a acordo com o Vitória sobre a «hipótese Duda», e isso só acontecerá quando o presidente do clube regressar de férias e houver possibilidades de subir a oferta. A menos que o Vitória aceite a contra-proposta Tomé, mesmo com o apêndice de mais um ou outro jovem futebolista dos campeões nacionais.



Na Serra da Estrela, ambiente despoluído para os «craques» do Benfica.

SOBRE FUTEBOL

ESPINHO

Os associados do Sporting de Espinho que são legítimos donos das «cartas de desobrigação» dos jogadores Telé e Malagueta (e os cederam ao clube apenas pelo ordenado mensal e prémios) parecem dispostos a negociá-las para reaverem o capital despendido.

TOMAR

Enquanto o presidente do União tomarense (José Júlio Garcia) informa que não continuará na direcção da agremiação e uma assembleia geral para análise do problema está marcada para 29 do corrente, parece certa a dispensa do médio Gonçalves (que, após a intervenção cirúrgica a que foi sujeito, quando se encontrava ao serviço do Sporting, não mais recuperou). Por outro lado, indica-se como duvidosa a continuidade do técnico Artur em Tomar, simultaneamente se confirmando a notícia de que Raul Aguas revalidou por um ano o seu compromisso com o clube.

TIRSENSE

Armando Andrade permanece como treinador do Tirsense.

VARZIM

Sidónio abandona o Varzim, após ter desempenhado, na temporada finda, o cargo de treinador-jogador. Outros futebolistas dispensados pela colectividade: Albano, Salvador («carta» em seu poder) e Ricardo.

BELENENSES

Confirma-se o regresso do dianteiro Ernesto ao Restelo, depois de ter representado o Peniche.

FARENSE

O massagista Belo acompanha Mário Lino, mudando-se do Sporting para o Farense.

CAIADO

Fernando Caiado, que voluntariamente abdicou do lugar de treinador da Cuf, continua retido no leito, após a melindrosa intervenção cirúrgica a que foi sujeito.

MOÇAMBIQUE

E já no próximo dia 18 de Agosto que o Sporting de Lourenço Marques vai proceder à inauguração da relva no seu campo de futebol. O programa estabelecido para o dia da inauguração, será preenchido com um jogo entre a direcção do Sporting e a direcção do Desportivo, seguindo-se uma partida entre a «Velha Guarda» dos «leões» e os veteranos do Desportivo, ambos os encontros com a duração de 15 minutos. Depois defrontar-se-ão o «onze» principal do Sporting e a selecção de futebol da Suazilândia.

No mês de Setembro, em data ainda a anunciar se for autorizado e o convite, já endereçado for aceite, o Sporting defrontará a selecção do Zaire, conjunto que esteve presente no último Mundial.

CUF

Elaborada a lista de dispensas cufistas: Monteiro, José António, Preguiça, Alfredo, Ferreira, Malaquias, Peres e Américo deixam o clube do Lavradio. Entretanto prolongaram os seus contratos os futebolistas Vítor Marques, Esteves, José Pereira, Vitor Pereira, Castro, Castanheira e Vítor Gomes.

DISTINÇÃO

Eusébio foi convidado a deslocar-se ao Mónaco, nos primeiros dias do próximo mês de Agosto, para participar num jogo incluído no programa de festejos do 25.º aniversário de Rainier como príncipe reinante.

SESIMBRA

Vicente, um dos saudosos «magriços», é o novo treinador do Sesimbra.

REGISTO

FARO: Assembleia geral do Sporting Clube Farense, na noite da próxima 2.ª feira, para eleição dos futuros corpos gerentes da colectividade.

POULIDOR: O primeiro ministro francês, Jacques Chirac, enviou ao ciclista Raymond Poulidor uma mensagem de felicitação pelo seu «brilhante comportamento» no Tour, no qual obteve o segundo lugar na classificação geral. Poulidor, que conta 39 anos, goza de grandes simpatias em França. Soube-se que, uma senhora de 71 anos, assistiu à chegada dos ciclistas a Paris para ter o gosto de saudar pessoalmente o corredor francês, a quem entregou uma considerável quantia em dinheiro como recompensa «pelo valor demonstrado durante o Tour.

SPORTING: O ciclista João Curto vai ser dispensado pelos «leões», não devendo já fazer parte do bloco profissional concorrente à Volta a Portugal.

NATAÇÃO: Nos Campeonatos Nacionais de Natação, que decorrerão em Lisboa, no próximo dia 8 de Agosto, a embaixada moçambicana é constituída pelos seguintes elementos: Renato Pericão (dirigente associativo e chefe da embaixada), Eurico Perdigão (treinador), Olímpia Otão, Ana Cristina Ananíades, Sixto Ferreira, José Rodrigues e António Botelho de Melo (nadadores. Carlos de Oliveira e Dulce Gouveia já se encontram na Metrópole. Carlos Serra seguiu para Génova (Itália) onde tomará parte num torneio internacional seguindo posteriormente para Lisboa para estar presente nos «Nacionais». Entretanto, uma baixa: Rui Abreu, um dos valores mais positivos da natação portuguesa, ao partir um dedo da mão, comprometeu seriamente a sua ida à Metrópole, pois não se sabe se ficará bom e em condições de entrar em provas.

ANGOLA: Liliana Santos (do Naval de Luanda), estabeleceu novo «record» nacional de natação, na prova de 200 metros livres, ao fazer 2 m. 30,5 s. O anterior melhor tempo (2.34,5) também lhe pertencia. Nas restantes provas de natação efectuadas na piscina de Alvalade, para «tiragem de tempos» com vistas à participação na Taça de Portugal, Liliana Santos bateu também o «record» nacional da categoria infantil nos 100 metros-costas, com o tempo de 1 m. 20,8 s., que passa a constituir máximo absoluto de Angola. O melhor tempo anterior pertencia a Isabel Teixeira, do F.C. do Porto, com 1.23,3.

Conceição Alves: vitória no pentatlo e «record» no salto em altura.

TRAGÉDIA: Um matemático e um geofísico norte-americanos, que tentavam escalar o Huandoy, nos Andes, foram considerados mortos. A notícia da morte do matemárico William Hooquer (de 39 anos) e do geofísico Glenn Converse (de 37 anos) foi dada sem mais pormenores, pelo chefe do projecto do Parque Nacional Huascaram, do Ministério peruano da Agricultura. Outro norte-americano (Ted Limp, de 31 anos) morreu a semana passada ao caír num precipício, juntamente com a sua companheira Gail Wilts (que ficou ferida) quando desciam o monte Huascaran, em companhia de outros seis alpinistas norte-americanos. O Huandoy eleva-se a 6256 metros sobre o nível do mar.

TÉNIS: A Rússia venceu a Jugoslávia (por 4-1) nas eliminatórias da zona B europeia da Taça Davis. Nos dois últimos jogos de singulares Teimuraz Kakulia venceu Bora Javanovic (por 6-2, 6-4 e 6-0) e Alexander Metreveli derrotou Nikola Pivic (por 6-4, 7-5 e 8-6). Na próxima eliminatória, a Rússia defrontará o vencedor do encontro Checoslovaquia-Alemanha Federal.

COIMBRA: A lista proposta a votação (no dia 29) para os primeiros corpos gerentes do Clube Académico apresenta-se assim: **Assembleia Geral** - presidente ... Armando Pinto Basto (juiz corregedor); secretários ... Raul António Jorge Caçador (estudante) e Carlos José Fernandes dos Santos (electricista). **Conselho Fiscal** presidente - Aurélio Dias Pereira Lopes (advogado); secretário ... Joaquim Carvalho Segura (técnico de contas); relator Joaquim Miguel Oliveira Monteiro (estudante). **Direcção** presidente - José Júlio Martins Couceiro (engenheiro); vice-presidentes - Manuel Santos Acúrsio (estudante) e Carlos josé de Paiva Filipe (industrial) secretário administrativo); tesoureiro - Mário António Dionísio Morato Costa (agente de seguros); vogais efectivos - José António Pinto Belo (estudante), Jorge Manuel de Castro Formigal (médico), Ernesto Marques Soares (técnico de contas), José Hnerique Dias Pereira (estudante), Manuel Pacheco Mendes (médico), Henrique de Oliveira (comerciante), António Carvalho Mendes (estudante), Mário Medeiros dos Santos (médico) e Fernando Manuel Areias Avidago (professor liceal). **Suplentes** - vogais ... Eugénio José Antunes da Cunha (engenheiro), Domingos Lourenço Grilo (funcionário público), e Augusto manuel Frias Barbosa Roxo (estudante).

TRIUNFO: Firmino Bernardino foi o melhor na corrida ciclista dotada com o troféu «Armando Gonçalves», vencendo isolado (três minutos de avanço, em Alvalade, sobre o benfiquista Joaquim Leite).

ATLETISMO: na primeira jornada do Irlanda do Norte-Portugal, os nossos atletas conseguiram cinco êxitos. Eis os desfechos:

100 metros: 1.º, António Cachola (Portugal), 10,7; 2.º, T. Chelan (Eire), 10,7; 3.º, D. Brown (Eire), 10,8 e 4.º, José Silva (Portugal), 10,9

1.500 Metros: 1.º, J. Hartnett (Eire), 3m. 41,8 s.; 2.º, E. Coghlan (Eire), 3.41,9; 3.º, C. Cabral (Portugal), 3.47,4 e 4.º, Fernando Mamede (Portugal), 3.54,9.

400 Metros: 1.º, T. Crowe (Eire), 47,8; 2.º, F. Mcsweeney (Eire), 48,2; 3.º, J. Carvalho (Portugal), 48,6 e 4.º, Domingos Capindiça (Portugal), 50,3.

10.000 Metros: 1.º, Carlos Lopes (Portugal), 28.43,8; 2.º, N. Cusack (Eire), 28.50,4 e 3.º, Anacleto Pinto (Portugal), 30.3,6

Martelo: 1.º, J. Pedroso (Portugal), 55.52; 2.º, 2.º, B. Hartigan (Eire), 54.95 e 3.º, C. Cardoso (Portugal), 50.63.

Salto em Altura: 1.º, J. Farning (Eire), 2.02; 2.º, I. Travers (Eire), 1.93; 3.º, N. Poitevin (Portugal), 1.90 e 4.º, José Aguias (P.), 1,85.

Salto em Comprimento: 1.º, A. Melão (Portugal), 6.84; 2.º, P. Jordan (Eire), 6.71; 3.º, H. Duggan (Eire), 6.50 e 4.º, Orlando Branquinho (P. 6.49.

Estafeta 4/100 metros: 1.ª Portugal (Melão, Manso, José Silva e Cachola), 32 s. e 2.ª Eire, 32,1.

110 Barreiras: 1.º, Alberto Matos, 14,5; 2.º, Abdul Ismael, 14,9. Peso: 3.º, José Galvão, 14.45; 4.º, Correia da Cunha 13.14. Ao fim desta primeira tarde de competição, a Irlanda vence Portugal (54-51).

RUNA: eleita a nova gerência do Desportivo local. Nomes: Assembleia Geral Presidente, Edgar Fausto Elias; vice-presidente, António Manuel Veiga; secretário, Joaquim Leitão; vogal, Manuel Marcelino. Direcção Presidente, Rui Margaça; vice-pesidente, Augusto Madeira; secretário, João Manuel da Silva; tesoureiro, José Fausto; vogais, José Carlos Ribeiro e Firmino Barbosa. Conselho Fiscal Presidente, Vítor Mendes; secretário, Augusto Veiga; vogal, Artur da Silva.

TENIS: Vaz Pinto venceu o torneio de Vidago.

FUTEBOL BENFICA: prossegue esta noite a Assembleia Geral da colectividade.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Dagoberto José Lopes «Casa Electrolar» PORTEL

O traço de Pargana

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas)

DESPORTOS

MUNDIAL DE HÓQUEI EM PATINS

NOGUÉ: O BOM E O PÉSSIMO

Estou contra e a favor de Nogué; e assino a responsabilidade desta afirmação. Porque entendo o número 5 da selecção de Espanha como um dos melhores executantes do Mundo, um jogador verdadeiramente fora do vulgar, da mesma forma que o interpreto como um atleta de maus fígados, amigo do conflito, eternamente dedicado á difícil arte de provocar o seu adversário, para depois tirar todas as vantagens do confronto directo.

Estou contra e a favor de Nogué: e assino o termo de responsabilidade, quando através destas colunas chamo a atenção de todos os árbitros para o comportamento do jogador quando está entre quatro linhas, exigindo a sua retirada imediata ao menor sinal de provocação.

Jogadores com o temperamento de Nogué não podem circular livremente num rinque onde se disputa um «Mundial» de hóquei em patins. Porque todos os restantes praticantes, como o público em geral, merecem um mínimo de consideração.

Por
ORLANDO DIAS AGUDO

Estou e estarei sempre contra os jogadores com a índole de Nogué: porque não posso conceber atrevimentos do género daqueles que o número 5 espanhol teve ontem e anteontem, o primeiro contra o público que pagou para ver um espectáculo desportivo, o segundo contra um jogador holandês muito mais educado e desportista do que ele. E faço esta afirmação ou denuncia pública, quando acabo de saberque a delegação espanhola se sente «magoada» com algo que aconteceu ontem à noite à entrada das cabinas, terminado o encontro com a Holanda. Segundo consta, um espectador mais exaltado terá dito

Livramento: cinco tentos saídos do seu «stilo» e duas passagens fatais

das boas ao jogador que é o «capitão» do «cinco» espanhol; e, se é de censurar toda e qualquer iniciativa de desforço físico ou verbal, também deixa de ser verdade que toda e qualquer provocação tem de ser cortada pela raíz. Ora isso não foi feito nem ontem, nem nunca: nem quando Nogué atirou deliberadamente a bola para a assistência, nem quando o mesmo jogador se atirou por inteiro para cima de um atleta holandês com o único propósito de o derrubar e cortar o perigo que corria para a sua baliza.

Nogué já não é deste tempo: é mau, provocador e conflitouso, tal como é (também) um jogador fora de série quando se esquece do outro lado do seu íntimo.

Faltou a Nogué, neste campeonato, um árbitro do género de Carlos Bica; porque é isso que ele está a necessitar. Quando sentir o quanto prejudica a sua equipa, talvez ele se retraia mais. Não há nada como uns largos minutos no banco dos castigos, para se aprender a ser desportista e cortês para com os adversários.

E por isso que estou e estarei sempre contra Nogué.

OS FRUTOS DO COLECTIVISMO

Ontem, antes de Nogué ter dado a todo o público o retrato puro do seu íntimo como homem, o Pavilhão teve ocasião de verificar as vantagens de uma equipa que joga toda em conjunto: sete «diabos» de branco vestidos tomaram conta das rédeas do jogo e cilindraram o seu adversário.

Havia, estou certo disso, um forte desejo em quebrar uma tradição de há muitos, muitos anos: efectivamente, perde-se na poeira da recordação o tempo em que a Bélgica era presa fácil dos nossos hoquistas. No album de memórias que estará ainda por publicar, vem de muito longe uma vitória folgada frente aos belgas. Tendo isso na consciência, os nossos jogadores terão assimilado totalmente os ensinamentos ditados por Torcato Ferreira e partiram para a grande aventura: esperavam-se dificuldades, adivinhavam-se preocupações. E elas vieram nos primeiros minutos: até ao momento em que o primeiro golo foi marcado. Depois, foi carregar no acelerador e partir para a «goleada». Chana, «descoberto» para servir de gazua na defensiva contrária, actuou a contento; Adrião, como um abre-latas de recurso, tomou conta do meio rinque e foi bonito vê-lo a dar golos aos companheiros da frente. Houve colectivismo, cada um a jogar para si e para os companheiros, sem egoísmos a travar a marcha das avançadas. Uma ressalva para Livramento que se terá prendido ainda demasiado à pequena bola. Mas não o poderemos censurar: nas duas únicas vezes em que assim não actuou, deu dois golos de belíssimo efeito que contribuiram largamente para abrir a brecha da defensiva belga.

Os nossos jogadores marcaram 18 golos e sofreram apenas 1; para além do resultado, o que mais importa é sublinhar a exibição, verdadeiramente fulgurante, assustadoramente prática.

Não há dúvida: Torcato sabe o que quer e por onde vai.

BRASIL DOS MEUS AMORES

Ganhei, neste «mundial» de hóquei em patins, um pequeno «bégan» por este Brasil; eu, que tanto censurei (com toda a razão) a selecção «canarinho» que esteve no outro mundial a que assisti (o de futebol), rectifico aqui a minha impressão quanto ao panorama desportivo do país irmão. Afinal, não o é Desporto em si que está doente no outro lado do Atlântico, mas apenas o futebol. E digo isto, ao avaliar bem o esforço e a dedicação, a ausência de vedetismo como o espírito de entre-ajuda, revelados por estes moços de Ipanema que vestem de amarelo e falam um português cantado. Comigo, também o público das bancadas já ganhou simpatia por essa «equipa-maravilha», que não procura na provocação nem no desforço a vitória em cada lance.

A selecção brasileira é um conjunto bastante afinado, inteligente e disciplinado, que joga num todo e para um todo. Conforme o demonstrou ontem no jogo com os italianos, perdido inglóriamente (1-2) e só à força de muito esforço dos «pesados» transalpinos. Para o Brasil vai (pois) toda a minha simpatia e toda a minha admiração: aquela que eu me esqueci de dedicar a Nogué e seus comparsas...

AS MELHORAS PARA FERRER

Quando o triunfo está em perigo no campo do jogo, busca-se na secretária o antídoto para a possível derrota: a «receita» foi-me dada pela representação espanhola que encontrou no senhor Fetler o «farmacêutico» ideal para, no laboratório confeccionar a «mesinha» milagrosa. Já ontem aqui referi o facto, mas importa hoje sublinhá-lo, para que o público (e não só) fique bem a conhecer a índole deste senhor. E talvez não me engane muito, se disser que ela (a índole) foi moldada ao geito e á forma dos desejos espanhóis.

As coisas passaram-se deste modo: antes do campeonato principiar, cada equipa fez a inscrição dos seus dez jogadores. À letra do regulamento, cada turma apenas poderia vir a utilizar esses dez elementos, à razão de oito por jogo. Anteontem, porém, o senhor que é dono do hóquei em patins internacional fez publicar um comunicado no qual se dizia que «**tinha havido um erro** (não diz de quem) **na feitura da lista dos inscritos da selecção campeã do Mundo**». E acrescentava: «**Nessa lista deve ler-se Villalonga em vez de Ferrer que até está doente.** Assim, sem mais nem menos, à laia de ementa em livro de receita de cozinha.

Aqui, o senhor Fetler jogou com a honestidade dos portugueses, alinhando pelo atropelo às leis tão do gosto dos dirigentes espanhóis. Só pretendemos uma coisa: dizer ao senhor Fetler que com a sua atitude, não nos tomou por lorpas; aceitámos o seu «jogo» a troco do retrjto da sua «imparcialidade». As atitudes ficam com quem as pratica e, quanto a Ferrer, estimamos as melhoras...

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

Depois da jornada de ontem, a classificação geral ficou assim ordenada: no primeiro lugar Portugal e Espanha, ambos com 8 pontos; Argentina e Alemanha, estão nos lugares imediatos com 7 pontos; vem a seguir a Itália juntamente com o Brasil, com 6 pontos e logo os Estados Unidos com 4; Holanda e Suiça têm 2 pontos, enquanto que França e Austrália já conseguiram o seu primeiro ponto. No fim da tabela está a Bélgica a única selecção que não conseguiu ainda um único ponto.

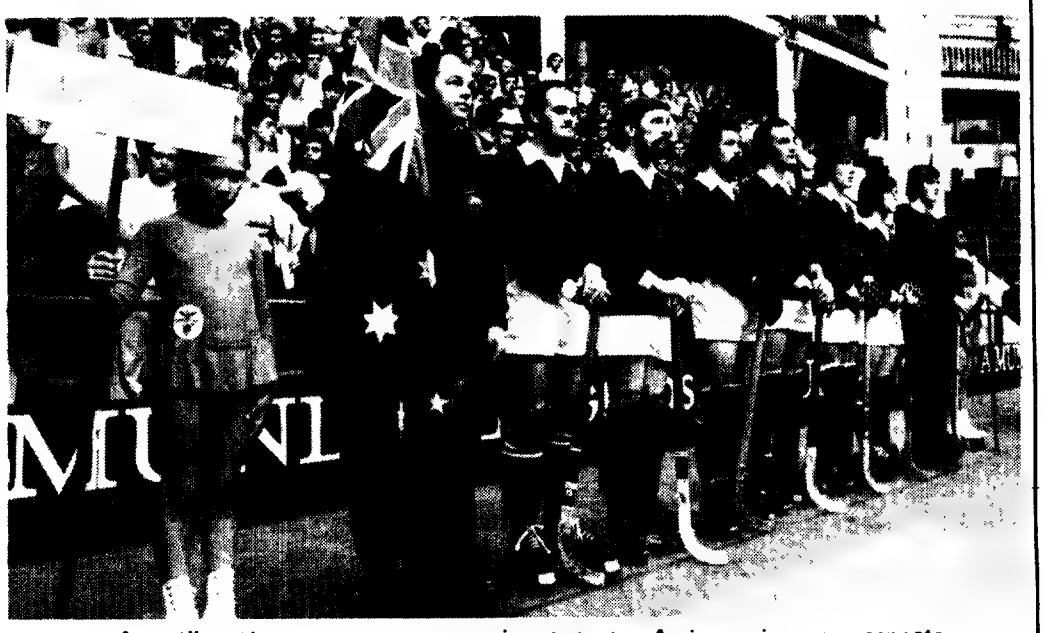
A Argentina empatou (1-1) com a Alemanha. Que faremos hoje perante os germânicos?

A JORNADA DE HOJE

À hora a que o «DL» começa a circular, principia mais uma jornada no Pavilhão dos Desportos: a partir das 17 horas defrontam-se Austrália e Brasil tendo depois lugar os Estados Unidos-França.

A noite, a partir das 20 e 45, actuam: Holanda-Bélgica, Espanha-Suiça, Portugal-Alemanha e Itália-Argentina.

Chana foi uma «gazua» que rasgou a Bélgica: quatro dos golos foram seus



Austrália: até agora, apenas conseguiu sete tentos. A pior equipa nesse aspecto

Sindicato dos Profissionais de Escritório de Lisboa

A TODOS OS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

A Direcção convida todos os associados a comparecerem na Alameda Afonso Henriques (junto à Fonte Luminosa) às 20.30 h. do dia 25 (5.ª feira). Daí partiremos para uma GRANDE MANIFESTAÇÃO-COMÍCIO (a realizar no Estádio 1.º de Maio) DE APOIO AO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS E SEU PROGRAMA, que deverá ser cumprido pelo novo Governo Provisório.

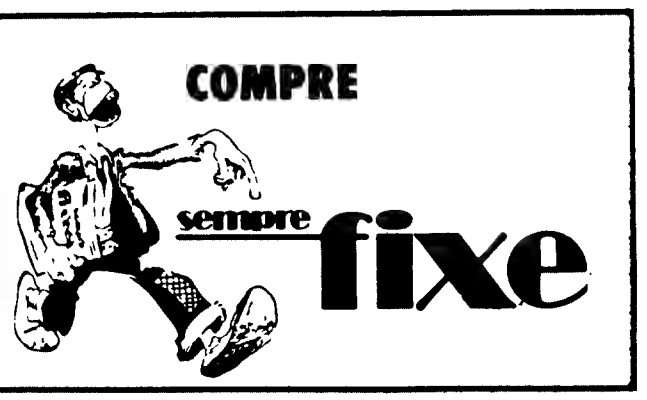
CONTRA OS DESPEDIMENTOS
PELO SANEAMENTO
PELA DEFESA DOS INTERESSES DOS TRABALHADORES
PELA UNIDADE SINDICAL
PELO FIM DA GUERRA COLONIAL

NOTA: Pede-se a todos os DELEGADOS SINDICAIS que passem pelo Sindicato (2.º andar, sala 217) com urgência a fim de recolherem informações sobre a manifestação.

Não deixes de cumprir esta importante tarefa!

ATENÇÃO No dia 25 os serviços do Sindicato estarão encerrados a partir das 20.00 horas, para possibilitar aos trabalhadores a comparência na MANIFESTAÇÃO.

A DIRECÇÃO



A nível clubista

CARTAZ DO FUTEBOL EUROPEU

Publicámos ontem o resultado do sorteio referente às competições clubistas de futebol a nível europeu, exclusivamente no que dizia respeito à intervenção inicial dos quatro clubes portugueses: Sporting («Taça dos Campeões»), Benfica («Taça das Taças»), Vitória de Setúbal e F. C. do Porto («Taça U.E.F.A.»).

Apresentamos hoje o resultado completo dos três sorteios, acrescentando ainda que o primeiro jogo de cada eliminatória se efectuará a 18 de Setembro e o encontro da segunda «mão» a 2 de Outubro. Assim, apenas o Sporting cumprirá fora de sua casa a primeira jornada, embora se possa prever que haja arranjos futuros para evitar que, no mesmo dia, se realizem três jogos em Portugal, nomeadamente os que se localizam em relvados de zonas aproximadas (Luz e Bonfim).

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

Levsky Spartak Sófia-Ujpest Dósza Budapeste; Keflavik (Islândia)-Hajduk Split; Feyenoord Roterdão-Coleraine (Irlanda do Norte); Ararat Erevan (URSS)-Vking Stevanger (Noruega); Hvidovre Copenhaga-Ruch Chorzów (Polónia); Celtic-Olympiacos Pireu; St. Etienne-SPORTINGCLUBEDE PORTUGAL; LeedsUnited-FCZurique; Slovan Bratislava-Anderlecht; La Valeta (Malta)-H.J.K. Helsínquia; Omonia Nicosia-Cark Celtic (Eire); Universitatea Craiova (Roménia Nicosia)-Cork Celtic (Eire); Jeunesse Esch (Luxemburgo)-Fenerbache Istambul; F.C. de Barcelona-Voest Linz (Austria);

Ficaram isentos Bayern de Munique e Magdeburgo.

TAÇA DAS TAÇAS

P.S.V. Eindhoven-Ards F.C. (Irlanda); Dynamo de Kiev-C.S.C.A. Sófia ou Etar Tirnovo; Gwardia Varsóvia-Bolonha; Liverpool-Stroemsgoset (Noruega); Paok Salonica-Estrela Vermelha de Belgrado; BENFICA-Vanlose(Dinamarca); Ferecváros Budapeste-Cardiff City; Real Madrid-Fram Reykjavik; S.V. Waregem (Bélgica)-Austria de Viena; Hamburgo ou Eintracht de Francfort-Mónaco; Bursasport (Turquia)-Fin Harps (Eire); Dundee United (Escóccia)-Jiul Petrosani (Roménia); Avenir Beggen (Luxemburgo)-Paralimni (Chipre); Malmöe F.F.-F.C. Sion; Sliema Wanderers (Malta)-Lahden Reipas (Finlândia) e Slávia Praga-Carl Zeiss Jena (R.D.A.).

TAÇA U.E.F.A.

Nantes-LégiaVarsóvia; F.C. Colónia-Kokolan (Finlândia); Oesters Vaexjoe-Dinamo de Moscovo; Randers Freja (Dinamarca)-Dynamo Dresde; Dundee F.C. (Escócia)-R.W.D. Molenbeek (Bélgica); Ipswich Town-Twente Eschede; Valur Reikavik (Islândia)-Portadow (Irlanda); Start Kristiansand (Noruega)-Djurgarden Estocolmo; Eintracht Francfort ou Hamburgo-Bohemtan Dublin (Eire); Debby Counti-Servette Genebra; B.K. Copenhaga-Atlético Madrid; Rosenborg Trondheim (Noruega)-Hibernian (Escócia); Stoke City-Ajax Amsterdão; Sturm Graz-Anvers; Olympique Lyon-Red Boys Diferdange (Luxemburgo); VITORIA DE SETUBAL-Real Saragoça; F.C. PORTO-Wolverhampton; Etar T. Rnovo ou C.S.C.A. Sófia-Internazionale de Milão; F.C. Amsterdão-Hidernians Malia; San Sebastian-Banik Ostrava (Checoslováquia); Lokomotive Ploddiv (Bulgária)-Vasas Gvoer (Hungria); A.C. Torino-Fortuna Dusseldorf; Gornik Zabrze (Polónia)-Partizan de Belgrado; Pesopóricos Larnaca (Chipre)-Dikla de Praga; Juventus Turim-Vorwaets Francfort (R.D.A.); Steagul Rosu Brasov (Roménia)-Besitas de Istambul; Velez Mostar (Iugoslávia)-Spartak de Moscovo; Rápid de Viena-Aris Salónica; Nápoles-Videoton Szekesfehervar (Hungria); Panathinaikos Atenas-Grasshoppers Zurique; Bolopor Bolu (Turquia)-Dínamo de Bucareste; e Vacker Innsbruck-Borússia Moenchengladbach.

NO A.C.P.

Empossados os novos dirigentes

«A hora é de acção e urge recuperar o tempo perdido, de tal forma que nada nos surpreendeu que após pouco mais de doze horas sobre o final do escrutínio que determinou a vitória da Lista B, os corpos gerentes eleitos tivessem tomado posse dos respectivos cargos.

Isto passou-se ontem ao fim da tarde na Sede do Automóvel Club de Portugal, colectividade de justificado prestígio que nos últimos dias esteve em foco em virtude do importante acto eleitoral, o primeiro que foi realmente feito pelos sócios e não por uma escassa minoria de personalidades há muito ligadas à vida do Club.

Numa cerimónia de extrema simplicidade que decorreu na própria sala de reuniões da Direcção, o presidente da assembleia geral, dr. Macedo e Cunha, que anteriormente havia sido empossado, presidiu à oficialização da entrada dos novos dirigentes que assinaram o respectivo auto de posse.

Num breve improviso o dr. Macedo e Cunha começou por se dirigir aos associados do Club salientando o facto de terem sido as primeiras eleições livres sublinhando os resultados alcançados pela Lista B.

No acto de posse dos novos dirigentes.

Quis ainda ter uma palavra de gentileza e simpatia para os corpos gerentes cessantes, antes de focar a importância da missão que está cometida aos novos dirigentes do Automóvel Club de Portugal. Mas não se escusando à responsabilidade assumida o dr. Macedo e Cunha foi claro e preciso quando afirmou ter a certeza de que o plano traçado seria escrupulosamente cumprido. A terminar o dr. Macedo e Cunha focou que os elementos então empossados já na campanha eleitoral tinham trabalhado bem, sendo agora a hora de acção e de continuação de bom trabalho.

De seguida usou da palavra o dr. Pinto Balsemão, conhecida figura da qual se espera notável acção na missão para que foi agora eleita.

Aguardadas com justificado interesse as primeiras declarações do novo presidente da direcção do Club, este começou por saudar os sócios do Club que no dia anterior tinham dado uma inequívoca prova de vitalidade, esperando debaixo de condições climatéricas pouco convidativas a sua hora de votar. Saudou também os meios de comunicação social, através dos quais o País tinha tomado conhecimento de tão significativas eleições. Em seguida o dr. Pinto Balsemão quis focar também os trabalhadores do Club que saudou, tendo afirmado que apesar deles terem apoiado a Lista A, e estavam no seu legítimo direito de o fazer, segundo referiu, não acreditava que surgisse a mínima dificuldade nas relações entre os trabalhadores e os novos dirigentes do Club.

Uma conversa longa com a Comissão de Trabalhadores seria uma das primeiras acções da direcção a que presidia, afirmou o dr. Pinto Balsemão.

Focou ainda a actuação da Lista B, classificando como uma vitória de uma equipa que se soube organizar e lutar entusiasticamente apesar das dificuldades surgidas.

O dr. Pinto Balsemão agradeceu a ajuda que o dr. Abranches Ferrão tinha dado à Lista B, quando na televisão clarificou a situação eleitoral. E acrescentando que os próprios adversários tinham reconhecido o mérito da vitória alcançada pela LISTA B leu um telegrama elucidativo enviado pelo dr. Abranches Ferrão «leader» da Lista A.

Mas salientando que a hora era de acção, o dr. Pinto Balsemão deu por concluído o seu improviso, convocando imediatamente uma reunião da direcção, tendo convidado os presidentes da assembleia geral e da comissão revisora de Contas a assistirem à mesma.

Inicia-se assim um capítulo que auguramos de brilhante na vida de um clube com mais de 65.000 sócios e que poderá ter acção de fundamental importância em todos os aspectos que de alguma forma se identifiquem com o automóvel, que é afinal o traço de união entre a maior massa associativa do País e que os corpos gerentes agora empossados pensam ainda aumentar até atingirem pelo menos os 100 000 associados.

A prova de confiança que foi dada à equipa presidida pelo dr. Pinto Balsemão durante o mais concorrido acto eleitoral de quantos se realizaram nas várias décadas de existência do Club, será perfeitamente justificada pelos novos dirigentes.

O F.C. PORTO REFORÇA-SE

O «plantel» das Antas sofre várias modificações. A par das saídas já anunciadas (desde Benê a Gualter, passando por Nóbrega e Laurindo) há a certeza da contratação do defesa Simões (que jogava na Académica de Coimbra) e a vinda, à experiência, do extremo esquerdo brasileiro Ailton (24 anos) que foi recomendado a Aimoré Moreira por seu irmão Zezé. Ainda em relação a Simões: submetido a teste médico, passou no exame.

SPORTING

Parece bastante viável a vinda de Alfredo Di Stefano para o comando do futebol sportinguista. As negociações com o famoso hispano-argentino prosseguem, via João Rocha (actualmente em Espanha).

SETÚBAL

Novidades no Vitória de Setúbal: revalidação dos contratos com José Torres (um ano) e Jacinto João (três épocas) e promoção do junior Lito ao «plantel» de profissionais dirigido por José Augusto.

BENFICA

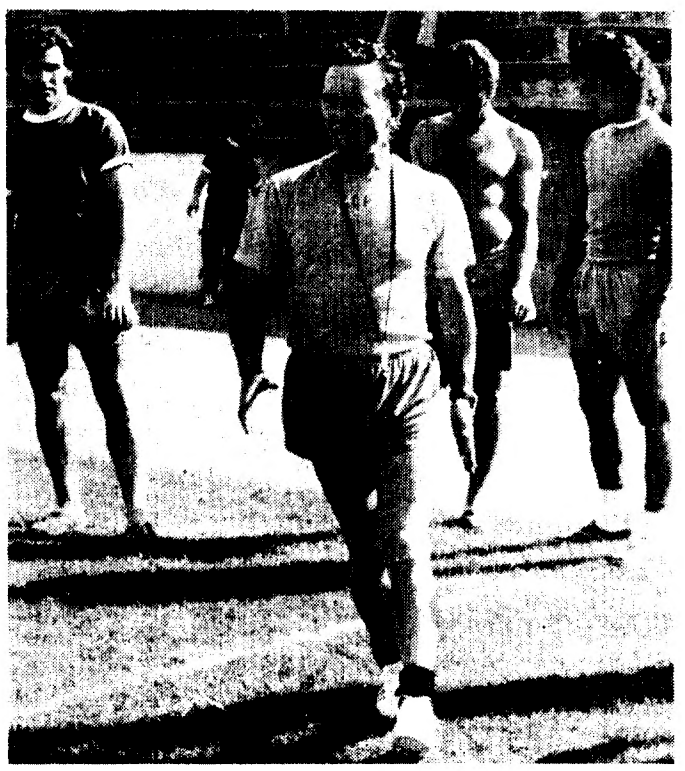
Ramalho (Beira Mar), Norton de Matos (Académica) e Fidalgo (Leixões) regressaram ao Benfica, que os cedera apenas temporariamente.

DÚVIDAS

O guarda-redes Botelho, ainda não revalidou o compromisso com o Sporting, prevendo-se que apenas o faça quando do regresso do presidente do clube a Lisboa. Ao mesmo tempo, também nó nessa altura será dada a última palavra dos «leões» a respeito do vimaranense Abreu, igualmente pretendido pelo F.C. Porto.

GUIMARÃES

Quase certo: Móia (que depende do Benfica e somente alinhou no Oriental por empréstimo) deve tomar o rumo de Guimarães.



Tapadinha: treino do Atlético. Fernando Vaz acredita que os alcantarenses vão pontuar perante o Leixões. Que o mesmo é dizer: estarão no «nacional» maior na próxima temporada.

AS ESTRADAS DA "VOLTA"

Está definitivamente delineado o percurso da «37.ª Volta a Portugal em Bicicleta», que decorrerá de 3 a 18 de Agosto. Eis as tiradas:

1.ª etapa: Dia 3 de Agosto. Porto (Antas), contra-relógio por equipas, às 21 horas (9 quilómetros).

2.ª etapa. Dia 4, Maia-Guimarães, 119 quilómetros, partida às 9 e 30.

3.ª etapa: Dia 4, Circuito de Vila do Conde, 60 quilómetros, às 17 e 30.

4.ª etapa: Dia 5, Espinho-Lousada, 70 quilómetros, às 10 e 30.

5.ª etapa: Dia 5, Lousada-Vidago, 122 quilómetros, às 16 e 30.

6.ª etapa: Dia 6, Vidago-Pedras Salgadas, contra-relógio, individual, 10 quilómetros, às 10 horas.

7.ª etapa: Dia 7, Pedras Salgadas-Porto (Antas), às 9 horas.

8.ª etapa: Dia 7, Estádio das Antas, «perseguição», dois quilómetros, às 21 e 30.

9.ª etapa: Dia 8, Mozelos (Feira)-Coimbra, 151 quilómetros, às 15 e 30.

10.ª etapa: Dia 9, Coimbra-Lourinhã, 172 quilómetros, às 15 e 30.

11.ª etapa: Dia 10, Lourinhã-Lisboa, 80 quilómetros, às 10 horas.

12.ª etapa: Dia 10, Estádio de Alvalade, «perseguição», às 21 e 30.

13.ª etapa: Dia 11, Setúbal-Vilamoura, 228 quilómetros, às 11 e 30.

14.ª etapa: Dia 12, Alvor-Tavira, 129 quilómetros, às 9 horas.

15.ª etapa: Dia 12, pista de Tavira, «perseguição», dois quilómetros, às 17 horas.

16.ª etapa: Dia 13, Evora-Badajoz, 109 quilómetros, às 16 e 30.

17.ª etapa: Dia 14, Castelo Branco-Guarda, 113 quilómetros, às 16 horas.

18.ª etapa: Dia 15, Guarda-Manteigas, 41 quilómetros, às 9 e 30.

19.ª etapa: Dia 15, Manteiga-Torre, 90 quilómetros, às 15 e 30.

20.ª etapa: Dia 16, Seia-Mealhada, 101 quilómetros, às 9 horas.

21.ª etapa: Dia 16, pista da Bairrada (Sangalhos), às 17 horas.

22.ª etapa: Dia 17, Mealhada-Cadaval, 168 quilómetros, às 12 e 30.

23.ª etapa: Dia 18, Cadaval-Autodril (Estoril), 96 quilómetros, às 9 e 30.

24.ª etapa: Dia 18, Autodril-Lisboa (Alvalade), 34 quilómetros, às 16 e 30.

Estão já definidos alguns cargos oficiais: Jorge Lara será o director da corrida, António Fernandes director-adjunto, Idalino de Freitas administrador, o dr. Barreiros de Magalhães médico, José Maria Simões presidente do júri e o actor João Lourenço locutor do carro de Jorge Lara. Ainda duas referências: a caravana oficial (sem inclusão dos carros da Imprensa) tem a marca da General Motors, enquanto que Rádio Clube Português assegura todo o serviço de transmissões entre as viaturas oficiais e as dos órgãos de comunicação social.

SENECA
CURSOS DE VERÃO
CICLO LICEAL COMPLEMENTAR
Av. Almirante Reis, 73- e 2. T 824983

GERAL

JOÃO JOSÉ BARATA FERRO JORGE

MISSA DO 3.º ANIVERSÁRIO

Armando Ferro Jorge, Emília Marques Barata Ferro Jorge Franklim Barata Ferro Jorge, avós, tios, primos e mais família participam que, na próxima quinta-feira, dia 25, às 18 horas, será rezada missa na Basílica da Estrela, pelo eterno descanso do seu muito querido filho, irmão, neto, sobrinho, primo e parente.

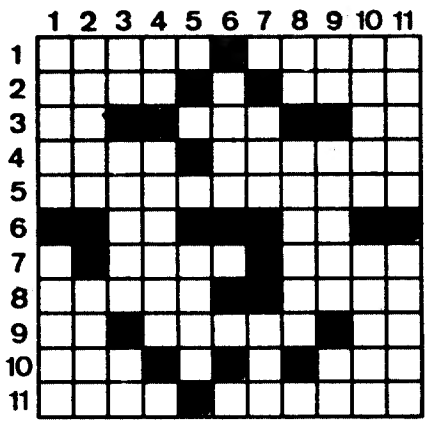
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10843

HORIZONTAIS:

1 Fruta seca especialmente de uvas. Carepa.
2 Equipe. Grande afeição.
3 Nota musical. Preposição. Catedral.
4 Nome científico do pato. Elegante.
5 Negociantes de peles de ovelhas e de carneiro com a respectiva lã.
6 Língua antigamente falada ao sulco rio Loire. Pronome reflexo.
7 Calhau. Busca.
8 Escavara. O mesmo que arão.
9 Letra grega. Arduos. Zomba.
10 Ema as. Víscera dupla.
11 Rio da China. Pruma.



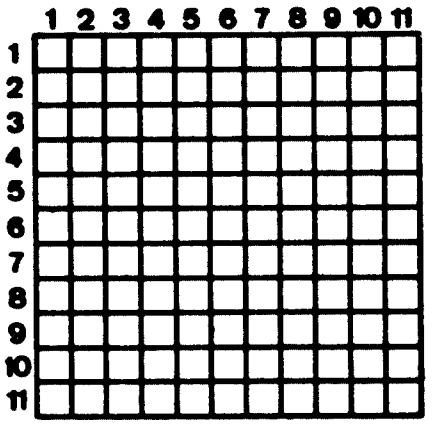
VERTICAIS:

1 Impedes de andar. Mulher baixa e gorda.
2 Liça. Filtram.
3 Samário (s.q). Achata. Solitário.
4 Salvo Erro. Extraíra.
5 Salário.
6 Soar.
7 Dê mios. Agora.
8 Autores. Sulcos.
9 Manuscrito (abrev.). Arejar (Bras). Estrépito de desmoronamento. 10 Tenho razões para. Cidade de Italia.
11 Superfícies planas delimitadas. Acaricia.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7001



HORIZONTAIS:

1 Aborrecera.
2 Bairro de Lisboa. Aparência.
3 Rio da Alemanha. Faísca.
4 Ninhos. Transfere para outro dia.
5 Futil. Pulo. Troça.
6 Czar da Russia cognominado «O Terrível».
7 Navalha de ponta e mola. Desgraça (Fig).
8 Tostai. Ditongo nasal.
9 Versejo. Esposa de Abraão mãe de Isaac.
10 Composição poetica. Platina (s.q).
11 Andariam de rastos.

VERTICAIS:

1 Âmio. Grande lago da Turquia. Grande quantidade.
2 Murmura. Azeda.
3 Sai frequentemente à rua. Quinhentos e um em romano. Espaço de trinta dias.
4 Pecados. Antigo peso da China.
5 O mesmo betele. Dança popular em Elvas e Campo Maior (Prov. alent.). Nota musical.
6 Epoca. Cinquenta e cinco em romano. Solitário.
7 Níquel (s.q). Amarrada. Em a.
8 Venabulo. Zombas.
9 Suspiro. Gálio (s.q). Uma das Novas Hebridas na Melanésia.
10 Surgir. Defunta.
11 Anel. Magnetiza.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10842

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Trina. Madre.	1 Tarada. Suam.
2 Aí. Elmo. Eis.	2 Riscara. Ria.
3 Rs. Merca. Ps.	3 Omo. Arad.
4 Aço. Amace.	4 NEM. Alisa.
5 Dama. Cr. Sôr.	5 Alem. Amacia.
6 Arola. Ava.	6 Mr. Arais.
7 Imã. Pá.	7 Moçara.
8 Asara. Nas.	8 Am. Vi. Moa.
9 Urraca. Mês.	9 DE. Asa. Nei.
10 Aia. II. Oito.	10 Risco. PASTA.
11 MADRASTA. As.	11 Espertas. Os.

Proverbio: Madrasta, nem de pasta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7000

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Mirandela.	1 Mata. Tau. Ca.
2 Am. Mera. Lis.	2 Minara. Tal.
3 Tia. Seiras.	3 Aoto. Ria.
4 Anos. Ur.	4 Im. Sopapo.
5 Atorara. Ca.	5 Res. Rarear.
6 Tropa. Ios.	6 Arena. As. As.
7 Aa. Aramadas.	7 Nai. Rum. Amo.
8 Pés. Mora.	8 Rua. Am. Or.
9 Troa. Ser.	9 Elar. Idos.
10 Cai. Ramo. Mi.	10 Lis. Coarem.
11 Alão. Soro.	11 As. Passaria.

televisão

HOJE

1.º Programa 922.30)

OS BOURSSADEL

A RTP apresenta esta noite o 3.º episódio da 2.ª parte da série Os Bourssadel, realizado por René Lucot e interpretado por François Dalon, Monique Belmard e Maia Simon

2.º Programa (21.00)

ENCONTRO COM O MUNDO

Segredos do Mar A Baleia que canta

SIEMENS ESTORIL

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período 12.45 Abertura e desenhos animados 13.00 O povo chamava-lhe duque 13.15 A Tal rapariga 13.45 Telejornal 1.ª edição 14.00 Fronteiras do amanhã 14.15 Logo à noite 14.25 Fecho 2.º Período 19.30 Minijornal 19.35 TV Infantil 20.00 Vamos jogar no Totobola 20.15 Das artes e ofícios 21.00 Telejornal 2.ª edição 21.30 A Política é de todos 22.00 Os Bourssadel 23.20 O Teatro e as máscaras 23.45 Resumo do campeonato do Mundo de Hóquei em Patins 00.05 Telejornal 3.ª edição 00.15 Fecho 2.º Programa 20.00 Abertura e desenhos animados 20.15 A Tal rapariga 20.45 O povo chamava-lhe duque 21.00 Encontro com o Mundo 22.00 A Mala de Hamburgo 22.30 Telejornal 23.00 Fecho	1.º Programa 1.º Período 12.45 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau» 13.00 Encontro com Eduardo Prado Coelho 13.15 Dick, Van Dyke 13.45 Telejornal 1.ª edição 14.00 Da saúde e da vida 14.15 Logo à noite 14.25 Fecho. 2.º Período 19.30 Minijornal 19.35 TV Infantil 19.45 A caça e os caçadores 20.30 TV Palco 21.00 Telejornal 2.ª edição 21.30 Antologia «O Ponto de Burges» 23.30 Resumo dos jogos do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins 23.45 Telejornal 3.ª edição 00.05 Fecho 2.º Programa 20.00 Abertura e desenhos animados 20.15 Dick Van Dyke 20.40 Encontro com Eduardo Prado Coelho 21.00 Os Clássicos do cinema 22.30 Telejornal 23.00 Fecho

baterias TUDOR pilhas
NOVOS SERVIÇOS DE VENDAS E ARMAZÉM
R. PROF. REINALDO DOS SANTOS 28-A — TELEF. 758133-4-5

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 8841
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	26º
P. DOURADAS	
COIMBRA	25º
PORTALEGRE	25º
LISBOA	26º
FARO	27º
FUNCHAL	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

FONTE BOA E MONTE ESTORIL
Máxima 36,5º
F. DE CASTELO RODRIGO
Minima 13,6º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 15,8º
Atmosfera 24,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.39 *3,7 m*	0,58 *0,8 m*
20.00 *3,8 m*	13.13 *1,0 m*
DIA 25	
8.30 *3,5 m*	1.50 *1,1 m*
20.55 *3,5 m*	14.09 *1,3 m*
DIA 26	
9.29 *3,4 m*	2.49 *1,3 m*
21.59 *3,3 m*	15.16 *1,5 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo vento fraco, nortada durante a na Faixa Costeira Ocidental para sul do Cabo Carvoeiro.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.31
OCASO AS 20.55

DIA 26	DIA 4	DIA 11	DIA 17

rádio

E MISSORA

16.00 Noticiário. música brasileira
16.30 Onda musical
18.00 Cantos de luta
19.00 Mundo em música
20.00 Jornal da noite. a música e o lugar
21.00 Momento 74
21.20 Música variada
22.45 Hóquei em patins. Campeonato do Mundo. Transmissão, do Pavilhão dos Desportos de Lisboa. Relato do jogo Portugal-Brasil por Nuno Brás. Comentário. De um dia para o outro.
00.00 Sinal horário.

2.º Programa

16.00 Intercâmbio musical. décimo programa da música contemporânea. Gravações cedidas pela Rádio Suiça Francesa
16.38 Música para cordas
17.05 Música de câmara
18.00 Música do século XX.
19.00 Selecção da ópera «Lucia Di Lammermoor» de Donizetti
20.00 Jornal da noite
20.30 Poemas sinfónicos
21.00 Israel no Egipto. Oratória de Haendel
23.30 Música sinfónica
01.00 Fecho.

Programa Estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Sonata N.º 3, em si menor, op. 58, de Chopin, por Julian Von Karolvi
22.28 O coro infantil da capela Lipsiensis, dir. por Dietrich Knothe
23.18 Música sinfónica
00.32 Divertimento de Bartok, pela Academia de St. Martin-In-The Fields, dir. por Neville Marriner
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa movimento
20.40 Programa movimento / Rádio-Teatro
21.03 Rádio Placard
21.17 Portugal além da Europa
21.32 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
22.45 Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins
00.45 P. B. X.
1.00 No Mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita-1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô
23.00 Noticiário; clube à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 fecho.

Rádio Renascença

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.22 Palavra do dia no final terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de R. Renascença
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Selector
21.30 Livros e leituras
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
Das 6.00 às 11.00 e das 17.00 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 11.00 às 14.30

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 14.30 às 17.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 22.00 às 2.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO — G 1

(TODA A NOITE)

ALCÂNTARA
Bairrão, Rua Prior do Crato, 25 (Tel. 651321); **Biotidar**, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824)
ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9-D (Tel. 71780); **Roma**, Avenida de Roma, 85-B (Tel. 772466)
AREEIRO
Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860)
AVENIDA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187 (Tel. 326476)
AVENIDAS NOVAS
Alcântara, Av. da Republica, 74-A (a Entrecampos) (Tel. 771379)
BAIRRO ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Tel. 311216)
BENFICA
Lavinha, R. eng. Paulo de Barros (ex R. C. projectada à Rua da Casquilha), 28-A (Tel. 708242); **Alegria**, Est. de Benfica, 180-A/B (Tel. 780511)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, R. da Cruz de Santa Apolonia, 90-92 (Tel. 847019)
CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Tel. 682610)
CAMPO GRANDE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (Tel. 663643)
CHELAS
Banha, Est. de Chelas, 173-175 (Tel. 382241)
ESTEFÂNIA
Mundial, Largo D. Estefânia, 9 (Tel. 45578)
LAPA
Eduardo Cesar, Rua das Trinas, 102 (Tel. 662631)
LUMIAR
Douro, Alam. Linhas Torres, 93-A/B (Tel. 791131)
S. MAMEDE
Albano, Rua Escola Politecnica, 59 (Tel. 326750)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo S. Sebastião Pedreira, 1-9 (Tel. 48642); **Sousa Martins**, Rua Sousa Martins, 25 (ao Matadouro) (Tel. 553468)

TURNO — G 2

ATE AS 22 HORAS

AJUDA
Moura, Travessa da Memoria, 55 (Tel. 630944)
ALVALADE
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A/B (Tel. 725140)
ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis, 48 (Tel. 821653)
AREEIRO
Garantia, Av. Padre Manuel Nobrega, 5-A/B (à P. do Areeiro) (Telf. 727300)
AVENIDAS NOVAS
Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (Tel. 773043); **Dalva**, Avenida Duque de Avila, 125 (Tel. 45225)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B., 75-A/B (Tel. 683694)
BAIXA
Azevedos, Filhos, Praça D. Pedro IV, 31 (Rossio) (Tel. 327478-A)
BENFICA
União, Est. de Benfica, 592-594 (Tel. 700092)
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B (Tel. 688807)
CASTELO
Ziler, Rua S. Tome, 54-56 (Tel. 862835)
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 666971)
LUMIAR
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237)
PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 18-A (Tel. 728395 e 7207703)
POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zofimo Pedroso, 11-13 (Tel. 381136)
REGO
Baptista, Rua Francisco Tomas da Costa, 3-A a 3-C (Tel. 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Tel. 638625)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 210811)
CAXIAS
Nova R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)
PAREDE
Aisir Av. Gago Continho-B., das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João Quinta da Carreira, 29-A (Telef. 261186)
ESTORIL
Marques dos Santos R. Ferreira J. A., 5 (Telef. 260116)
CASCAIS
Marginal Av. Marginal (Telef. 280078); **A. Costa** R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019); **Flama** R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485); **Confiança** Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Telef. 938149).
DAMAIA
Damaia P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ
Gil Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)**
CACÉM
Araujo e Sá Est. de Paço de Arcos Lote 1-B (Telef. 2940781)
MEM MARTINS
Química, Est. Mem Martins 285 (Telef. 291002)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Simões R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 2930832)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250).
ALMADA
Galeno R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est. Nacional, 244-A (Telef. 2040141)
BARREIRO
Santa Marta R. dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Telef. 2072141)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa Est. das Barrocas, 50-A (Telef. 2494182)
MOITA
União Moitense Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Diogo R. Almirante Reis, 42 (Telef. 230032)
SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Lisboa R. dr. Paulo Borba (Telef. 22248); **Saião** Av. Portela (Telef. 22709)
SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 5 (Telef. 228580).

PORTO

6.º TURNO

SUB TURNO A

Correia de Araújo, R. de Santa Catarina, 259; **Nova Avenida**, Av. F. de Magalhães, 692; **Pinheiro Manso**, R. S. João de Brito, 25-29; **Santa Teresa**, P. Guilh. G. Fernandes, 100; **Silva Pereira**, R. Costa Cabral, 293.

SUB TURNO B

Alves, P. Exército Libertador, 62; **Barros**, Rua do Loureiro, 104; **Boa Hora**, Rua da Boa Hora, 80; **Cameira**, Rua do Heroismo, 90; **Confiança**, Rua de Santa Catarina, 960.

COIMBRA

TURNO I

Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (tel. 22804); **Universal**, Pr.ª 8 de Maio, 35 (Tel. 23744); **Adriana**, Pr.ª DA Republica, 20-22 (Tel. 23609)

cinemas • cinemas • cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (+ 4 anos)
2.ª Semana! Colorido
Gian Maria Volonte e Ricardo Cucciola SACCO E VANZETTI. Um filme político!
Metro: Intendente

CONDES (Tel. 322523/3267 0)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
11.ª semana! Colorido
Julie Christie, Donald Sutherland «AQUELE INVERNO EM VENEZA» o acto de amor... como jamais foi visto no ecran «The Sim»

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (+ 18 anos)
3.ª Semana!
Um filme de Pier Paolo Pasolini com Maria Callas MEDEIA
24.00
Grupo D (+ 18 anos)
«Acção à Meia-Noite»
A ESQUADRILHA DE ATAQUE com Toshino Mifune

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (+ 4 anos)
2.ª Semana!
Jack Lemmon e Romy Schneider atacam-se em EMPRESTA-ME O TEU MARIDO com Dorothy Provine e Edward G. Robinson

EUROPA (T. 66 0 6)
15.00 e 21.30
Grupo B (+ 10 anos)
3.ª Semana!
MY FAIR LADY com Audrey Hepburn e Rex Harrison
Ar Condicionado

OXFORD (CASCAIS)
16.00 e 21.45
Grupo D (+ 18 anos)
Uma comédia sex-acional! SEXO NUNCA, SOMOS BRITÂNICOS

CINEMA CASTIL (T. 530 94)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (+ 4 anos)
6.ª Semana!
Um filme de Federico Fellini AMARCORD
Ultimos dias

ROMA (Tel. 727778)
15.30-18.30 e 21.45
3.ª Semana!
(Grupo B-10 anos)
Eastmancolor. Les Charlots «OS MALUCOS EM ESPANHA»

S. JORGE (Tel. 54154)
15.00-18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Em 4.ª Semana a notavel comedia «IRMA LA DOUCE» com Shirley Mac Laine e Jack Lemmon.
Atenção: Devido à longa-metragem na sua versão integral, o filme tem inicio às 15.5 e 18.5 nas matinées

RESTELO (T. 6 0375)
21.30
Grupo D (+ 18 anos)
Inquérito sobre uma cidade nua! ESCÂNDALO DE UM CRIME com Enrico Maria Salerno, Franco Fabrizi e Maria Angela Melato

SATÉLITE (T. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (+ 18 anos)
2.ª Semana! Colorido
A MULHER DAS MIL CARAS com Barbra Streisand

PATHÉ (Tel. 82 1923)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-+18 anos)
Entre dois momentos de amor «PAUSA BREVE» um filme de Vittorio de Sica.

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo B (+ 10 anos)
2.ª Semana!
Sara Montiel no seu maior êxito mundial O PECADO DE AMAR o seu amor foi o paraíso de três homens ... mas todos lhe negaram a felicidade. Lindas canções.

AVIZ (T. 47 63)
15.30 e 21.45
Grupo A (6 anos)
2.ª Semana! Eastmancolor
Franco Franchi e Ciccio Ingrassio 002 E O CEREBRO ELECTRONICO

CINEARTE (T. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo D (+ 18 anos)
Jack Palance e Tina Aumont em A VINGANÇA DOS IRMÃOS BLUE
Temperatura ideal

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo D (+ 18 anos)
O MONTE DOS VENDAVAIS. Em complemento E SEMPRE DOMINGO

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (+18 anos)
2.ª Semana! Colorido
A MULHER DAS MIL CARAS com Barbra Streisand

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (+ 4 anos)
Technicolor
A mais bela história de amor de todos os tempos ROMEU E JULIETA um filme de Franco Zefirelli

LONDRES (T. 80 13 3)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (+18 anos)
Colorido
O filme de Luis Buñuel BELLE DE JOUR. Finalmente em Portugal

ALVALADE (T. 7 7480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo B (+ 10 anos)
Colorido
O maior concerto «Pop» da década! CONCERTO PARA BANGLA DESH com George Harrison, Ringo Starr, Bob Dylan e muitos outros
Metro: Alvalade

ESTÚDIO (T. 555 35)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (+ 4 anos)
A FILHA DO ENGANO. Um melodrama cómico de Luis Buñuel

IMPÉRIO (T. 555 34)
15.15 e 21.30
Grupo D (+ 18 anos)
XI Festival da Casa da Imprensa «O Cinema Proibido»
Ante-Estreia
O DIA DA VIOLÊNCIA (BLOODY MAMMA) com Shelley Whinters, Don Stroud e Clint Kimbrough. Realização de Roger Corman
18.30
Grupo D (+ 18 anos)
«Sessão Clássica»
Um filme de Arthur Penn O PEQUENO GRANDE HOMEM com Dustin Hoffman e Faye Dunaway
6.ª feira
18.30
Grupo D (+ 18 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
Um filme de Bowider Bers ELVIRA MADIGAN com Pia Desermark

CASINO ESTORIL (T. 26452)
17.00 e 21.30
Grupo B (+ 10 anos)
Technicolor - Technicolor
E AGORA CHAMAM-LHE MAGNÍFICO com Terence Hill e Gregory Walcott

TIVOLI (Tel. 570595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D-+18 anos). Entre dois momentos de amor... «PAUSA BREVE» um filme de Vittorio de Sica.

EDEN (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (+ 18 anos)
AS VOZES DO ALEM com Peter Cushing

MONUMENTAL (T. 555 31)
15.15 e 21.30
Grupo B (+ 10 anos)
70 m/m
Jack Lemmon, Natalie Wood e Tony Curtis A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO

VOX (T. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (+18 anos)
9.ª Semana! Color
Laura Antonelli e Alessandro Momo MALICIA

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (+8 anos)
«A Pai Adão»

S. LUIS
21.45 (+8 anos)
«The Fantasticks»

S. CARLOS
21.45 (+10 anos
«A Bela Adormecida»

MARIA MATOS
21.45 (+4 anos)
«Português, Escritor, 45 Anos de Idade»

TEATRO BARRACÃO
21.45 (+8 anos)
«Os Putos»

CAPITÓLIO
21.45 (+ 4 anos)
«Homem, Escravo ou Animal?»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (+4 anos)
«O Que Nós Queremos é Dinheiro»

CASTANHEIRA
21.45 (+4 anos)
«A Ultima Granada»

JARDIM CINEMA
21.00 (+8 anos)
«O Joelho de Claire»

PROMOTORA
21.00 (+8 anos)
«O Insolente»

OLÍMPIA
19.00 (+10 anos)
«O Trunfo é Perder»

CINE-MOSCAVIDE
21.00 (+8 anos)
«Mosca Em Teia de Aranha»

ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (+8 anos)
«Quando as Mulheres Querem»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (+8 anos)
«Navegamos no mesmo barco»

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (+10 anos)
«E agora chamam-lhe magnífico!»

Esplanada
21.30 (+8 anos)
«Mais uma vez adeus»

CASCAIS
S. José
21.30 (+8 anos)
«A Filha do milionário»

Oxford
16.00 e 21.45 (+8 anos)
«Sexo Nunca, Somos Britânicos»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (+8 anos)
«Para mim as mulheres nem fu nem la»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (+4 anos)
«Os Aventureiros de Santa Trinita»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (+10 anos)
«O Inferno para mais um»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (+8 anos)
«A Rapariga Invencível»

PORTO/Cinemas

TRINDADE
21.30 (+8 anos)
«Outono Escaldante»
RIVOLI
21.30 (+8 anos)
«Delírio de amor»
BATALHA
21.30 (+8 anos)
«Segredos Proibidos»
VAL FORMOSO
21.30 (+8 anos)
«Luta sem treguas»
AGUIAS DE OURO
21.30 (+8 anos)
«Luta sem treguas»
PASSOS MANUEL
21.30 (+8 anos)
«Uma História Perversa»
OLÍMPIA
21.30 (+8 anos)
«Um Tipo Duro de Roer»
COLISEU
21.30 (+8 anos)
«Nova Torque clandestino»
S. JOÃO
21.30 (+8 anos)
«O Herdeiro»
JÚLIO DINIS
21.30 (+8 anos)
«O DIREITO DE AMAR»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (+4 anos)
«Amarcord»
TERÇO
21.30 (+8 anos)
«Cabaret (Adeus Berlim)»
CARLOS ALBERTO
21.30 (+4 anos)
«O Lobo Vermelho» e «O Homem Solitário»
ESTÚDIO
21.30 (+8 anos)
«Fogo de Palha»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (+8 anos)
«O Titulo do Sangue»
AVENIDA
21.30 (+ 8 anos)
«Os Vorazes»
GIL VICENTE
21.30 (+8 anos)
«Os Amores de Uma Loira»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE (ESTORIL) — Trabalhos de Correia de Morais (das 10 às 22 h.).

BELAS ARTES — Perspectiva-74 (das 14 às 20 h.)

CASINO ESTORIL — Trabalhos de Vicente Bezugo (das 15 às 3 h).

COOPERATIVA DE ACTIVIDADES CULTURAIS (CASCAIS) — Desenhos e colagens de Fernando Grade (das 15 e 30 às 20 h).

DINASTIA — Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN — Oleos de Inês Barahona.

GALERIA 111 — Colectiva de gravuras, litografias e serigrafias (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GALERIA DA ESFERA — Trabalhos de Paula Rego (das 11 às 13 e das 15 às 20 h; às 3.as e 5.as feiras, até às 24 h).

GRAFIL — Colectiva de desenho, gravura, pintura e escultura (3.as e 5.as das 15 às 24 h; outros dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h).

GRUPO AMIGOS DA COSTA — Trabalhos de Miguel Flavio.

INTERIOR — Colagem e Pintura de Carlos Martins Pereira (de 2.ª a 6.ª, das 10 às 13 e das 15 às 19; aos sabados, das 10 às 13 h.)

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Bernadette Stern. (das 15 às 20 h).

QUADRANTE — «Uma proposta estética — Modulo habitacional», estudo orientado por Carlos Lança.

QUADRUM — Gravuras e litografias de Vieira da Silva (das 10 às 13 e das 15 às 19 h; aos sabados, das 15 às 19).

S. MAMEDE — Pintura Colectiva (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)

BARS BOITES — restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**
Zorina, vedeta inglesa de «sexy»

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. **T. 229189.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

A C. P. INFORMA:

FESTAS A NOSSA SENHORA DO AMPARO

Serviço Especial para MIRANDELA

Por ocasião das Festas a Nossa Senhora do Amparo, nos dias 25 de Julho a 4 de Agosto, estão à venda em todas as estações e apeadeiros desde Porto (São Bento) até Barca de Alva e desde Tua até Bragança, bilhetes especiais, de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de MIRANDELA.

GERAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

INDEPENDÊNCIA DAS COLÓNIAS

Continuação da pág. 1

que e que assim o decidiu o conselho de Estado, eliminado o obstáculo constitucional existente.

«No entanto, esta independência a Angola e a Moçambique e que assim o decidiu o conselho de Estado, eliminado o obstáculo constitucional existente.

«No entanto, esta independência e descolonização deverá submeter-se a etapas, não se precipitar, reger-se por um calendário fiscalizado pelas Nações Unidas» prosseguiu, observando também: «Há que salvaguardar a conivência racial de todas as etnias nestes territórios, responsabilizar-se internacionalmente».

«Portugal deseja a intervenção directa da ONU na independência destes territórios — acrescentou — e tem esperança de que os movimentos de libertação colaborem também».

O prof. Veiga Simão, que conferencia hoje com o presidente da comissão dos Vinte e Quatro, o embaixador da Tanzânia, Salim A. Salim, declarou ao jornalista espanhol que o seu país está disposto a colaborar activamente com tal comissão.

Salim conferenciou ontem com o secretário-geral da ONU sobre a evolução da situação nos territórios sob administração portuguesa e, segundo julgam alguns jornalistas, aproveitando a presença em Nova Iorque de uma delegação da Frelimo.

A ARGENTINA RECONHECEU A GUINÉ

DAKAR, 24 (F.P) O Governo da República da Argentina decidiu reconhecer a Guiné-Bissau como Estado independente, anunciou ontem a agência de Imprensa Senegalesa. A Argentina pediu ao Governo da República do Senegal que sirva de intermediário, transmitindo esta decisão ao Governo da República da Guiné-Bissau.

ALMEIDA SANTOS EM CABO VERDE

Em visita de trabalho, desloca-se depois de amanhã, em avião militar, ao arquipélago de Cabo Verde, o ministro da Coordenação Interterritorial, dr. Almeida Santos, que ali deve permanecer apenas dois dias. Será acompanhado pelo seu oficial ajudante, capitão piloto-aviador António Ramos.

JOVENS SOCIALISTAS

O secretário-geral da IUSY (União Internacional das Juventudes Socialistas), acompanhado por outros membros daquele organismo, encontra-se em Lisboa, até depois de amanhã, a convite da Juventude Socialista do PS. Esta noite assistirá a um comício no Bombarral. Durante uma conferência de Imprensa que decorreu na Cooperativa de Estudos e Documentação, aquela individualidade afirmou que o programa do Partido Socialista a satisfaz inteiramente, ao contrário do que sucede com os de vários partidos que utilizam o mesmo nome. Salientou ainda que o partido de Mário Soares não é anticomunista.

CORRIDA DO SINDICATO DOS TOUREIROS
A FAVOR DO SEU FUNDO DE ASSISTÊNCIA
7 TOIROS PALHAS 7

CAVALEIROS
MESTRE BAPTISTA
MIGUEL DA VEIGA
JOSÉ JOÃO ZOIO

ESPADAS
JOSÉ JÚLIO
JOSÉ FALCÃO
ÓSCAR ROSMANO

CARLOS PIMENTEL
NOVILHEIRO

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
CAPITANEADOS POR NUNO SALVAÇÃO BARRETO

Grupo A - maiores 6 anos

CAMPO PEQUENO

AMANHÃ, ÀS 22 HORAS

ENTRE FRANCO E JUAN CARLOS

Por FERNANDO ASSIS PACHECO
enviado especial do «DL»

MADRID, 24 — Afinal o aparente humor de D. Alfonso de Borbon, marido da neta mais velha de Francisco Franco correspondia à realidade e não era humor nenhum, o desejo manifestado pelo Chefe do Executivo espanhol em ir quanto antes para férias será satisfeito, dependendo tão só de um derradeiro (e curto) período de internamento na clínica e, provàvelmente, de alguns (check-ups). Rotina pura.

Estas precisões animaram uma conferência de Imprensa dada pelo Dr. Hidalgo director da cidade sanitária Francisco Franco, enorme complexo pertencente à deputação provincial de Madrid. Disse também o médico, respondendo às especulações em tôrno da internidade ou não da sucessão de Juan Carlos de Borbon Y Borbon: «O generalíssimo pode fazer exactamente a mesma vida que fazia antes, e pode ir para férias se assim o desejar.

E mais: em nenhum momento o doente perdeu a consciência. Não ficarão sequelas da doença, descrita como uma flebotrombose.

E mais ainda: de um ponto de vista médico, Francisco Franco pode voltar a assumir as funções de chefe do Estado. Isto disse o Dr. Hidalgo. Ponto final, por agora, na sucessão.

Voltemos à flebotrombose de Franco. Como se explica? Muito simplesmente pela vida sedentária que tem sido a sua ao longo dos últimos anos. Isto disse igualmente o Dr. Hidalg. Disse-o assim: «Está sentado nas reuniões de ministros, e por outro lado mesmo que se mantenha de pé nas audiências, gosta muito de Televisão. Recentemente viu quase todos os jogos do Mundial. Porque gosta muito de futebol, e esteve muito tempo sentado. O coágulo, o temível coágulo que trouxe a Espanha política em suspenso, fixou-se finalmente, e agora o organismo fará uma de duas coisas: recanalizará o coágulo ou porá em prática uma circulação colateral.

Sete médicos têm tratado o generalíssimo: são os professores Franco Manera, Hidalgo Huerta, Ortega Nunez, Rivera Lopez e Vaquero Gonzalez e os doutores F. e V. Gil.

No Domingo passado, perante sérias complicações sobrevindas no processo flebotrombótico, vários especialistas fora desta equipa acorreram à cidade sanitária, alguns segundo se diz vindos da província.

Quanto ao acesso ao quarto n.º 608, não esteve nem está aberto a quem quer que apareça. Homens do próprio gabinete de Arias Navarro limitaram-se a deixar um cartão de visita na portaria, com desejos de pronto restabelecimento do paciente.

Recapitulemos o outro lado do problema: Quem é o actual número um do regime espanhol?

Oficialmente, por expressa o de Franco, é Juan Carlos de 36 anos, filho do conde de Barcelona. Tirocinou para tais funções, nomeadamente fazendo um curso universitário Sui Generis composto de História de Espanha, Economia Política, Introdução à filosofia do Direito, Literatura Espanhola, Direito Social, Direito Político, Direito Internacional, Fazenda Pública, Administração do Estado e aplicações científicas e industriais, o qual, sob a direcção de professores como Torcuato Fernandez Miranda, António Fontan e Martin de Riquer, se estendeu de 1960 a 1967 (já casado, já instalado no Palácio da Zarzuela, estudou os organigramas dos vários ministérios e dependências oficiais, despachando com ministros e altas des da administração). Vem nas biografias do antigo discípulo dos padres marianistas de Friburgo. Entretanto, a indicação dada pelo director da cidade sanitária correspondendo aliás a uma corrente que se sabe ser muito forte na cúpula do regime, pode significar que de número um interino lvez passe, dentro de pouco tempo, outra vez a número dois. Teríamos, assim, nhol governado de novo pelo senhor dos seus destinos pós-1939. Um homem de 81 anos (82 em Dezembro). Um época aguda das direitas europeias. O mais velho governante europeu em exercício.

O pai de Juan Carlos, que os seus seguidores chamam (e consideram) rei, partiu há dias da Baía de Cascais para o habitual cruzeiro de Verão pelo Mediterrâneo. Chegou a parar em S. Lucar de Barrameda para ver o tio Ancião, D. Alfonso de Orleans, gmas não continuou viagem para além da costa de Huelva, preferindo regressar à nossa Costa do Sol, onde é esperado hoje ou amanhã.

«Porquê?» — pergúntei ao advogado Jaime Miralles, apologista da monarquia constitucional e indefectível defensor do conde de Barcelon. «Mire usted» — respondeu D. Jaime. «O rei é um homem que sempre se considerou disponível».

Ontem à noite um colga meu de Madrid conseguiu furar a apertada rede de vigilância da cidade sanitária e anotou este pormenor interessantíssimo: acabavam de trazer para o doente uns óculos especiais. Motivo? a «Aficion» à televisão.

EMPOSSADO O PRESIDENTE DA JUNTA MILITAR DE ANGOLA

Deve partir amanhã para Angola o almirante Rosa Coutinho, membro da Junta de Salvação Nacional que vai assumir as funções de presidente da Junta Militar que substituirá o Governo Geral daquele Estado.

O almirante Rosa Coutinho, que tomou posse do cargo a meio da tarde de hoje, no Palácio de Belém, vai acompanhado pelo comandante Carvalheiro, o qual fará parte da Junta Militar.

Os restantes membros da Junta serão elementos do Movimento das Forças Armadas que já se encontram em comissão de serviço no Estado de Angola.

PITEIRA SANTOS AFASTADO DO M.C.S.

A nomeação do major Sanches Osório para o Ministério da Comunicação Social está a determinar, como aliás se previa, significativas alterações na mais alta hierarquia do Palacio Foz.

O dr. Fernando Piteira Santos, que durante o 1.º Governo Provisório exercia, sem que para eles tivesse chegado a ser oficialmente nomeado, as funções de director-geral dos Espectáculos, foi já afastado do seu cargo. O major Sanches Osório ainda não designou a personalidade que o substituirá.

Regista-se, entretanto, que o director-geral dos Espectáculos do regime deposto era o dr. Caetano de Carvalho, que nunca foi oficialmente demitido das suas funções.

Por outro lado, os meios ligados à Imprensa aguardam com certa expectativa a designação de novos director-geral da Informação. O cargo encontra-se vago desde que o seu anterior titular, o major Sanches Osório, foi nomeado ministro da Comunicação Social.

Entre os vários nomes indigitados para o importante posto conta-se o do dr. Pedro Feytor Pinto, que no anterior regime era director dos Serviços de Informação, e se manteve no cargo até dele ser afastado pelo ministro Raul Rego, no 1.º Governo Provisório. O comandante Jesuíno, do Movimento das Forças Armadas, que durante o período de formação do 2.º Governo Provisório chegou a ser indicado como o futuro ministro da Comunicação Social, é outra das personalidades mais frequente apontadas para a Direcção-Geral da Informação.

A movimentação no Palácio Foz poderá abranger a criação duma secretaria de Estado da Comunicação Social que o primeiro titular seria o dr. Júlio de Castro Caldas, do Partido Popular Democrático, que durante a vigência do 1.º Governo Provisório foi chefe do gabinete do ministro Sá Carneiro.

CONSTRUÇÃO CIVIL

ACORDO ADIADO

O Ministério da Comunicação Social informa que as direcções dos Sindicatos Nacionais dos Operários de Construção Civil de Almada, Barreiro, Évora (incluindo Portalegre e Beja), Faro, Lisboa, Santarém, Setúbal, Covilhã, Leiria, Madeira, reunidas no Ministério do Trabalho, acederam em conceder uma moratória à entrada em vigor do acordo colectivo de trabalho, apesar de este estar assinado pelas partes desde 8 de Julho.

Este adiamento tem como objectivo dar o mínimo de tempo necessário ao Governo Provisório para estudar e pôr em execução medidas de estímulo à actividade da construção civil, quer no sector privado, quer no sector público, nomeadamente no campo de habitação para as classes mais desfavorecidas.

Foi proposta pelo Ministério do Trabalho a data limite de 20 de Agosto, a qual foi aceite pelos Sindicatos ainda que ressalvando a necessidade e justiça da publicação do acordo com efeitos rectroactivos.

SECRETÁRIOS DE ESTADO

Continuação da pág. 1

cação Social, criados por recente decisão do Conselho de Ministros.

Na cerimónia que se realizou às onze horas foram investidos os seguintes secretários de Estado:

Ministério da Coordenação Interterritorial — dr. Deodato de Azevedo Coutinho (Administração) e eng. Fernando de Castro Fontes (Assuntos Económicos).

Ministério das Finanças — dr. António da Costa Leal (Orçamento) e dr. Artur Alves Conde (Tesouro).

Ministério da Economia — eng. José de Torres Campos (Indústria e Energia), dr. José Vera Jardim (Comércio EXterno e Turismo), dr. Nelson da Rocha Trigo (Abastecimento e Preços), dr. Vítor Manuel Constâncio (Planeamento Económico), dr. Alfredo Esteves Belo (Agricultura) e dr. Mário de Oliveira Ruivo (Pescas).

Ministério dos Negócios Estrangeiros — prof. Joaquim Jorge Campinos (Negócios Estrangeiros).

Ministério do Equipamento e do Ambiente — tenente-coronel de engenharia Amadeu Garcia dos Santos (Obras Públicas), eng. Manuel Ferreira Lima (Transportes e Comunicações), arquitecto Nuno Portas (Habitação e Urbanismo) e eng. José Carlos Viana (Marinha Mercante).

Ministério da Educação e Cultura — eng. José Manuel Prostes da Fonseca (Administração Escolar), prof.ª Maria de Lurdes Belchior (Assuntos Culturais e Investigação Científica), dr. António Avelãs Nunes (Desportos e Acção Social Escolar) e dr. Rui Grácio (Orientação Pedagógica).

Ministério do Trabalho — dr. Carlos Alberto Carvalhas (Trabalho), eng. Pedro Amadeu dos Santos Coelho (Emigração) e eng. José Balseiro Fragata (Emprego).

Ministério dos Assuntos Sociais — major-médico da Força Aérea dr. Carlos Cruz e Oliveira (Saúde) e dr. Henrique Santa Clara Gomes (Segurança Social).

Os dois subsecretários empossados, são o dr. Armando Bacelar e o arq. Gonçalo Ribeiro Teles, respectivamente, nos Subsecretariados de Administração Judiciária (Ministério da Justiça) e do Ambiente (Ministério do Equipamento Social).

Serão entretanto nomeados alguns directores-gerais e técnicos dos diversos ministérios, admitindo-se como muito provável a designação do dr. Herberto Goulart para um cargo importante na nova Secretaria de Estado do Emprego, depois que o mesmo declinou o convite para ministro do Trabalho e mais tarde para titular da mesma Secretaria de Estado, em qualquer dos casos para facilitar a constituição do Governo.

NOVOS CONSELHEIROS DE ESTADO

A partida do almirante Rosa Coutinho para Angola deverá abrir mais uma vaga no Conselho de Estado. Espera-se que seja substituído por outro oficial general que também tenha o apoio do Movimento das Forças Armadas.

Sabe-se, entretanto, que o M.F.A. terá indicado para ocupar vagas no Conselho de Estado o tenente-coronel Charais e os capitães Vasco Lourenço e Pinto Soares, os quais vão ocupar três das vagas abertas pela designação para ministros de quatro membros da Comissão Coordenadora do M.F.A.